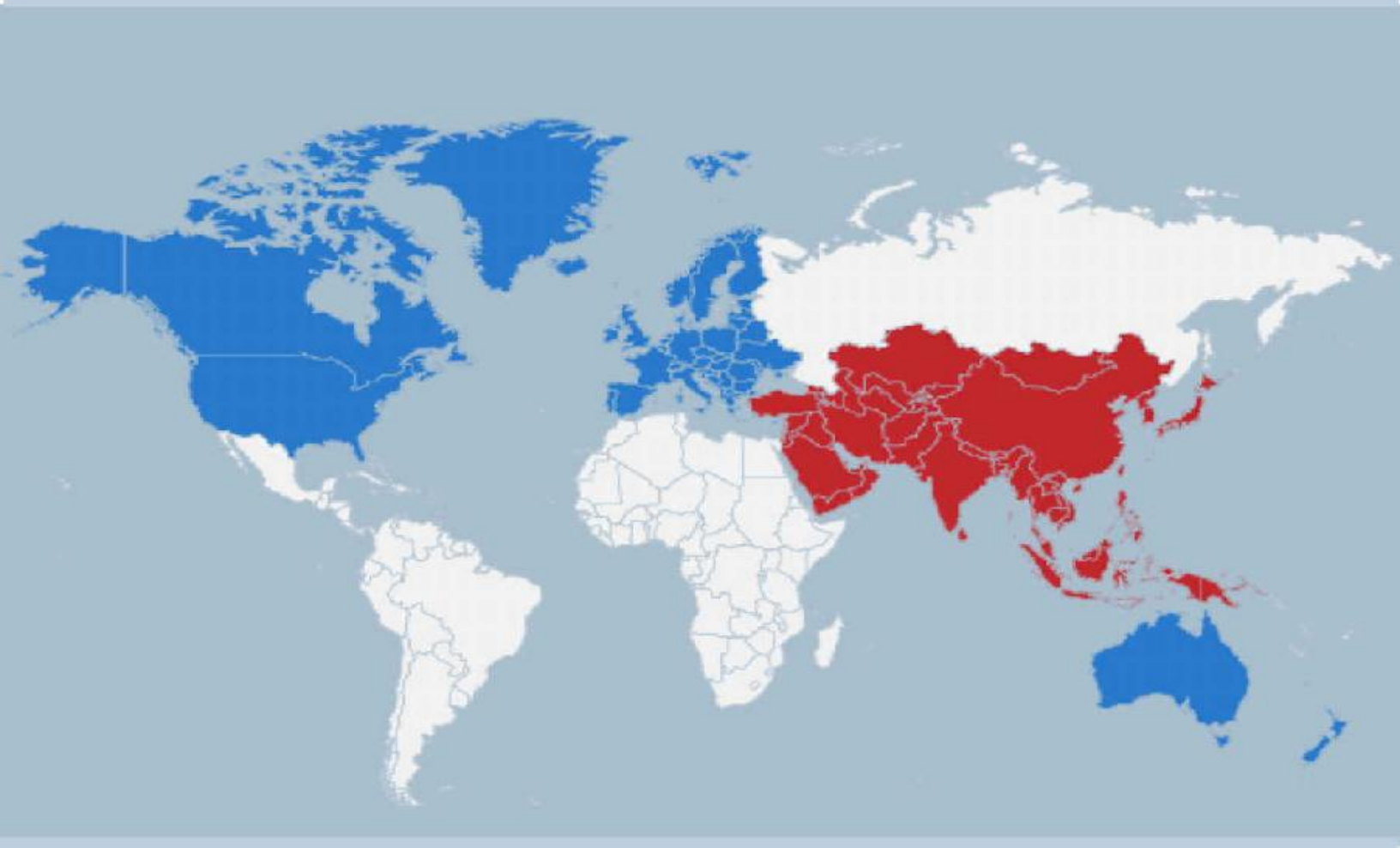
A CRISE DO MUNDO MODERNO



RENÉ GUÉNON

Tradução do original LA CRISE DU MONDE MODERNE, Paris: Les Éditions Gallimard, 1946, 187 pp.

René Guénon

A CRISE DO MUNDO MODERNO

INSTITUTO
CONVIVIVM

Copyright 2021 © INSTITUTO CONVIVIVM

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do editor.

O Conselho Editorial do Instituto Convivivm edita obras de valor histórico e cultural que trazem a compreensão da vida humana em sociedade.

Tradução e revisão: Cláudio Toldo
Editoração eletrônica e Projeto gráfico: Instituto Convivivm
Criciúma - CEP 88802-250 – SC
http://www.institutoconvivium.com
© Todos os direitos reservados

Guénon, René, 1886-1951.
A CRISE DO MUNDO MODERNO / René Guénon / Cláudio Toldo / 162p. / Seleção e organização do Instituto Convivivm – Criciúma, SC, 2021.
ASIN: B09HWP4SWF
1. Crise mundial, Ocidente. 2. Crise mundial, Oriente. 3. Tradição. 4. Antiguidade. 5.Idade Média. 6. Idade Moderna.
I. Autor. II. Título.

Índice

Prefácio

Capítulo I
A Idade Das Trevas

Capítulo II
A Oposição Do Oriente E Do Oeste

Capítulo III
Conhecimento E Ação

Capítulo IV
Ciência Sagrada E Ciência Secular

Capítulo V
Individualismo

Capítulo VI
Caos Social

Capítulo VII
Uma Civilização Material

Capítulo VIII
A Invasão Ocidental

Capítulo IX
Algumas Conclusões

O Autor

Outras Obras da Convivivm

Prefácio

Quando escrevemos Oriente e Ocidente há alguns anos, pensamos que tínhamos dado todas as indicações úteis sobre as perguntas que eram o tema deste livro, pelo menos naquele momento. Desde então, os eventos têm corrido com velocidade crescente, e, sem nos fazer mudar uma única palavra para o que estávamos dizendo então, eles fazem alguns esclarecimentos adicionais oportunamente e nos levam a desenvolver pontos de vista sobre os quais não tínhamos pensado que era necessário insistir primeiro. Esses esclarecimentos são ainda mais necessários, uma vez que temos visto novamente, nos últimos tempos, e de forma bastante agressiva, algumas das confusões que já nos esforçamos precisamente para dissipar; embora cuidadosamente abstendo-se de se envolver em qualquer controvérsia, nós achamos adequado para definir as coisas em linha reta mais uma vez. Há, nesta ordem, considerações, mesmo elementares, que parecem tão estranhas à grande maioria de nossos contemporâneos, que, a fim de fazê-los entender, não devemos cansar de retornar a eles muitas vezes, apresentando-os sob seus diferentes aspectos, e explicando mais plenamente, como as circunstâncias permitem, o que pode dar origem a dificuldades que nem sempre foram possíveis de prever no início.

O próprio título deste volume requer algumas explicações que devemos fornecer antes de tudo, para que fique claro como o entendemos e para que não haja ambiguidade a esse respeito. Que se pode falar de uma crise do mundo moderno, tendo essa palavra "crise" em seu sentido mais comum, é algo que muitos não duvidam mais, e, a este respeito, pelo menos, houve uma mudança bastante significativa: sob a própria ação dos acontecimentos, certas ilusões começam a se dissipar, e só podemos nos parabenizar por isso, pois há, apesar de tudo, um sintoma bastante

favorável, a indicação de uma possibilidade de reparação da mentalidade contemporânea, algo que aparece como um brilho fraco no meio do caos atual. Assim, a crença no "progresso" indefinido, que antes era considerado uma espécie de dogma intangível e indiscutível, não é mais tão geralmente aceita; alguns vêem mais ou menos vagamente, mais ou menos confusamente, que a civilização ocidental, em vez de sempre ir na mesma direção, pode um dia chegar a uma paralisação, ou até mesmo afundar inteiramente em algum cataclismo. Talvez eles não vejam claramente onde está o perigo, e os medos quiméricos ou infantis que às vezes manifestam provam suficientemente a persistência de muitos erros em suas mentes; mas finalmente já é algo que eles percebem que há um perigo, mesmo que eles sintam mais do que realmente entendem, e que eles conseguem conceber que esta civilização cujos modernos são tão apaixonados não ocupa um lugar privilegiado na história do mundo, que pode ter o mesmo destino que tantos outros que já desapareceram em tempos mais ou menos distantes, e alguns dos quais deixaram para trás apenas traços minúsculos, vestígios quase imperceptíveis ou difíceis de reconhecer.

Então, se dizemos que o mundo moderno está em crise, o que queremos dizer mais comumente com isso é que ele chegou a um ponto de inflexão, ou, em outras palavras, que uma transformação mais ou menos profunda é iminente, que uma mudança de direção terá que ocorrer inevitavelmente no curto prazo, de vontade ou força, de forma mais ou menos abrupta, com ou sem catástrofe. Esse significado é perfeitamente legítimo e corresponde bem a uma parte do que pensamos sobre nós mesmos, mas apenas a uma parte, porque, para nós, e de um ponto de vista mais geral, é tudo. A era moderna, como um todo, que representa para o mundo um período de crise; parece, aliás, que nos aproximamos do fim, e é isso que torna hoje mais perceptível do que nunca a anormalidade deste estado de coisas que já perdura há vários séculos, mas cujas consequências ainda não foram tão visíveis como agora. É também por isso que os eventos estão se desenrolando com essa velocidade acelerada à qual estávamos aludindo primeiro; sem dúvida, pode continuar assim por algum tempo ainda, mas não indefinidamente; e mesmo, sem poder atribuir um limite preciso, tem-se a impressão de que não pode durar muito.

Mas, na própria palavra "crise", outros significados são contidos, o que a torna ainda mais apta a expressar o que queremos dizer: sua etimologia, na verdade, que muitas vezes perdemos de vista no uso comum, mas para a qual é necessário referir como devemos sempre fazer quando queremos restaurar a plenitude de seu próprio significado e seu valor original, sua etimologia, dizemos, torna-a parcialmente sinônimo de "julgamento" e "discriminação". A fase que pode ser dita como verdadeiramente "crítica", em qualquer ordem das coisas, é aquela que imediatamente leva a uma solução favorável ou desfavorável, aquela em que uma decisão intervém em uma direção ou outra; é, portanto, que é possível fazer um julgamento sobre os resultados adquiridos, pesar os "prós" e os "contras", fazendo uma espécie de classificação entre esses resultados, alguns positivos, os outros negativos, e assim ver de que lado o saldo está definitivamente inclinado. É claro que não temos pretensão de estabelecer tal discriminação de forma completa, o que seria prematuro, uma vez que a crise ainda não foi resolvida e talvez nem seja possível dizer exatamente quando e como será, especialmente porque é sempre preferível abster-se de certas previsões que não podem ser baseadas em razões claramente inteligível para todos, e que, como resultado, seria muito provável que fosse mal interpretado e adicionasse à confusão em vez de remediar. Tudo o que podemos propor é, portanto, contribuir, até certo ponto e por mais que os meios de que dispomos nos permitam, para dar a quem o pode fazer a consciência de alguns resultados que parecem bem estabelecidos a partir de agora, e assim preparar, ainda que de maneira muito parcial e bastante indireta, os elementos que deverão servir a partir de então para o futuro "juízo", a partir do qual se abrirá um novo período na história da humanidade terrestre.

Algumas das expressões que acabamos de usar, sem dúvida, evocarão, na mente de alguns, a ideia do chamado "último julgamento", e, para dizer a verdade, não será errado; se ouvimos literalmente ou simbolicamente, ou de ambas as formas ao mesmo tempo, porque eles não são de forma alguma exclusivos na realidade, não importa aqui, e este não é o lugar ou o momento para nos explicarmos inteiramente sobre este ponto. De qualquer forma, esse equilíbrio do "a favor" e do "contra", essa discriminação de resultados positivos e negativos, que estávamos falando anteriormente,

certamente pode nos fazer pensar na distribuição dos "eleitos" e dos "condenados" em dois grupos imutavelmente fixos agora; mesmo que haja apenas uma analogia aqui, deve-se reconhecer que é pelo menos uma analogia válida e bem fundamentada, em conformidade com a própria natureza das coisas; e isso ainda exige algumas explicações.

Certamente não é por acaso que tantas mentes hoje são assombradas pela ideia do "fim do mundo"; podemos lamentar isso em alguns aspectos, porque as extravagâncias às quais essa ideia incompreendida dá origem, as divagações "messiânicas" que são a consequência em vários círculos, todas essas manifestações resultantes do desequilíbrio mental de nosso tempo, só agravam esse mesmo desequilíbrio em proporções que não são absolutamente desprezíveis; mas, finalmente, não é menos certo que este é um fato que não pode ser evitado de levar em conta. A atitude mais conveniente, quando vemos coisas desse tipo, é certamente a de descartá-las pura e simplesmente sem exames adicionais, de tratá-las como erros ou devaneios sem importância; no entanto, pensamos que, mesmo que sejam de fato erros, é melhor, ao mesmo tempo em que as denunciamos como tal, procurar as razões que as provocaram e a parte da verdade mais ou menos distorcida que pode ser contida nelas apesar de tudo, porque, uma vez que o erro tem em suma apenas um modo de existência puramente negativo, o erro absoluto não pode ser encontrado em qualquer lugar e é apenas uma palavra vazia de significado. Se olharmos para as coisas dessa forma, é fácil ver que essa preocupação com o "fim do mundo" está intimamente ligada ao estado geral de mal-estar em que vivemos atualmente. A obscura apresentação de algo que está realmente perto de acabar, agindo sem controle sobre certas imaginações, produz naturalmente representações desordenadas, e, na maioria das vezes, grosseiramente materializadas, que, por sua vez, são traduzidas externamente nas extravagâncias às quais acabamos de aludir. Esta explicação não é uma desculpa a favor dos que pensam assim; ou pelo menos se pode desculpar aqueles que involuntariamente caem neste erro, porque eles estão predispostos a crer no fim do mundo por um estado mental pelo qual não são responsáveis, isso nunca pode ser uma razão para desculpar o erro em si. Além disso, no que nos diz respeito, certamente não podemos ser acusados de indulgência excessiva às manifestações

"pseudo-religiosas" do mundo contemporâneo, nem de todos os erros modernos em geral; sabemos até que alguns ficariam tentados a nos censurar do contrário, e talvez o que dizemos aqui os faça entender melhor como vemos essas coisas, esforçando-se para sempre nos colocarmos no único ponto de vista que importa para nós, o da verdade imparcial e desinteressada.

Isso não é tudo: uma explicação meramente "psicológica" da ideia do "fim do mundo" e suas manifestações atuais, porém apenas em sua ordem, não pode ser considerada aos nossos olhos como totalmente suficiente; deixá-lo nisso seria ser influenciado por uma dessas ilusões modernas contra as quais nos levantamos precisamente em todas as ocasiões. Alguns, dissemos, sentem confusamente o fim iminente de algo cuja natureza e escopo não podem definir exatamente; deve-se admitir que eles têm aqui uma percepção muito real, embora vaga e sujeita a falsas interpretações ou distorções imaginativas, uma vez que, qualquer que seja esse fim, a crise que deve necessariamente levá-la é bastante evidente, e que uma multidão de sinais inequívocos e fáceis de notar tudo leva de forma concordante à mesma conclusão. Este fim provavelmente não é o "fim do mundo", no sentido total de que alguns querem ouvi-lo, mas é pelo menos o fim de um mundo; e, se o que está para acabar é a civilização ocidental em sua forma atual, é compreensível que aqueles que se acostumaram a não ver nada fora dela, a considerá-la como "civilização" sem um epíteto, facilmente acreditem que tudo terminará com ela, e que, se vier a desaparecer, será realmente o "fim do mundo".

Por isso, diremos, a fim de trazer as coisas de volta às suas proporções adequadas, que parece que estamos realmente nos aproximando do fim de um mundo, ou seja, o fim de uma época ou um ciclo histórico, que pode, além disso, ser em correspondência com um ciclo cósmico, de acordo com o que todas as doutrinas tradicionais ensinam a esse respeito. Houve muitos eventos de importância desigual, além disso, de acordo com se eles terminam períodos mais ou menos extensos e se eles dizem respeito a toda a humanidade terrena, ou apenas uma ou outra de suas porções, uma determinada raça ou pessoas. É de se supor, no estado atual do mundo, que a mudança que ocorrerá terá um escopo muito geral, e que, seja qual for a forma que for preciso, e que não pretendemos buscar definir, afetará mais

ou menos toda a Terra. De qualquer forma, as leis que regem tais eventos são analogicamente aplicáveis a todos os graus; então o que se diz do "fim do mundo", em um sentido tão completo quanto possível conceber, e que, além disso, geralmente se relaciona apenas com o mundo terrestre, ainda é verdade, em todas as proporções, quando é simplesmente o fim de qualquer mundo em um sentido muito mais restrito.

Essas observações preliminares percorrerão um longo caminho na compreensão das considerações que se seguirão; já tivemos a oportunidade, em outros trabalhos, de se referir muitas vezes a "leis cíclicas"; também pode ser difícil fazer dessas leis uma exposição completa de uma forma facilmente acessível às mentes ocidentais, mas pelo menos é necessário ter alguns dados sobre este assunto se quisermos ter uma ideia verdadeira do que é a era atual e o que exatamente ela representa em toda a história do mundo. É por isso que começaremos mostrando que as características desta época são realmente aquelas que as doutrinas tradicionais sempre indicaram para o período cíclico ao qual ela corresponde; e também mostrará que o que é anomalia e desordem em um certo aspecto é, no entanto, um elemento necessário de uma ordem maior, uma consequência inevitável das leis que regem o desenvolvimento de toda manifestação. Além disso, digamos que não é motivo para sofrer passivamente o tumulto e a escuridão que parecem triunfar momentaneamente, porque, se fosse assim, só teríamos que permanecer em silêncio; é um, pelo contrário, trabalhar, tanto quanto pudermos, para preparar a saída dessa "era das trevas" da qual muitas pistas já tornam possível vislumbrar o mais ou menos iminente. Isso também é para que o equilíbrio seja o resultado da ação simultânea de duas tendências opostas; se um ou outro pudesse deixar de agir completamente, o equilíbrio nunca mais seria encontrado e o próprio mundo desapareceria; mas essa suposição é inviável, pois os dois termos de uma oposição têm significado apenas um pelo outro, e, quaisquer que sejam as aparências, pode-se ter certeza de que todos os desequilíbrios parciais e transitórios contribuem para a realização do equilíbrio total.

Capítulo I

A IDADE
DAS TREVAS

A doutrina hindu ensina que a duração de um ciclo humano, ao qual dá o nome de Manvantara, é dividida em quatro idades, que marcam as fases de uma ofuscação gradual da espiritualidade primordial; são esses mesmos períodos que as tradições da antiguidade ocidental, por sua vez, designam como as idades do ouro, prata, latão e ferro. Estamos atualmente na quarta idade, o Kali-Yuga[1] ou a "idade das trevas", e estamos lá, diz-se, há mais de seis mil anos, ou seja, desde um tempo bem antes de todos aqueles que são conhecidos na história "clássica". Desde então, verdades que antes eram acessíveis a todos os homens tornaram-se cada vez mais ocultas e difíceis de alcançar; aqueles que as possuem são cada vez menos, e, se o tesouro da sabedoria "não-humana", antes de todas as idades, não pode ser perdido, ele é, no entanto, envolto em véus cada vez mais impenetráveis, que o escondem da vista e sob os quais é extremamente difícil descobri-lo. É por isso que há em todos os lugares, sob vários símbolos, fala-se de algo que se perdeu, na aparência, pelo menos e em relação ao mundo exterior, e que deve ser redescoberto por aqueles que aspiram ao verdadeiro conhecimento; mas também se diz que o que está, portanto, escondido, voltará a ser visível no final deste ciclo, o que ao mesmo tempo, em virtude da continuidade que conecta todas as coisas, será o início de um novo ciclo.

Mas, sem dúvida, pergunta-se, por que o desenvolvimento cíclico deve ser realizado dessa forma em uma direção descendente, indo do superior ao inferior, o que, como se notará facilmente, é a própria negação da ideia de "progresso" como os modernos entendem? É que o desenvolvimento de qualquer manifestação implica necessariamente uma distância cada vez maior do princípio a partir do qual procede; a partir do ponto mais alto, ele necessariamente tende para baixo, e, como corpos pesados, ele tende lá com uma velocidade cada vez maior, até que finalmente encontra um ponto de parada. Essa queda poderia ser caracterizada como uma materialização progressiva, pois a expressão do princípio é pura espiritualidade; dizemos a expressão, e não o princípio em si, porque não pode ser designado por nenhum dos termos que parecem indicar qualquer oposição, estando além de todas as oposições. Além disso, palavras como "espírito" e "matéria", que emprestamos aqui por conveniência da língua ocidental, têm pouco valor simbólico para nós; eles podem, em qualquer caso, realmente ser adequados para o que se trata apenas se as interpretações especiais dadas à filosofia moderna forem descartadas, das quais o "espiritualismo" e o "materialismo" são, em nossa opinião, apenas duas formas complementares que se envolvem e que são igualmente insignificantes para aqueles que querem superar esses pontos de vista contingentes. Mas, além disso, não é pura metafísica que propomos lidar aqui, e é por isso que, sem nunca perder de vista os princípios essenciais, podemos, ao mesmo tempo em que tomamos as precauções necessárias para evitar qualquer ambiguidade, permitir-nos o uso de termos que, embora inadequados, parecem tornar as coisas mais facilmente compreensíveis, na medida em que isso pode ser feito sem distorcê-los.

O que acabamos de dizer sobre o desenvolvimento da manifestação apresenta uma visão que, para ser exato no geral, é, no entanto, muito simplificada e esquemática, na qual pode nos fazer pensar que esse desenvolvimento ocorre em linha reta, em uma direção única e sem oscilação de qualquer tipo; a realidade é de outra forma complexa. De fato, é necessário considerar em todas as coisas, como já indicamos acima, duas tendências opostas, uma descendente e outra ascendente, ou se uma quiser usar outro modo de apresentação, uma centrífuga e outra centrípeta; e a predominância de um ou de outro procede de duas fases

complementares de manifestação, uma de distância do princípio, a outra de retorno ao princípio, que muitas vezes são simbolicamente comparadas aos movimentos do coração ou às duas fases da respiração. Embora essas duas fases sejam geralmente descritas como sucessivas, deve-se entender que, na realidade, as duas tendências às quais correspondem sempre agem simultaneamente, embora em proporções diferentes; e às vezes acontece, em certos momentos críticos em que a tendência de queda parece estar prestes a prevalecer definitivamente no curso geral do mundo, que a ação especial intervém para reforçar a tendência oposta, de modo a restaurar um certo equilíbrio pelo menos relativo, como pode ser implicado pelas condições do momento, e assim fazer uma recuperação parcial, pelo qual o movimento de queda pode parecer ser temporariamente parado ou neutralizado[2].

É fácil entender que esses dados tradicionais, dos quais devemos nos limitar a esboçar uma visão geral muito breve, tornam as concepções possíveis muito diferentes de todas as tentativas da "filosofia da história" em que os modernos se envolvem, e de outra forma vastas e profundas. Mas não pensamos, no momento, voltar às origens do atual ciclo, ou ainda mais simplesmente aos primórdios do Kali-Yuga; nossas intenções relacionam, pelo menos diretamente, a uma área muito mais limitada, às últimas fases deste mesmo Kali-Yuga. De fato, dentro de cada um dos principais períodos de que falamos, ainda podemos distinguir diferentes fases secundárias, que constituem tantas subdivisões; e, cada parte sendo de alguma forma análoga ao todo, essas subdivisões se reproduzem, por assim dizer, em menor escala, a marcha geral do grande ciclo em que estão integradas; mas, aqui, novamente, uma busca completa pelas modalidades de aplicação desta lei aos diversos casos individuais nos levaria muito além do quadro que estabelecemos para nós mesmos para este estudo. Mencionaremos apenas, para concluir essas considerações preliminares, algumas das últimas épocas particularmente críticas pelas qual a humanidade passou, aquelas que se enquadram no período que geralmente é chamado de "histórico", porque é de fato o único que é realmente acessível à história ordinária ou "profana"; e isso naturalmente nos levará ao que deve ser o objeto adequado do nosso estudo, uma vez

que a última dessas épocas críticas é nada menos do que aquela que constitui o que é chamado de tempos modernos.

É um fato bastante estranho, que parece que nunca notamos como merece, é que o período estritamente "histórico", no sentido que acabamos de indicar, remonta exatamente ao século VI antes da era cristã, como se houvesse, com o tempo, uma barreira que não é possível atravessar com a ajuda dos meios de investigação disponíveis aos pesquisadores comuns. A partir desse momento, de fato, há em todos os lugares uma cronologia bastante precisa e bem estabelecida; por tudo o que é anterior, pelo contrário, apenas uma aproximação muito vaga é geralmente obtida, e as datas propostas para os mesmos eventos muitas vezes variam por vários séculos. Mesmo para países onde temos mais do que apenas restos dispersos, como o Egito, por exemplo, isso é muito marcante; e o que talvez seja ainda mais surpreendente é que, em um caso excepcional e privilegiado como o da China, que possui, por períodos muito mais distantes, anais datados por meio de observações astronômicas que não devem deixar margem para qualquer dúvida, os modernos, no entanto, descrevem essas eras como "lendárias", como se houvesse uma área onde não reconhecessem o direito a qualquer certeza e onde se reconheçam proibir-se de obtê-los. A chamada antiguidade "clássica" é, portanto, para dizer a verdade, apenas uma antiguidade relativa, e ainda muito mais próxima dos tempos modernos do que da verdadeira antiguidade, uma vez que nem sequer volta para metade do *Kali-Yuga,* cuja duração é em si, de acordo com a doutrina hindu, apenas a décima parte da de Manvantara; e pode-se julgar suficientemente por isso o quanto os modernos estão certos em se orgulhar da extensão de seu conhecimento histórico! Tudo isso, eles provavelmente responderiam novamente para se justificarem, são apenas períodos "lendários", e é por isso que eles sentem que não têm que levá-los em conta; mas esta resposta é precisamente uma admissão de sua ignorância, e de um mal-entendido que sozinho pode explicar seu desdém pela tradição; a mente especificamente moderna é, de fato, como mostraremos mais tarde, nada além do espírito anti-tradicional.

No século VI a.C., houve mudanças consideráveis em quase todos os povos, seja qual for a causa; essas mudanças também tiveram características diferentes em diferentes países. Em alguns casos, foi uma

reabilitação da tradição para condições diferentes das que existiam anteriormente, uma reabilitação que foi realizada em um sentido rigorosamente ortodoxo; isto é o que ocorreu especialmente na China, onde a doutrina, originalmente constituída como um único todo, foi então dividida em duas partes distintas: o Taoísmo, reservado para uma elite, e compreendendo metafísica pura e ciências tradicionais de uma ordem estritamente especulativa; e o Confucionismo, comum a todos sem distinção, e tendo como campo aplicações práticas e principalmente sociais. Entre os persas, parece que houve também uma reabilitação do Mazdeísmo, porque esta foi a vez do último Zoroaster[3]. Na Índia, nasceu o Budismo, que, seja qual for o seu personagem original[4], pelo menos em alguns de seus ramos, levou a uma revolta contra o espírito tradicional, indo tão longe quanto à negação de toda autoridade, a uma verdadeira anarquia, no sentido etimológico de "ausência de princípio", na ordem intelectual e na ordem social. O que é bastante curioso é que não há monumentos na Índia que remontam a esse tempo, e os orientalistas, que querem começar tudo com o Budismo, cuja importância eles singularmente exageram, tentaram aproveitar essa observação em favor de sua tese; a explicação do fato é, no entanto, bastante simples: é que todas as construções anteriores foram feitas de madeira, de modo que eles desapareceram naturalmente sem deixar rastros[5]; mas o que é verdade é que tal mudança no modo de construção corresponde necessariamente a uma profunda mudança nas condições gerais de existência das pessoas.

À medida que nos aproximamos do Ocidente, vemos que a época era a mesma, entre os judeus, do cativeiro da Babilônia; e o que talvez seja um dos fatos mais surpreendentes que temos que observar é que um curto período de setenta anos foi suficiente para fazê-los perder até sua escrita, já que eles então tiveram que reconstituir os Livros Sagrados com personagens bem diferentes daqueles que estavam em uso até então. Poderíamos mencionar muitos outros eventos relacionados com a mesma data: notamos apenas que foi para Roma o início do período propriamente "histórico", sucedendo o tempo "lendário" dos reis, e que também sabemos, embora de forma um tanto vaga, que havia então movimentos importantes entre os povos celtas; mas, sem insistir mais nisso, chegaremos ao que diz respeito à Grécia. Aqui também, o século VI foi o

ponto de partida da chamada civilização "clássica", a única para a qual os modernos reconhecem o caráter "histórico", e tudo o mais é pouco conhecido o suficiente para ser chamado de "lendário", embora descobertas arqueológicas recentes não nos permitam mais duvidar que, pelo menos, havia uma civilização muito real lá; e temos alguma razão para pensar que esta primeira civilização helênica foi muito mais intelectualmente interessante do que aquela que a seguiu, e que suas relações não são sem oferecer alguma analogia com aquelas que existem entre a Europa medieval e a Europa moderna. No entanto, deve-se notar que a divisão não foi tão radical como no último caso, pois houve, pelo menos parcialmente, uma reabilitação realizada na ordem tradicional, principalmente no campo dos "mistérios"; e o pitagórico deve estar ligado a ele, que foi, acima de tudo, de uma nova forma, uma restauração do orfismo anterior, e cujas ligações óbvias com o culto del-fínico da Apollo hiperbórea[6] até tornam possível prever uma filiação contínua e regular com uma das tradições mais antigas da humanidade. Mas, por outro lado, logo vimos o aparecimento de algo do qual ainda não tínhamos tido qualquer exemplo e que, posteriormente, exerceria uma influência prejudicial sobre todo o mundo ocidental: queremos falar desse modo especial de pensamento que tomou e manteve o nome de "filosofia"; e este ponto é importante o suficiente para pararmos por aí por alguns momentos.

A palavra "filosofia", em si, certamente pode ser tomada em um sentido muito legítimo, que foi, sem dúvida, seu significado primitivo, especialmente se for verdade que, como se diz, foi Pitágoras quem a usou pela primeira vez: etimologicamente, não significa nada além de "amor à sabedoria"; designa, antes de tudo, uma disposição prévia necessária à sabedoria dos ates, e também pode designar, por uma extensão completamente natural, a busca que, nascida dessa mesma disposição, deve levar ao conhecimento. Trata-se, portanto, apenas de uma etapa preliminar e preparatória, uma jornada em direção à sabedoria, um grau correspondente a um estado inferior a ele[7]; o desvio que então ocorreu consistia em tomar esse grau transitório para o próprio propósito, em fingir substituir a "filosofia" pela sabedoria, o que implica esquecer ou ignorar a verdadeira natureza deste último. Assim nasceu o que podemos

chamar de filosofia "profana", ou seja, uma chamada sabedoria puramente humana, portanto, de uma ordem simplesmente racional, tomando o lugar da verdadeira sabedoria tradicional, suprarcional e "não-humana". No entanto, ainda havia algo dela deixado ao longo da antiguidade, o que prova, antes de tudo, a persistência dos "mistérios", cujo caráter essencialmente "iniciatório" não pode ser contestado, e é também o fato de que o ensino dos próprios filósofos tinha tanto, na maioria das vezes, um lado "exotérico" e um lado "esotérico", sendo este último capaz de permitir a conexão a um ponto de vista mais alto, que também se manifesta de forma muito clara, embora talvez incompleto em alguns aspectos, alguns séculos depois, entre os alexandrinos. Para que a filosofia "profana" fosse definitivamente constituída como tal, era necessário que o "exoterismo" sozinho permanecesse e que se fosse tão longe quanto a negação pura e simples de todo "esoterismo"; isto é precisamente o que o movimento iniciado pelos gregos era, levado então aos modernos; as tendências que já haviam se afirmado entre eles deveriam então ser empurradas para suas consequências mais extremas, e a importância excessiva que tinham ligado ao pensamento racional seria ainda mais acentuada a fim de chegar ao "racionalismo", uma atitude especialmente moderna que consiste, nem mesmo simplesmente em ignorar, mas em negar expressamente tudo o que é de natureza suprarcional; mas não vamos mais antecipar, porque teremos que voltar a essas consequências e ver seu desenvolvimento em outra parte da nossa apresentação.

No que acaba de ser dito, uma coisa é ser lembrado particularmente do ponto de vista que nos preocupa: é apropriado olhar na antiguidade "clássica" algumas das origens do mundo moderno; este último, portanto, não está totalmente errado quando recomenda a civilização greco-latina e afirma ser seu contínuo. Deve-se dizer, no entanto, que esta é apenas uma continuação distante e um tanto infiel, pois havia, no entanto, muitas coisas nesta antiguidade, na ordem intelectual e espiritual, o equivalente a que não pode ser encontrado nos modernos; eles são, em qualquer caso, na obscurantidade progressiva do conhecimento verdadeiro, dois graus bastante diferentes. Também poderia ser concebível que a decadência da civilização antiga trouxesse, gradualmente e sem uma solução de continuidade, um Estado mais ou menos semelhante ao que vemos hoje;

mas, na verdade, não foi assim, e nesse meio tempo houve outra época crítica para o Ocidente, que foi ao mesmo tempo uma daquelas épocas de recuperação às quais aludimos acima.

Este período é o do início e expansão do cristianismo, coincidindo, por um lado, com a dispersão do povo judeu, e, por outro, com a última fase da civilização greco-latina; e podemos avançar mais rapidamente nesses eventos, apesar de sua importância, porque eles são mais conhecidos do que aqueles que falamos até agora, e seu sincronismo tem sido mais notado, mesmo de historiadores cujas opiniões são as mais superficiais. Também tem sido apontado muitas vezes algumas características comuns à decadência antiga e à atual era; e, sem querer ir muito longe do paralelismo, devemos reconhecer que existem de fato algumas semelhanças bastante marcantes. A filosofia puramente "profana" ganhou terreno: a aparência de ceticismo, por um lado, o sucesso do "moralismo" estoico e Epicuro, por outro, mostram o suficiente como a intelectualidade havia baixado. Ao mesmo tempo, as antigas doutrinas sagradas, que quase ninguém mais entendia, haviam degenerado, por causa desse mal-entendido, no "paganismo" no verdadeiro sentido desta palavra, ou seja, não eram mais do que "superstições", coisas que, tendo perdido seu profundo significado, sobrevivem por manifestações bastante externas. Houve tentativas de reagir contra essa decadência: o próprio helenismo tentou reviver-se com elementos emprestados das doutrinas orientais com as quais poderia estar em contato; mas isso já não era suficiente, a civilização greco-latina tinha que acabar, e a recuperação teve que vir de outro lugar e ocorrer de uma forma completamente diferente. Foi o cristianismo que realizou essa transformação; e, vamos notar de passagem, a comparação que pode ser feita em certos aspectos entre este tempo e o nosso é talvez um dos elementos determinantes do desordenado "messianismo" que está surgindo hoje. Após o período conturbado das invasões bárbaras, necessárias para completar a destruição do antigo estado das coisas, uma ordem normal foi restaurada por um período de alguns séculos; era a Idade Média, tão desconhecida pelos modernos que são incapazes de entender sua intelectualidade, e para quem esta era certamente parece muito mais estranha e distante do que a antiguidade "clássica".

A verdadeira Idade Média, para nós, estende-se desde o reinado de Carlos Magno até o início do século XIV; nesta última data começa uma nova decadência que, através de várias etapas, se tornará mais acentuada para nós. Este é o verdadeiro ponto de partida da crise moderna: é o início da desintegração da "Cristandade", com a qual a civilização ocidental da Idade Média essencialmente se identificou; é, ao mesmo tempo que o fim do regime feudal, bastante solidário com essa mesma "cristandade", a origem da constituição das "nacionalidades". Portanto, é necessário voltar à era moderna quase dois séculos antes do que normalmente é feito; o Renascimento e a Reforma são acima de todos os resultantes, e eles foram possíveis apenas por decadência prévia; mas, longe de ser uma recuperação, marcaram uma queda muito mais profissional, porque consumiram a ruptura definitiva com o espírito tradicional, um no campo da ciência e das artes, o outro no campo religioso em si, que foi, no entanto, aquele em que tal ruptura poderia ter parecido mais difícil de conceber.

O chamado Renascimento foi na realidade, como já dissemos em outras ocasiões, a morte de muitas coisas; sob o pretexto de retornar à civilização greco-romana, apenas o que tinha tido mais externo foi tomado, porque só isso poderia ser expresso claramente em textos escritos; e essa restituição incompleta só poderia ter um caráter muito artificial, uma vez que eram formas que, durante séculos, haviam deixado de viver de sua verdadeira vida. Quanto às ciências tradicionais da Idade Média, depois de terem tido algumas últimas manifestações naquela época, elas desapareceram tão totalmente quanto as de civilizações distantes que já foram aniquiladas por algum cataclismo; e, desta vez, nada estava para vir e substituí-los. Havia, a partir de agora, apenas filosofia e ciência "seculares", ou seja, a negação da verdadeira intelectualidade, a limitação do conhecimento à ordem mais baixa, o estudo empírico e analítico de fatos que não estão ligados a nenhum princípio, a dispersão em uma multidão indefinida de detalhes insignificantes, o acúmulo de hipóteses infundadas, que incessantemente se destroem, e visões fragmentárias que não podem levar a nada, exceto aquelas aplicações práticas que constituem a única superioridade efetiva da civilização moderna; superioridade invejável, além disso, e que, ao desenvolver-se a ponto de sufocar qualquer outra preocupação, deu a esta

civilização o caráter puramente material que a torna uma verdadeira monstruosidade.

O que é bastante extraordinário é a velocidade com que a civilização da Idade Média caiu em completo esquecimento; os homens do século XVII já não tinham a menor noção dela, e os monumentos que restaram dele não representavam mais nada em seus olhos, nem na ordem intelectual, nem mesmo na ordem estética; isso pode ser visto quanto a mentalidade tinha sido alterada nesse meio tempo. Não nos comprometeremos a procurar aqui os fatores, certamente muito complexos, que contribuíram para essa mudança, tão radical que parece difícil admitir que poderia ter ocorrido espontaneamente e sem a intervenção de uma vontade orientadora cuja natureza exata permanece necessariamente bastante enigmática; há, a este respeito, circunstâncias muito estranhas, como a popularização, em um dado momento, de novas descobertas, de coisas que eram realmente conhecidas há muito tempo, mas cujo conhecimento, por causa de certas desvantagens que poderiam exceder suas vantagens, não havia sido espalhadas até então no domínio público[8]. Também é implausível que a lenda que fez da Idade Média um tempo de "escuridão", ignorância e barbárie, tenha nascido e credenciado por si só, e que a verdadeira falsificação da história à qual os modernos se entregavam fosse realizada sem quaisquer ideias preconcebidas; mas não vamos mais longe na análise dessa questão, porque, de qualquer forma que este trabalho tenha sido feito, é, no momento, a observação do resultado que, em suma, mais importa para nós.

Há uma palavra que foi honrada na Renascença, e que resumiu antecipadamente todo o programa da civilização moderna: esta palavra é a de "humanismo". Na verdade, era uma questão de reduzir tudo a proporções puramente humanas, de ignorar qualquer princípio de ordem superior, e, pode-se dizer, simbolicamente, de se afastar do céu sob o pretexto de conquistar a terra; os gregos, cujo exemplo foi afirmado ser seguido, nunca tinham ido tão longe nessa direção, mesmo na época de sua maior decadência intelectual, e pelo menos preocupações utilitárias nunca tinham vindo à tona entre eles, como era o que estava prestes a acontecer entre os modernos. O "Humanismo" já era a primeira forma do que se tornou o "secularismo" contemporâneo; e, ao querer trazer tudo de volta à

medida do homem, tomado para um fim em si mesmo, chegou-se a descer, de palco em palco, ao nível do que está nele do mais inferior, e buscar pouco mais do que a satisfação das necessidades inerentes ao lado material de sua natureza, uma busca muito ilusória, além disso, porque sempre cria mais necessidades artificiais do que pode satisfazer.

Será que o mundo moderno irá para o fundo desta encosta fatal, ou, como chegou à decadência do mundo greco-latino, uma nova recuperação ocorrerá, desta vez e novamente, antes de chegar ao fundo do abismo ao qual é arrastado? Parece que uma parada a médio prazo não é mais possível, e que, de acordo com todas as indicações fornecidas pelas doutrinas tradicionais, nós realmente entramos na fase final do *Kali-Yuga*, no período mais sombrio desta "idade das trevas", neste estado de dissolução do qual só é possível emergir por um cataclisma, porque não é mais uma simples recuperação que é então necessária, mas uma renovação total. Desordem e confusão reinam em todas as áreas; elas foram levadas a um ponto muito além de qualquer coisa que já vimos antes, e, a partir do Ocidente, elas agora ameaçam invadir o mundo inteiro; estamos bem cientes de que seu triunfo só pode ser aparente e temporário, mas, a tal ponto parece ser o sinal da mais grave de todas as crises que a humanidade passou durante seu ciclo atual. Não chegamos a este tempo formidável anunciado pelos Livros Sagrados da Índia, "quando as castas serão misturadas, onde a própria família não existirá mais"? Basta olhar ao redor para convencer a si mesmo de que este estado é realmente o do mundo atual, e ver em todos os lugares essa profunda decadência que o Evangelho chama de "a abominação da desolação". Não devemos esconder a gravidade da situação; deve ser visto como ele é, sem qualquer "otimismo", mas também sem qualquer "pessimismo", já que, como dissemos antes, o fim do velho mundo também será o início de um novo mundo.

Agora, surge uma pergunta: qual é a razão de um período como o que vivemos? De fato, por mais anormals que sejam as condições atuais consideradas em si, elas devem, no entanto, entrar na ordem geral das coisas, nessa ordem que, segundo uma fórmula do Extremo Oriente, é feita da soma de todos os transtornos; esta época, por mais dolorosa e conturbada que possa ser, também deve, como todas as outras, ter seu

lugar marcante em todo o desenvolvimento humano, e além disso o próprio fato que foi previsto pelas doutrinas tradicionais é, a este respeito, uma indicação suficiente. O que temos dito sobre a marcha geral de um ciclo de manifestação, movendo-se na direção de uma materialização progressiva, imediatamente dá a explicação de tal estado, e mostra claramente que o que é anormal e desordenado em um determinado ponto de vista particular é, no entanto, apenas a consequência de uma lei relativa a um ponto de vista maior ou mais extenso. Acrescentaremos, sem insistir, que, como qualquer mudança de estado, a passagem de um ciclo para outro só pode ser realizada na escuridão; há novamente uma lei muito importante cujas aplicações são múltiplas, mas que, novamente, uma apresentação aqui um tanto detalhada nos levaria longe demais[9].

Isso não é tudo: a era moderna deve necessariamente corresponder ao desenvolvimento de algumas das possibilidades que, desde o início, foram incluídas na potencialidade do ciclo atual; e, por mais inferiores, a posição ocupada por essas possibilidades na hierarquia do todo, elas devem, no entanto, ser chamadas para manifestação de acordo com a ordem atribuída a eles. Nesse sentido, o que, segundo a tradição, caracteriza a fase final do ciclo é, pode-se dizer, a exploração de tudo o que foi negligenciado ou rejeitado nas fases anteriores.; e, de fato, isso é o que podemos ver na civilização moderna, que de alguma forma vive apenas do que civilizações anteriores não queriam. Basta ver como os representantes dessas civilizações que até agora permaneceram no mundo oriental apreciam as ciências ocidentais e suas aplicações industriais. Esse conhecimento inferior, tão vaidoso aos olhos daqueles que possuem conhecimento de outra ordem, ainda não tinha sido "realizado", e só poderia ser alcançado em um estágio em que a verdadeira intelectualidade teria desaparecido; essas buscas de um escopo exclusivamente prático, no sentido mais estreito desta palavra, tinham que ser realizadas, mas só poderiam ser realizadas no extremo oposto da espiritualidade primordial, por homens afundados na matéria a ponto de não mais conceber nada além, e se tornar todos os escravos desta matéria que eles gostariam de usá-la mais, o que os leva a uma agitação cada vez maior, sem regras e sem propósito, à dispersão em pura multiplicidade, até a dissolução final.

Este, esboçado em seus traços amplos e reduzido ao essencial, é a verdadeira explicação do mundo moderno; mas, vamos afirmar muito claramente, esta explicação não pode de forma alguma ser tomada como justificativa. Um infortúnio inevitável não é menos um infortúnio; e, mesmo que do mal deve sair um bem, isso não prejudica o caráter de mal; além disso, usamos aqui, é claro, esses termos de "bom" e "mal" apenas para nos fazer melhor compreendidos, e fora qualquer intenção especificamente "moral". Os transtornos parciais não podem deixar de ser, porque são elementos necessários da ordem total; mas, apesar disso, uma época de desordem é, por si só, algo comparável a uma monstruosidade, que, embora seja a consequência de certas leis naturais, é, no entanto, um desvio e um tipo de erro, ou para um cataclisma, que, embora resultante do curso normal das coisas, ainda é, se visto isoladamente, uma reviravolta e uma anomalia. A civilização moderna, como todas as coisas, necessariamente tem sua razão de ser, e, se é realmente a que completa um ciclo, pode-se dizer que é o que deve ser, que vem em seu tempo e em seu lugar; mas, no entanto, deve ser julgada de acordo com a palavra do Evangelho muitas vezes mal compreendida: "Deve haver escândalo; mas ai daquele por quem o escândalo acontece!”[10]

Capítulo II

A OPOSIÇÃO DO ORIENTE E DO OCIDENTE

Uma das características particulares do mundo moderno é a divisão entre o Oriente e o Ocidente; e, embora já tenhamos tratado desta questão de forma mais especial, é necessário voltar aqui para esclarecer certos aspectos e dissipar alguns mal-entendidos. A verdade é que sempre houve diversas e múltiplas civilizações, cada uma das quais se desenvolveu de uma forma única e, em certo sentido, coerente com as habilidades de um determinado povo ou raça; mas a distinção não significa oposição, e pode haver uma espécie de equivalência entre civilizações de formas muito diferentes, uma vez que todas elas se baseiam nos mesmos princípios fundamentais, dos quais representam apenas aplicações condicionadas por várias circunstâncias. Este é o caso de todas as civilizações que podemos chamar de normais, ou tradicionais; não há oposição essencial entre eles, e as diferenças, se houver, são apenas externas e superficiais. Por outro lado, uma civilização que não reconhece nenhum princípio superior, que é mesmo fundada na realidade apenas sobre uma negação de princípios, é, portanto, desprovida de qualquer meio de compreensão com os outros, pois essa compreensão, para ser verdadeiramente profunda e eficaz, só pode ser estabelecida de cima, ou seja, precisamente pelo que está faltando dessa civilização anormal e desviada. No estado atual do mundo, portanto, temos, por um lado, todas as civilizações que permaneceram fiéis ao espírito tradicional, e que são as

civilizações orientais, e, por outro, uma civilização adequadamente anti-tradicional, que é a civilização ocidental moderna.

No entanto, alguns foram tão longe a ponto de contestar que a própria divisão da humanidade no Oriente e no Ocidente corresponde a uma realidade; mas, pelo menos no momento, isso não parece ser capaz de ser seriamente duvidado. Primeiro, que existe uma civilização ocidental, comum à Europa e à América, é um fato sobre o qual todos devem concordar, independentemente do julgamento que se fará sobre o valor desta civilização. Para o Oriente, as coisas são menos simples, porque não há de fato uma, mas várias civilizações orientais; mas é suficiente que elas possuam certos traços comuns, aqueles que caracterizam o que chamamos de civilização tradicional, e que esses mesmos traços não são encontrados na civilização ocidental, para que a distinção e até mesmo a oposição do Oriente e do Ocidente sejam totalmente justificadas. Mas este é de fato o caso, e o caráter tradicional é de fato comum a todas as civilizações orientais, para as quais recordaremos, a fim de corrigir melhor as ideias, a divisão geral que adotamos anteriormente, e que, embora talvez um pouco simplificada se quiséssemos entrar em detalhes, é, no entanto, precisa quando nos apegamos às linhas amplas: o Extremo Oriente, representado essencialmente pela civilização chinesa; o Oriente Médio, através da civilização hindu; o Oriente Próximo[11], através da civilização islâmica. Deve-se ressaltar que este último, em muitos aspectos, deve ser considerado como um intermediário entre o Oriente e o Ocidente, e que muitas de suas características até o aproximam acima de tudo do que era a civilização ocidental da Idade Média; mas, se o considerarmos em relação ao Ocidente moderno, devemos reconhecer que ele se opõe a ele da mesma forma que as civilizações orientais adequadas, às quais deve, portanto, estar associada a este ponto de vista. Isso é o que é essencial insistir: a oposição do Oriente e do Ocidente não tinha razão para haver quando também havia civilizações tradicionais no Ocidente; portanto, só faz sentido se for especialmente sobre o Ocidente moderno, porque essa oposição é muito mais do que a de duas entidades geográficas mais ou menos claramente definidas. Em certos momentos, quanto mais próximo de nós estivesse a Idade Média, o espírito ocidental se assemelhava fortemente, em seus caminhos mais importantes, o que o espírito oriental

ainda é hoje, muito mais do que se tornou nos tempos modernos. A civilização ocidental era então comparável às civilizações orientais, da mesma forma que as últimas são comparáveis umas às outras. Nos últimos séculos, houve uma mudança considerável, muito mais grave do que todos os desvios que anteriormente haviam se manifestado em épocas de decadência, uma vez que chega até mesmo a uma verdadeira reversão na direção dada à atividade humana; e foi no mundo ocidental que essa mudança se originou. Portanto, quando dizemos espírito ocidental, referindo-se ao que existe atualmente, o que se entende por isso não é nada além da mente moderna; e, como o outro espírito tem sido mantido apenas no Oriente, podemos, sempre em relação às condições atuais, chamá-lo de espírito oriental. Estes dois termos, em suma, não expressam nada além de uma situação de fato; e, se é bastante claro que um dos dois espíritos na presença é de fato ocidental, porque sua aparência pertence à história recente, não pretendemos pré-julgar nada quanto à origem do outro, que já foi comum ao Oriente e ao Ocidente, e cuja origem, na verdade, deve ser confundida com a da própria humanidade, uma vez que este é o espírito que poderia ser descrito como normal, mesmo que apenas porque inspirou todas as civilizações que conhecemos mais ou menos completamente, com exceção de um, que é a civilização ocidental moderna.

Alguns, que provavelmente não se preocuparam em ler nossos livros, acharam necessário nos censurar por ter dito que todas as doutrinas tradicionais tinham uma origem oriental, que a própria antiguidade ocidental, em todas as épocas, sempre recebeu suas tradições do Oriente; nunca escrevemos nada parecido, ou mesmo qualquer coisa que possa sugerir tal opinião, pela simples razão que sabemos muito bem que é falsa. Na verdade, são precisamente os dados tradicionais que se opõem claramente a uma afirmação desse tipo: há em todos os lugares a afirmação formal de que a tradição primordial do ciclo atual veio das regiões hiper-boreanas; em seguida, houve várias correntes secundárias, correspondentes a vários períodos, e uma das mais importantes, pelo menos entre aqueles cujos restos mortais ainda são perceptíveis, sem dúvida foi do Ocidente para o Oriente. Mas tudo isso se relaciona com eras muito distantes, aquelas que são comumente chamadas de "pré-históricas", e não é isso que temos em mente; o que estamos dizendo é, antes de tudo,

que, há muito tempo, o depósito da tradição primordial foi transferido para o Oriente, e que agora é lá que as formas doutrinárias que emergiram mais diretamente dela são encontradas; é então que, no atual estado de coisas, o verdadeiro espírito tradicional, com tudo o que implica, não tem representantes mais autênticos do que no Oriente.

Para completar esse esclarecimento, devemos também explicar, pelo menos brevemente, algumas ideias para a restauração de uma "tradição ocidental" que surgiram em vários círculos contemporâneos; o único interesse que eles apresentam, basicamente, é mostrar que algumas mentes não estão mais satisfeitas com a negação moderna, que sentem a necessidade de algo diferente do que nosso tempo lhes oferece, que eles vêem a possibilidade de um retorno à tradição, em uma forma ou outra, como a única saída para a crise atual. Infelizmente, o "tradicionalismo" não é o mesmo que o verdadeiro espírito tradicional; pode ser, e muitas vezes é de fato, uma tendência simples, uma aspiração mais ou menos vaga, que não pressupõe qualquer conhecimento real; e, na desordem mental de nosso tempo, essa aspiração provoca, acima de tudo, concepções fantasiosas e quiméricas, desprovidas de qualquer base séria. Não encontrando nenhuma tradição autêntica sobre a qual confiar, chegamos ao ponto de imaginar pseudo-tradições que nunca existiram, e que não possuem tantos princípios quanto o que gostaríamos de substituí-los; toda a desordem moderna se reflete nessas construções, e, quaisquer que sejam as intenções de seus autores, o único resultado que alcançam é dar uma nova contribuição para o desequilíbrio geral. Mencionaremos apenas para registro, neste gênero, a chamada "tradição ocidental" fabricada por alguns ocultistas com a ajuda dos elementos mais díspares, e especialmente destinada a competir com uma "tradição oriental" não menos imaginária, a dos teosofistas; já falamos bastante sobre essas coisas em outros lugares, e preferimos vir imediatamente ao exame de algumas outras teorias que podem parecer mais dignas de atenção, porque há pelo menos um desejo de apelar para tradições que tiveram uma existência real. Estávamos nos referindo anteriormente à corrente tradicional vinda das regiões ocidentais; os relatos dos antigos, relativos à Atlântida, indicam sua origem; após o desaparecimento deste continente, que é o último dos grandes cataclismos ocorridos no passado, não parece haver dúvida de que

remanescentes de sua tradição foram transportados para várias regiões, onde se misturaram com outras tradições pré-existentes, principalmente com ramos da grande tradição hiperborínea; e é bem possível que as doutrinas dos Celtas, em particular, foram um dos produtos dessa fusão. Estamos longe de contestar essas coisas; mas vamos pensar nisso: é que a forma propriamente "atlântica" desapareceu há milhares de anos, com a civilização à qual pertencia, e cuja destruição só pode ter ocorrido como resultado de um desvio que talvez fosse comparável, em alguns aspectos, ao que vemos hoje, embora com uma diferença notável de que a humanidade ainda não havia entrado no Kali-Yuga então; é também que essa tradição correspondeu apenas a um período secundário do nosso ciclo, e que seria um grande erro identificá-la com a tradição primordial da qual todos os outros vieram, e que por si só permanece do início ao fim. Seria irrelevante definir aqui todos os dados que justificam essas alegações; manteremos apenas a conclusão, que é a impossibilidade de reviver uma tradição "atlântica", ou mesmo de estar mais ou menos diretamente relacionado a ela; há também uma grande quantidade de fantasia em tentativas deste tipo. É verdade, no entanto, que pode ser interessante buscar a origem dos elementos encontrados nas tradições posteriores, desde que seja feito com todas as precauções necessárias para se proteger contra certas ilusões; mas esta pesquisa não pode de forma alguma levar à ressurreição de uma tradição que não seria adaptada a nenhuma das condições atuais do nosso mundo.

Há outros que querem se ligar ao "celticismo", e, por estarem, portanto, apelando para algo menos distante de nós, pode parecer que o que eles propõem é menos inviável; no entanto, onde eles encontrarão hoje o "celticismo" em seu estado puro, e ainda dotado de vitalidade suficiente para que ele seja possível tomar um ponto de apoio? Não estamos, de fato, falando de reconstruções arqueológicas ou simplesmente "literárias", como vimos algumas delas; é algo totalmente mais. Que elementos celtas muito reconhecíveis e ainda utilizáveis chegaram até nós através de vários intermediários, isso é verdade; mas esses elementos estão muito longe de representar a totalidade de uma tradição, e, surpreendentemente, essa tradição, nos próprios países onde viveu, agora é ainda mais completamente ignorada do que a de muitas civilizações que sempre

foram estranhas a esses mesmos países; não há algo que deveria ser sóbrio, pelo menos para aqueles que não são inteiramente dominados por uma ideia preconcebida? Vamos dizer mais: em todos os casos como este, onde estamos lidando com os restos deixados por civilizações extintas, só é possível entendê-los verdadeiramente em comparação com o que é semelhante nas civilizações tradicionais que ainda estão vivos; e o mesmo pode ser dito para a própria Idade Média, onde tantas coisas se encontram cujo significado é perdido para os ocidentais modernos. Esse contato com tradições cujo espírito ainda subsiste é mesmo a única maneira de reviver o que ainda é provável que seja revivido; e este, como muitas vezes já indicamos, é um dos maiores serviços que o Oriente pode prestar ao Ocidente. Não negamos a sobrevivência de um certo "espírito celta", que ainda pode se manifestar de várias formas, como já fez em momentos diferentes; mas quando temos certeza de que ainda existem centros espirituais que preservam totalmente a tradição druída, esperamos por provas disso, e até segunda ordem isso parece-nos muito duvidoso, se não completamente implausível.

A verdade é que os elementos celtas restantes foram, em sua maior parte, na Idade Média, assimilados pelo Cristianismo; a lenda do "Santo Graal", com tudo o que está relacionado a ele, é, a este respeito, um exemplo particularmente convincente e significativo. Também achamos que uma tradição ocidental, se fosse capaz de se reconstituir, necessariamente tomaria uma forma religiosa externa, no sentido mais estrito desta palavra, e que esta forma só poderia ser cristã, porque, por um lado, as outras formas possíveis têm sido estranhas à mentalidade ocidental por muito tempo, e, por outro lado, é apenas no Cristianismo, digamos ainda mais precisamente no Catolicismo, que no Ocidente há os remanescentes do espírito tradicional que ainda sobrevivem. Qualquer tentativa "tradicionalista" que não leve esse fato em conta está inevitavelmente fadada ao fracasso, porque não tem base; é óbvio demais que só podemos confiar no que existe de forma efetiva, e que, onde falta continuidade, só pode haver reconstituições artificiais que não podem ser viáveis; se for objeto que o próprio Cristianismo, em nosso tempo, não seja mais realmente compreendido e em seu profundo sentido, responderemos que ele pelo menos manteve, em sua própria forma, tudo o que é necessário

para fornecer a base em questão. A tentativa menos quimérica, a única que não se depara com impossibilidades imediatas, seria, portanto, uma que visaria restaurar algo comparável ao que existia na Idade Média, com as diferenças exigidas pela modificação das circunstâncias; e, por tudo o que está totalmente perdido no Ocidente, seria apropriado apelar para as tradições que foram preservadas em sua totalidade, como indicamos anteriormente, e depois realizar um trabalho de adaptação que só poderia ser obra de uma elite intelectual altamente constituída. Tudo isso, como já dissemos, mas vale a pena insistir novamente, porque a muitos devaneios inconsistentes está sendo dada atualmente rédea livre, e também porque deve ser entendido que, se as tradições orientais, em suas próprias formas, certamente podem ser assimiladas por uma elite que, por definição, deve estar além de todas as formas, elas provavelmente nunca serão capazes de ser, a menos que transformações imprevistas, pela generalidade dos ocidentais, para quem eles não foram feitos. Se uma elite ocidental conseguir se formar, o verdadeiro conhecimento das doutrinas orientais, pela razão que acabamos de indicar, será indispensável para que ela cumpra sua função; mas aqueles que terão apenas que colher o benefício de seu trabalho, e que será o maior número podem muito bem não ter consciência dessas coisas, e a influência que receberão delas, por assim dizer, sem suspeitar e em qualquer caso, por meios que as escaparão inteiramente, não será menos real ou menos eficaz. Nunca dissemos, mas pensamos que tínhamos que repetir aqui da forma mais clara possível, porque, se esperamos que não sejamos sempre plenamente compreendidos por todos, pelo menos queremos que não sejamos atribuídas intenções que não são de forma alguma nossa.

Mas vamos deixar de lado todas as antecipações, uma vez que é o estado atual das coisas que deve nos ocupar acima de tudo, e retornar por um momento às ideias de restaurar uma "tradição ocidental", como podemos observá-las ao nosso redor. Uma única observação seria suficiente para mostrar que essas ideias não são "em ordem", se é permitido expressar-se desta forma: é que elas são quase sempre concebidas em um espírito de hostilidade mais ou menos confessada em relação ao Oriente. As mesmas pessoas que gostariam de confiar no Cristianismo são, às vezes, deve-se dizer, animadas por esse espírito; eles parecem procurar, acima de tudo,

descobrir oposições que, na realidade, são completamente inexistentes; e é assim que ouvimos essa opinião absurda, que, se as mesmas coisas são encontradas tanto no Cristianismo quanto nas doutrinas orientais, e expressas em ambos os lados de forma quase idêntica, elas não têm o mesmo significado em ambos os casos, têm mesmo é um significado oposto! Aqueles que fazem tais afirmações provam por isso que, quaisquer que sejam suas afirmações, não foram muito longe na compreensão das doutrinas tradicionais, uma vez que não vislumbraram a identidade fundamental que está escondida em todas as diferenças de formas externas, e que, mesmo quando essa identidade se torna bastante aparente, eles ainda persistem em ignorá-lo. Assim, consideram o Cristianismo em si apenas de forma completamente externa, que não pode responder à noção de uma verdadeira doutrina tradicional, oferecendo em todas as ordens uma síntese completa; é o princípio de que eles não têm, de que forma são afetados, muito mais do que podem pensar, desse espírito moderno contra o qual eles gostariam de reagir; e quando eles usam a palavra "tradição", eles certamente não a tomam no mesmo sentido que nós.

Na confusão mental que caracteriza nosso tempo, passamos a aplicar indiscriminadamente essa mesma palavra de "tradição" a todos os tipos de coisas, muitas vezes muito insignificantes, como costumes simples sem qualquer escopo e às vezes de origem muito recente; nós relatamos em outros lugares um abuso semelhante da palavra "religião". Devemos ter cuidado com esses desvios da linguagem, que refletem uma espécie de degeneração das ideias correspondentes; e só porque alguém se autodenomina "tradicionalista" não significa que ele tenha certeza de que sabe, mesmo imperfeitamente, qual é a tradição no verdadeiro sentido dessa palavra. De nossa parte, nos recusamos a dar esse nome a tudo o que é de natureza puramente humana; não é inapropriado afirmar isso expressamente quando se encontra o tempo todo, por exemplo, uma expressão como a "filosofia tradicional". Uma filosofia, mesmo que seja realmente tudo o que pode ser, não tem direito a essa capacidade, porque está inteiramente na ordem racional, mesmo que não negue o que está além dela, e porque é apenas uma construção construída por indivíduos humanos, sem revelação ou inspiração de qualquer tipo, ou, para resumir

tudo isso em uma palavra, porque é algo essencialmente profano. Além disso, apesar de todas as ilusões em que alguns parecem se entregar, certamente não é uma ciência "livresca" que pode ser suficiente para corrigir a mentalidade de uma raça e uma era; e para isso requer algo diferente da especulação filosófica, que, mesmo no caso mais favorável, é condenada, por sua própria natureza, a permanecer toda externa e muito mais verbal do que real. Para restaurar a tradição perdida, para realmente revivê-la, é necessário o contato do espírito tradicional vivo, e, como já dissemos, é apenas no Oriente que esse espírito ainda está plenamente vivo; é verdade, no entanto, que isso pressupõe, sobretudo, no Ocidente, uma aspiração para um retorno a esse espírito tradicional, mas dificilmente pode ser uma simples aspiração. Os poucos movimentos de reação "antimoderno", além disso muito incompletos em nossa opinião, que ocorreram até agora, só podem nos confirmar nesta convicção, pois tudo isso, que é, sem dúvida, excelente em sua parte negativa e crítica, está, no entanto, muito longe de uma restauração da verdadeira intelectualidade e se desenvolve apenas dentro dos limites de um horizonte mental bastante limitado. É, no entanto, algo, no sentido de que é a indicação de um estado mental do qual teria sido muito difícil encontrar o menor traço de alguns anos atrás; se todos os ocidentais não são mais unânimes em se contentar com o desenvolvimento exclusivamente material da civilização moderna, isso talvez seja um sinal de que, para eles, toda a esperança de salvação ainda não está totalmente perdida.

Seja como for, se assumirmos que o Ocidente, de alguma forma, retorna à sua tradição, sua oposição com o Oriente seria assim resolvida e deixaria de existir, uma vez que se originou apenas por causa do desvio ocidental, e é na realidade apenas a oposição do espírito tradicional e do espírito anti-tradicional. Assim, ao contrário do que se supõe àqueles a quem aludimos há pouco tempo, o retorno à tradição teria, entre seus primeiros resultados, o de fazer um entendimento com o Oriente imediatamente possível, como é entre todas as civilizações que possuem elementos comparáveis ou equivalentes, e entre esses apenas, pois são esses elementos que constituem o único fundamento sobre o qual este acordo pode ser validamente operado. O verdadeiro espírito tradicional, em qualquer

forma, está em todos os lugares e é sempre o mesmo; as várias formas, que são especialmente adaptadas a esta ou aquela condição mental, a esta ou aquela circunstância do tempo e do lugar, são apenas expressões de uma e da mesma verdade; mas é preciso ser capaz de se colocar na ordem da intelectualidade pura para descobrir essa unidade fundamental sob sua aparente multiplicidade. Além disso, é nesta ordem intelectual que reside os princípios sobre os quais todo o resto normalmente depende como consequências ou aplicações mais ou menos distantes; é, portanto, sobre esses princípios que devemos concordar acima de tudo, se é para ser um acordo realmente profundo, uma vez que este é o ponto principal; e, assim que eles são realmente compreendidos, o acordo é auto-feito. Deve-se notar, de fato, que o conhecimento dos princípios, que é o conhecimento por excelência, o conhecimento metafísico no verdadeiro sentido dessa palavra, é universal como os próprios princípios, totalmente livres de todas as contingências individuais, que pelo contrário necessariamente intervêm assim que se chega às aplicações; então este campo puramente intelectual é o único onde não há necessidade de um esforço para se adaptar entre diferentes mentalidades. Além disso, quando um trabalho desse tipo é realizado, só é necessário desenvolver os resultados para que a concordância em todas as outras áreas também seja alcançada, uma vez que, como acabamos de dizer, é disso que tudo depende direta ou indiretamente; por outro lado, o acordo alcançado em uma área específica, fora dos princípios, sempre será eminentemente instável e precário, e muito mais como uma combinação diplomática do que um acordo real. É por isso que, ainda insistimos, só pode ser feito de cima, e não de baixo, e isso deve ser entendido em um sentido duplo: é necessário partir do que é mais alto, ou seja, a partir dos princípios, descer gradualmente às várias ordens de aplicação, sempre observando rigorosamente a dependência hierárquica que existe entre eles; e este trabalho, por seu próprio caráter, só pode ser o de uma elite, dando a esta palavra seu verdadeiro e mais completo significado: é de uma elite intelectual que queremos falar exclusivamente, e, aos nossos olhos, não pode haver outros, todas as distinções sociais externas não têm importância do ponto de vista a partir do qual nos colocamos.

Essas poucas considerações já podem nos fazer entender tudo o que falta à civilização ocidental moderna, não apenas no que diz respeito à possibilidade de uma aproximação efetiva com as civilizações orientais, mas também em si, para ser uma civilização normal e completa; na verdade, as duas questões estão tão intimamente ligadas que são uma só, e nós apenas demos precisamente as razões pelas quais isso é assim. Agora teremos que mostrar mais plenamente do que consiste o espírito anti-tradicional, que é propriamente a mente moderna, e quais são as consequências que ela carrega em si mesma, consequências que vemos se desdobrando com lógica implacável nos eventos atuais; mas, antes de chegarmos a esse ponto, um último pensamento ainda é necessário. Não é para ser "anti-ocidental", se é que podemos usar essa palavra, ser resolutamente "anti-moderno", pois pelo contrário é fazer o único esforço válido para tentar salvar o Ocidente de sua própria desordem; e, por outro lado, nenhum oriental fiel à sua própria tradição pode prever coisas de outra forma do que nós mesmos; há certamente muito menos oponentes do Ocidente como tal, o que faria pouco sentido, do que do Ocidente, pois se identifica com a civilização moderna. Alguns falam hoje da "defesa do Ocidente", que é verdadeiramente singular, enquanto, como veremos mais tarde, é esta que ameaça sobrecarregar tudo e arrastar toda a humanidade para o turbilhão de sua atividade desordenada; singular, dizemos, e bastante injustificado, se eles pretendem, como parece ser apesar de algumas restrições, que esta defesa deve ser dirigida contra o Oriente, porque o verdadeiro Oriente não pensa em atacar ou dominar ninguém, ele pede nada mais do que sua independência e tranquilidade, que, vamos concordar, é bastante legítimo. A verdade, no entanto, é que o Ocidente realmente precisa ser defendido, mas apenas contra si mesmo, contra suas próprias tendências que, se empurradas até o fim, inevitavelmente o levarão à ruína e destruição; é, portanto, uma "reforma do Ocidente" que deve ser dita, e esta reforma, se fosse o que deveria ser, ou seja, uma verdadeira restauração tradicional, teria a consequência natural de uma aproximação com o Oriente. De nossa parte, pedimos apenas que contribuam tanto, na extensão de nossos meios, para esta reforma quanto para essa aproximação, se ainda há tempo, e se tal resultado pode ser alcançado antes da catástrofe final para a qual a civilização moderna está fazendo grandes avanços; mas, mesmo que já fosse tarde demais para

evitar essa catástrofe, o trabalho feito com essa intenção não seria inútil, pois de qualquer forma serviria para preparar, por mais distante que seja, essa "discriminação" da qual falamos no início, e assim garantir a preservação dos elementos que terão que escapar do naufrágio do mundo atual para se tornarem as sementes do mundo futuro.

Capítulo III

CONHECIMENTO E AÇÃO

Consideramos agora, de uma forma mais particular, um dos principais aspectos da oposição que existe atualmente entre a mente oriental e o espírito ocidental, e que é, mais geralmente, o da mente tradicional e do espírito anti-tradicional, como explicamos. De um certo ponto de vista, que também é um dos mais fundamentais, essa oposição aparece como a contemplação e a ação, ou, para falar com mais precisão, em relação aos respectivos lugares que devem ser atribuídos a ambos os termos. Estes podem, em seu relatório, ser considerados de várias maneiras diferentes: são realmente dois opostos como parecemos pensar na maioria das vezes, ou não seriam sim dois complementares, ou não haveria, na realidade, uma relação entre eles, não de coordenação, mas de subordinação? Estes são os diferentes aspectos da questão, e esses aspectos se relacionam com tantos pontos de vista, além de uma importância muito desigual, mas cada um dos quais pode ser justificado em alguns aspectos e corresponde a uma certa ordem da realidade.

Em primeiro lugar, o ponto de vista mais superficial, o mais externo de todos, é aquele que consiste em pura e simplesmente opor-se um ao outro contemplação e ação, como dois opostos no verdadeiro sentido. A oposição, na verdade, existe nas aparências, isso é indiscutível; e ainda assim, se fosse absolutamente irredutível, haveria uma completa incompatibilidade entre contemplação e ação, que, portanto, nunca poderia ser reunida. Na verdade, no entanto, este não é o caso; não é, pelo menos

em casos normais, de um povo, ou mesmo talvez de um indivíduo, que pode ser exclusivamente contemplativo ou exclusivamente ativo. O que é verdade é que existem duas tendências aqui, uma ou outra das quais quase necessariamente domina, de modo que o desenvolvimento de uma parece estar em detrimento da outra, pela simples razão de que a atividade humana, entendida em seu sentido mais geral, não pode ser exercida igualmente e ao mesmo tempo em todas as áreas e em todas as direções. Isto é o que dá a aparência de uma oposição; mas deve haver uma possível conciliação entre esses opostos ou os chamados tais; e, além disso, o mesmo poderia ser dito para todos os opostos, que deixam de ser tais assim que, a fim de considerá-los, um sobe acima de um certo nível, aquele em que sua oposição seria toda a realidade. Quem diz que a oposição ou o contraste significa, pelo mesmo, desarmonia ou desequilíbrio, ou seja, algo que, como já dissemos suficientemente, só pode existir sob um ponto de vista relativo, particular e limitado. Ao considerar a contemplação e a ação como complementares, por isso nos colocamos em um ponto de vista já mais profundo e verdadeiro do que o anterior, pois a oposição é conciliada e resolvida, esses dois termos sendo de alguma forma equilibrados um pelo outro. Parece então dois elementos igualmente necessários, que se complementam e apoiam uns aos outros, e que constituem a dupla atividade, interna e externa, de um e do mesmo ser, seja cada homem tomado em particular ou a humanidade considerada coletivamente. Este design é certamente mais harmonioso e satisfatório do que o primeiro; no entanto, se alguém se apegasse exclusivamente a ela, seria tentado, em virtude da correlação assim estabelecida, a colocar contemplação e ação no mesmo plano, de modo que bastasse manter o máximo possível o equilíbrio igual entre eles, sem nunca levantar a questão de qualquer superioridade de um sobre o outro; e o que mostra claramente que tal ponto de vista ainda é insuficiente é que essa questão da superioridade realmente surge e sempre surgiu, independentemente da direção em que se pretendia ser resolvida.

A questão que importa a esse respeito, aliás, não é a de uma predominância de fato, que é, afinal, uma questão de temperamento ou raça, mas a do que poderia ser chamado de predomínio do direito; e as duas coisas estão relacionadas apenas a uma certa medida. Sem dúvida, o

reconhecimento da superioridade de uma das duas tendências incentivará o seu desenvolvimento o máximo possível, em preferência ao outro; mas na aplicação é, no entanto, verdade que o lugar que a contemplação e a ação irão manter em toda a vida de um homem ou um povo sempre resultará em grande parte da própria natureza deste último, pois nisso deve ser levado em conta as possibilidades particulares de cada um. É óbvio que a aptidão para a contemplação é mais difundida e mais geralmente desenvolvida entre os orientais; provavelmente não há nenhum país onde seja tanto quanto na Índia, e é por isso que a Índia pode ser considerada como representando por excelência o que chamamos de espírito oriental. Por outro lado, é indiscutível que, em geral, a aptidão para a ação, ou a tendência que resulta dessa aptidão, é aquela que predomina entre os povos ocidentais, no que diz respeito à grande maioria dos indivíduos, e que, mesmo que essa tendência não fosse exagerada e desviada como é agora, ela permaneceria, de modo que a contemplação nunca poderia estar lá, mas o negócio de uma elite muito menor; é por isso que é facilmente dito na Índia que se o Ocidente voltasse a um estado normal e possuísse uma organização social regular, provavelmente haveria muitos Xátrias, mas poucos Brâmanes[12]. Isso seria suficiente, no entanto, se a elite intelectual fosse realmente constituída e se sua supremacia fosse reconhecida, para que tudo voltasse à ordem porque o poder espiritual não é de forma alguma baseado em números, cuja lei é a da matéria; e além disso, como podemos notar, na antiguidade e especialmente na Idade Média, a disposição natural da ação, existente entre os ocidentais, não os impediu de reconhecer a superioridade da contemplação, ou seja, de pura inteligência; por que é diferente nos tempos modernos? É porque os ocidentais, ao desenvolverem suas faculdades de ação até certo ponto, passaram a perder sua intelectualidade, que eles têm, para se consolar, inventaram teorias que colocam ação acima de tudo e até chegam a negar, como o "pragmatismo", que há algo válido fora dele, ou é do contrário dessa forma de ver isso, tendo prevalecido em primeiro lugar, trouxe a atrofia intelectual que vemos hoje? Em ambas as hipóteses, e também no caso bastante provável em que a verdade é encontrada em uma combinação de um e outro, os resultados são exatamente os mesmos; no ponto em que as coisas chegaram, é hora de reagir, e é aqui, vamos dizer novamente, que o Oriente pode vir em auxílio do Ocidente, se o Ocidente

assim desejar, não impor a ele concepções que são estranhas, como alguns parecem temer, mas para ajudá-lo a recuperar sua própria tradição, o significado do qual perdeu.

Pode-se dizer que a antítese do Oriente e do Ocidente, no atual estado das coisas, consiste no fato de que o Oriente mantém a superioridade da contemplação sobre a ação, enquanto o Ocidente moderno afirma, ao contrário, a superioridade da ação sobre a contemplação. Aqui, não é mais uma questão, como quando simplesmente falamos de oposição ou complementarismo, e, portanto, de uma relação de coordenação entre os dois termos em questão, não é mais, dizemos, pontos de vista dos quais cada um pode ter sua razão de ser e ser aceito pelo menos como expressão de uma certa verdade relativa; uma relação de subordinação sendo irreversível por sua própria natureza, as duas concepções são realmente contraditórias, portanto exclusivas uma da outra, de modo que necessariamente, assim que se admite que há de fato subordinação, uma é verdadeira e a outra falsa. Antes de chegarmos ao fundo da matéria, vamos notar isso novamente: enquanto o espírito que foi mantido no Oriente é realmente de todos os tempos, como dissemos acima, o outro espírito apareceu apenas em tempos muito recentes, o que, além de qualquer outra consideração, já pode sugerir que é algo anormal. Essa impressão é confirmada pelo próprio exagero no qual, seguindo sua própria tendência, cai a mente ocidental moderna, que, não contente em proclamar em todas as ocasiões a superioridade da ação, passou a torná-la sua preocupação exclusiva e negar qualquer valor à contemplação, da qual ignora ou ignora completamente a verdadeira natureza. Pelo contrário, as doutrinas orientais, ao mesmo tempo em que afirmam da forma mais clara possível a superioridade e até mesmo a transcendência da contemplação sobre a ação, no entanto, dão-lhe seu lugar de direito e reconhecem voluntariamente toda a sua importância na ordem das contingências humanas[13].

Doutrinas orientais, e também doutrinas ocidentais antigas, são unânimes em afirmar que a contemplação é superior à ação, assim como o imutável é superior à mudança[14]. A ação, sendo apenas uma modificação transitória e momentânea do ser, não pode ter em si o seu princípio e razão suficiente; se ele não está ligado a um princípio que está além de seu

domínio contingente, é apenas uma ilusão pura; e esse princípio do qual deriva toda a realidade da qual é suscetível, e sua própria existência e possibilidade, só pode ser encontrada na contemplação ou, se preferir, no conhecimento, porque, basicamente, esses dois termos são sinônimos ou pelo menos coincidem, o próprio conhecimento e a operação pela qual é alcançado não podem de forma alguma ser separados[15]. Da mesma forma, a mudança, em seu sentido mais geral, é ininteligível e contraditória, ou seja, impossível, sem um princípio da qual procede e que, pelo mesmo, não pode ser submetida a ela, portanto é necessariamente imutável; e é por isso que, na antiguidade ocidental, Aristóteles havia afirmado a necessidade do "motor imóvel" de todas as coisas. Esse papel de "motor imóvel", o conhecimento desempenha precisamente em relação à ação; é óbvio que ele pertence inteiramente ao mundo da mudança, de "tornar-se"; o conhecimento por si só torna possível sair deste mundo e as limitações inerentes a ele, e, quando atinge o imutável, que é o caso do conhecimento principal ou metafísico que é o conhecimento por excelência, ele próprio possui imutabilidade, pois todo conhecimento verdadeiro é essencialmente identificação com seu objeto. É precisamente isso que os ocidentais modernos ignoram, que, de fato, do conhecimento, consideram apenas o conhecimento racional e discursivo, portanto indireto e imperfeito, o que poderia ser chamado de conhecimento pela reflexão, e que, cada vez mais, apreciam esse conhecimento inferior apenas na medida em que ele pode ser usado imediatamente para fins práticos; engajados na ação a ponto de negar tudo o que vai além dela, eles não percebem que essa mesma ação, portanto, degenera, por falta de princípio, em uma agitação tão vaidosa quanto estéril.

Este é, de fato, o caráter mais visível da era moderna: a necessidade de agitação incessante da mudança contínua, de velocidade cada vez maior como aquela com que os próprios eventos se desenrolam. É a dispersão na multiplicidade, e em uma multiplicidade que não é mais unificada pela consciência de qualquer princípio superior; é, no cotidiano como nas concepções científicas, a análise empurrada ao extremo, a fragmentação indefinida, uma verdadeira desintegração da atividade humana em todas as ordens onde ainda pode ser exercida; e, portanto, a incapacidade de sintetizar, a impossibilidade de qualquer concentração, tão marcante aos

olhos dos orientais. Estas são as consequências naturais e inevitáveis de uma materialização cada vez mais acentuada, porque a matéria é essencialmente multiplicidade e divisão, e é por isso que, digamos de passagem, tudo o que provém dela só pode gerar lutas e conflitos de todos os tipos, entre povos e entre indivíduos. Quanto mais fundo entramos na matéria, mais os elementos de divisão e oposição se tornam mais acentuados e amplificados; por outro lado, quanto maior se eleva à espiritualidade pura, mais próximo se aproxima da unidade, que só pode ser plenamente realizada através da consciência dos princípios universais.

O mais estranho é que o movimento e a mudança são verdadeiramente procurados por si mesmos, não para qualquer propósito ao qual possam levar; e esse fato é resultado direto da absorção de todas as faculdades humanas por ação externa, da natureza momentânea da qual apontamos anteriormente. É também a dispersão prevista em outro aspecto, e em um estágio mais acentuado: é, pode-se dizer, como uma tendência à instantaneidade, tendo como limite um estado de puro desequilíbrio, que, se pudesse ser alcançado, coincidiria com a dissolução final deste mundo; e este é ainda um dos sinais mais claros do último período do *Kali-Yuga.*

A este respeito também, a mesma coisa acontece na ordem científica: é pesquisa por causa da pesquisa, muito mais do que pelos resultados parciais e fragmentários aos quais leva; é a sucessão cada vez mais rápida de teorias e hipóteses infundadas, que, mal construídas, colapsam para serem substituídas por outras que durarão ainda menos, um verdadeiro caos no meio do qual seria inútil procurar alguns elementos definitivamente adquiridos, exceto por um acúmulo monstruoso de fatos e detalhes que podem provar ou não significar nada. Estamos falando aqui, é claro, sobre o que diz respeito ao ponto de vista especulativo, na medida em que ainda existe; no que diz respeito às aplicações práticas, pelo contrário, há resultados indiscutíveis, e isso é facilmente compreensível, uma vez que essas aplicações imediatamente se relacionam com o reino material, e este campo é precisamente o único onde o homem moderno pode se gabar de superioridade real. Espera-se, portanto, que descobertas, ou melhor, invenções mecânicas e industriais continuem a se desenvolver e se multiplicar, cada vez mais rapidamente também, até o fim da era atual; e quem sabe se, com os perigos da destruição que carregam dentro

de si, eles não serão um dos principais agentes da catástrofe final, se as coisas chegarem a tal ponto que não possam ser evitadas?

De qualquer forma, geralmente se sente a impressão de que não há mais estabilidade no estado atual; mas, enquanto alguns sentem o perigo e tentam reagir, a maioria dos nossos contemporâneos se entregam a esse transtorno onde vêem como uma imagem externalizada de sua própria mentalidade. Há, de fato, uma correspondência exata entre um mundo onde tudo parece estar em puro "tornar-se", onde não há mais lugar para o imutável e permanente, e o estado de espírito dos homens que fazem toda a realidade consiste nesse mesmo "tornar-se", o que implica a negação do verdadeiro conhecimento, bem como do próprio objeto desse conhecimento, queremos dizer princípios transcendentes e universais. Podemos até ir mais longe: é a negação de todo o conhecimento real, em qualquer ordem, mesmo no relativo, uma vez que, como indicamos acima, o realtivo é ininteligível e impossível sem o absoluto, o contingente sem o necessário, mudar sem a imutável, multiplicidade sem unidade; o "relativismo" envolve uma contradição em si mesmo, e, quando se quer reduzir tudo para mudar, deve-se logicamente vir a negar a própria existência da mudança; basicamente, os famosos argumentos de Zenão de Eleia não tinham outro significado. Deve-se dizer, de fato, que teorias do tipo em questão não são exclusivamente específicas dos tempos modernos, porque nada deve ser exagerado; alguns exemplos podem ser encontrados na filosofia grega, e o caso de Heráclito, com seu "fluxo universal", é mais conhecido nesse sentido; foi até o que levou os Eleatas[16] a lutar contra essas concepções, bem como as dos atomistas, por uma espécie de redução ao absurdo. Na própria Índia, algo comparável foi encontrado, mas, é claro, de um ponto de vista diferente do da filosofia; algumas escolas budistas, na verdade, também tinham o mesmo caráter, pois uma de suas principais teses era a da "dissolubilidade de todas as coisas"[17]. No entanto, essas teorias eram então apenas exceções, e tais revoltas contra o espírito tradicional, que podem ter ocorrido ao longo do curso do *Kali-Yuga*, tinham, em suma, apenas um escopo bastante limitado; o que é novo é a generalização de concepções semelhantes, como vemos no Ocidente contemporâneo.

Deve-se notar também que as "filosofias de se tornar", sob a influência da recente ideia de "progresso", assumiram uma forma especial entre os modernos, que teorias do mesmo tipo nunca tiveram nos antigos: essa forma, que também é suscetível a múltiplas variedades, é o que pode ser geralmente designada pelo nome de "evolucionismo". Não vamos voltar atrás sobre o que já dissemos em outros lugares sobre este assunto; recordaremos apenas que qualquer concepção que não admita nada além de "tornar-se" é necessariamente, pelo mesmo, uma concepção "naturalista", implicando como tal uma negação formal do que está além da natureza, ou seja, do domínio metafísico, que é o domínio de princípios imutáveis e eternos. Também salientaremos, no que diz respeito a essas teorias antimetásicas, que a ideia bergsoniana de "duração pura" corresponde exatamente a essa dispersão no instantâneo de que falamos acima; a chamada intuição que é modelada no fluxo incessante de coisas sensíveis, longe de ser capaz de ser o meio do verdadeiro conhecimento, na verdade representa a dissolução de todo o conhecimento possível.

Isso nos leva a repetir mais uma vez, porque este é um ponto muito essencial e no qual é essencial não deixar ambiguidade, aquela intuição intelectual, pela qual apenas o verdadeiro conhecimento metafísico é obtido, não tem absolutamente nada em comum com essa outra intuição da qual alguns filósofos contemporâneos falam: este é da ordem sensível, é propriamente infra-racional, enquanto o outro, que é a pura inteligência, é, ao contrário, suprarracional. Mas os modernos, que não sabem nada superior à razão na ordem da inteligência, nem sequer concebem o que a intuição intelectual pode ser, enquanto as doutrinas da Antiguidade e da Idade Média, mesmo quando tinham apenas um caráter meramente filosófico e, portanto, não poderiam realmente apelar para essa intuição, no entanto, reconheceu expressamente sua existência e supremacia sobre todas as outras faculdades. É por isso que não havia "racionalismo" antes de Descartes; esta é novamente uma coisa especificamente moderna, e que é, além disso, intimamente em solidariedade com o "Individualismo", uma vez que não é nada além da negação de qualquer faculdade de ordem supra-individual. Enquanto os ocidentais persistirem em ignorar ou negar a intuição intelectual, eles não serão capazes de ter qualquer tradição no verdadeiro sentido desta palavra, nem serão capazes de se dar bem com os

autênticos representantes das civilizações orientais, em que tudo é como se estivesse suspenso desta intuição, imutável e infalível em si mesmo, e o único ponto de partida para qualquer desenvolvimento de acordo com as normas tradicionais.

Capítulo IV

CIÊNCIA SAGRADA E CIÊNCIA SECULAR

Acabamos de dizer que, em civilizações que possuem o caráter tradicional, a intuição intelectual é o princípio de tudo; em outras palavras, é a doutrina metafísica pura que constitui o essencial, e tudo mais se relaciona com ela como consequências ou aplicações às várias ordens de realidades contingentes. É o caso das instituições sociais; e, por outro lado, o mesmo se aplica também às ciências, ou seja, ao conhecimento relacionado ao campo do relativo, e que, em tais civilizações, só podem ser consideradas meras dependências e de certa forma como extensões ou reflexões do conhecimento absoluto e principal. Assim, a verdadeira hierarquia está em toda parte e sempre observada: o relativo não é considerado inexistente, o que seria absurdo; leva-se em consideração na medida em que merece ser levado em consideração, mas é colocado em seu lugar de direito, que só pode ser um lugar secundário e subordinado; e, neste relativo, há graus muito diferentes, dependendo se são coisas mais ou menos distantes do domínio dos princípios.

Existem, portanto, no que diz respeito às ciências, duas concepções radicalmente diferentes e até incompatíveis, que podemos chamar de concepção tradicional e concepção moderna; muitas vezes tivemos a oportunidade de aludir às "ciências tradicionais" que existiam na Antiguidade e na Idade Média, que ainda existem no Oriente, mas cuja

própria ideia é totalmente estranha aos ocidentais de hoje. Deve-se acrescentar que cada civilização teve "ciências tradicionais" de um tipo específico, pertencentes a ela por si só, porque, aqui, não estamos mais na ordem dos princípios universais, aos quais apenas a metafísica pura se relaciona, mas na ordem das adaptações, onde, pelo mesmo símbolo de que é um domínio contingente, deve ser levada em conta todas as condições, mental e outros, que são aqueles de pessoas tão determinadas, e vamos até dizer de tal período da existência desse povo, uma vez que vimos acima que há momentos em que a reabilitação se torna necessária. Essas "reabilitações" são apenas mudanças de forma, que de forma alguma afetam a própria essência da tradição; para doutrina metafísica, a expressão por si só pode ser modificada, de uma forma bastante comparável à tradução de uma língua para outra; seja qual for a forma em que se envolve para se expressar na medida do possível, há absolutamente apenas uma metafísica, pois há apenas uma verdade. Mas, quando avançamos para as aplicações, o caso é naturalmente diferente: com a ciência, assim como com as instituições sociais, estamos no mundo da forma e da multiplicidade; é por isso que se pode dizer que outras formas realmente constituem outras ciências, mesmo que tenham, pelo menos parcialmente, o mesmo objeto. Os lógicos estão acostumados a olhar para uma ciência inteiramente definida por seu objeto, que é impreciso pela simplificação excessiva; o ponto de vista sob o qual este objeto está previsto também deve ser incluído na definição da ciência. Há uma multidão indefinida de ciências possíveis; pode acontecer que várias ciências estudem as mesmas coisas, mas em aspectos tão diferentes, portanto por métodos e com intenções tão diferentes também, que são, no entanto, ciências realmente distintas. Este caso pode, em particular, surgir para as "ciências tradicionais" de várias civilizações, que, embora comparáveis umas às outras, nem sempre são comparáveis umas às outras, e muitas vezes só poderiam ser erroneamente referidas pelos mesmos nomes. A diferença é ainda mais considerável, é claro, se, em vez de traçar uma comparação entre as "ciências tradicionais", que pelo menos todas têm o mesmo caráter fundamental, queremos comparar essas ciências, de forma geral, com as ciências como os modernos as concebem. À primeira vista, às vezes pode parecer que o objeto é o mesmo de ambos os lados, e ainda o conhecimento que os dois tipos de ciência dão, respectivamente,

deste objeto é tão diferente, que se hesita, após um exame mais aprofundado, afirmar a identidade novamente, mesmo em apenas uma certa relação.

Alguns exemplos não serão inúteis para tornar melhor compreendido o que é; e, em primeiro lugar, tomaremos um exemplo de um escopo muito amplo, o da "física" como entendido pelos antigos e pelos modernos; além disso, não há necessidade, neste caso, de deixar o mundo ocidental para ver a profunda diferença que separa as duas concepções. O termo "física", em seu sentido primário e etimológico, não significa nada além de "ciência da natureza", sem qualquer restrição; é, portanto, a ciência que diz respeito às leis mais gerais de "tornar-se", porque "natureza" e "tornar-se" são basicamente sinônimos, e é assim que os gregos, e em particular Aristóteles, entenderam; se há ciências mais particulares relacionadas com a mesma ordem, então elas são apenas "especificações" da física para este ou aquele campo mais estreitamente determinado. Portanto, já há algo bastante significativo no desvio que os modernos fizeram a esta palavra de "física" usando-a para designar exclusivamente uma ciência particular entre outras ciências que, todas elas, também são ciências naturais; esse fato diz respeito à fragmentação que já apontamos como uma das características da ciência moderna, a essa "especialização" gerada pelo espírito de análise, e empurrada ao ponto de tornar verdadeiramente inconcebível, para aqueles que são influenciados por ela, uma ciência que lida com a natureza como um todo. Temos notado muitas vezes algumas das desvantagens dessa "especialização", e especialmente a estreiteza das visões, uma consequência inevitável; mas parece que as mesmas pessoas que perceberam isso mais claramente, no entanto, resignaram-se a olhar isto como um mal necessário, por causa do acúmulo de conhecimento detalhado que nenhum homem pode abraçar de relance; eles não entenderam, por um lado, que esse conhecimento de detalhe é insignificante em si mesmo e não vale a pena sacrificar-lhes um conhecimento sintético que, mesmo que ainda esteja limitado ao relativo, é de uma ordem muito maior, e, por outro lado, que a impossibilidade de unificar sua multiplicidade vem apenas do fato de que foi proibido anexá-los a um princípio superior, do que temos persistido em fazer de baixo e

de fora, quando teríamos que fazer o oposto para ter uma ciência com valor especulativo real.

Se quisermos comparar a física antiga, não com o que os modernos se referem pela mesma palavra, mas com o conjunto de ciências naturais como estão atualmente constituídas, porque é isso que deve corresponder a ela na realidade, portanto é necessário notar, como uma primeira diferença, a divisão em múltiplas "especialidades" que são virtualmente estranhas umas às outras. No entanto, este é apenas o lado mais externo da questão, e não se deve pensar que, ao reunir todas essas ciências especiais, obter-se-ia um equivalente à física antiga. A verdade é que o ponto de vista é bem diferente, e é aqui que vemos a diferença essencial entre as duas concepções que estávamos falando anteriormente: a concepção tradicional, dissemos, liga todas as ciências aos princípios como tantas aplicações particulares, e é essa conexão que a concepção moderna não admite. Para Aristóteles, a física era apenas "segunda" em relação à metafísica, ou seja, dependia dela, que era basicamente apenas uma aplicação, no domínio da natureza, de princípios superiores à natureza e que se refletem em suas leis; e o mesmo pode ser dito da "cosmologia" da Idade Média. O design moderno, pelo contrário, afirma tornar as ciências independentes, negando qualquer coisa além delas, ou pelo menos declarando-a "desconhecida" e recusando-se a levá-la em conta, o que ainda equivale a praticamente negá-lo; essa negação realmente existiu muito antes de ser pensada em eretá-la como uma teoria sistemática sob nomes como "positivismo" e "agnosticismo", porque pode-se dizer que é realmente o ponto de partida de toda a ciência moderna. Só que foi apenas até o século XIX que vimos os homens fazerem-se glória de sua ignorância, porque proclamar-se "agnóstico" não é nada além disso, e fingir proibir a todos o conhecimento do que eles próprios não sabiam; e marcou mais um passo na decadência intelectual do Ocidente.

Ao querer separar radicalmente as ciências de qualquer princípio superior sob o pretexto de garantir sua independência, a concepção moderna as priva de qualquer significado profundo e até mesmo qualquer interesse real do ponto de vista do conhecimento e isso só pode levar a um beco sem saída, uma vez que os tranca em um campo irremediavelmente estreito[18]. O desenvolvimento que está ocorrendo dentro deste campo não é um

aprofundamento como alguns imaginam; pelo contrário, permanece bastante superficial, e consiste apenas nessa dispersão nos detalhes que já apontamos, em uma análise tão estéril quanto dolorosa, e que pode continuar indefinidamente sem dar um único passo no caminho do verdadeiro conhecimento. Portanto, não é por si só, deve-se dizer, que os ocidentais, em geral, cultivam a ciência assim compreendida: o que eles têm acima de tudo, em vista, não é conhecimento, mesmo inferior; estas são aplicações práticas, e, para ser convencido de que isso é realmente assim, basta ver a facilidade com que a maioria dos nossos contemporâneos confundem ciência e indústria, e quantos são para os quais o engenheiro representa o próprio tipo de cientista; mas isso se refere a outra questão, com a qual teremos de lidar mais plenamente com o seguinte.

A ciência, ao constituir-se da maneira moderna, perdeu não apenas em profundidade, mas também, pode-se dizer, em solidez, porque o apego aos princípios fez com que participasse da imutabilidade destes na medida em que seu próprio objeto permitia, enquanto, trancado exclusivamente no mundo da mudança, não encontrando mais nada estável, nenhum ponto fixo onde pode inclinar-se; não mais a partir de qualquer certeza absoluta, é reduzida a probabilidades e aproximações, ou a construções puramente hipotéticas que são apenas o trabalho da fantasia individual. Além disso, mesmo que aconteça acidentalmente que a ciência moderna conduza, de forma muito indireta, a certos resultados que parecem concordar com alguns dados das antigas "ciências tradicionais", seria o maior erro ver nela uma confirmação de que esses dados não precisam; e seria uma perda de tempo tentar conciliar pontos de vista totalmente diferentes, ou estabelecer uma concordância com teorias hipotecárias que, talvez, serão totalmente desacreditadas em alguns anos[19]. As coisas em questão podem, de fato, para a ciência atual, pertencer apenas ao domínio das hipóteses, enquanto que, para as "ciências tradicionais", eram outra coisa e se apresentaram como consequências inconfundíveis de verdades conhecidas intuitivamente, portanto infalivelmente, na ordem metafísica[20]. É também uma ilusão singular, peculiar ao "experimentalismo" moderno, acreditar que uma teoria pode ser provada pelos fatos, quando, na realidade, os mesmos fatos sempre podem ser

explicados também por várias teorias diferentes, e que alguns dos promotores do método experimental, como Claude Bernard, têm-se reconhecido que só podem interpretá-los com a ajuda de "ideias preconcebidas", sem o qual esses fatos permaneceram "fatos crus", desprovidos de qualquer significado e valor científico.

Uma vez que viemos falar de "experimentalismo", devemos aproveitar a oportunidade para responder a uma pergunta que possa surgir sobre este assunto; esta: por que as ciências devidamente experimentais receberam, na civilização moderna, um desenvolvimento que nunca tiveram em outras civilizações? É que essas ciências são as do mundo sensível, as da matéria, e também são elas que dão origem às aplicações práticas mais imediatas; seu desenvolvimento, acompanhado pelo que chamamos de "superstição de fato", corresponde bem às tendências especificamente modernas, enquanto, por outro lado, épocas anteriores não tinham sido capazes de encontrar razões suficientes de interesse para se apegarem a eles a ponto de negligenciar o conhecimento de alta ordem. Deve-se entender que não se trata, em nosso pensamento, de declarar ilegítimo em si mesmo qualquer conhecimento, mesmo inferior; o que é ilegítimo é apenas o abuso que ocorre quando coisas desse tipo absorvem toda a atividade humana, como estamos vendo agora. Pode-se até mesmo conceber que, em uma civilização normal, as ciências constituídas por um método experimental são, assim como outras, ligadas a princípios e, portanto, dotadas de um valor especulativo real; na verdade, se este caso não parece ter ocorrido, é porque a atenção estava preferencialmente focada em outro lado, e também que, embora fosse uma questão de estudar o mundo sensível na medida em que poderia parecer interessante fazê-lo, os dados tradicionais possibilitaram a realização deste estudo mais favoravelmente por outros métodos e de outro ponto de vista.

Dissemos acima que uma das características da época atual é a exploração de todos os que até então haviam sido negligenciados como tendo apenas uma importância secundária demais para os homens dedicarem sua atividade a ela, e que, no entanto, tiveram que ser desenvolvidas também antes do final desse ciclo, uma vez que essas coisas tinham seu lugar entre as possibilidades que eram chamadas de manifestação; este caso é precisamente, em particular, o das ciências experimentais que surgiram

nos últimos séculos. Há até algumas ciências modernas que realmente representam, no sentido mais literal, "resíduos" das ciências antigas, hoje mal compreendidas: é a parte mais baixa deste último que, isolando-se e se destacando de tudo em um período de decadência, se materializou grosseiramente, então serviu de ponto de partida para um desenvolvimento completamente diferente, em um sentido consistente com as tendências modernas, de modo a levar à constituição de ciências que realmente não têm mais nada em comum com aquelas que as precederam. Assim, por exemplo, é errado dizer, como normalmente é feito, que a astrologia e a alquimia tornaram-se astronomia moderna e química, respectivamente, embora haja nesta opinião uma certa parte da verdade do ponto de vista simplesmente histórica, parte da verdade que é exatamente a que acabamos de indicar: se esta última dessas ciências de fato proceder do primeiro em certo sentido, não é por "evolução" ou "progresso" como se afirma, mas pelo contrário pela degeneração; e isso ainda requer alguma explicação.

Deve-se notar, em primeiro lugar, que a atribuição de significados distintos aos termos "astrologia" e "astronomia" é relativamente recente; entre os gregos, estas duas palavras foram usadas intercambiavelmente para se referir ao todo do que ambas agora se aplicam. Parece, portanto, à primeira vista, que ainda estamos lidando neste caso com uma dessas divisões por "especialização" que foram estabelecidas entre o que eram originalmente apenas partes de uma única ciência; mas o que é peculiar aqui é que, enquanto uma dessas partes, a que representava o lado mais material da ciência em questão, assumiu um desenvolvimento independente, a outra parte, por outro lado, desapareceu completamente. Isso é tão verdade que não sabemos mais hoje o que poderia ser a astrologia antiga, e que as mesmas pessoas que tentaram reconstruí-la só chegaram a falsificações reais, seja querendo torná-la o equivalente a uma ciência experimental moderna, com intervenção das estatísticas e o cálculo das probabilidades, que provém de um ponto de vista que não poderia de forma alguma ser o da antiguidade ou da Idade Média, ou aplicando-se exclusivamente à restauração de uma "arte divinatória" que era pouco mais do que um desvio da astrologia ameaçada, e onde se podia

ver no máximo uma aplicação muito inferior e bastante indigno de consideração, como ainda é possível ver nas civilizações orientais.

O caso da química é talvez ainda mais claro e mais característico; e, quanto à ignorância dos modernos em relação à alquimia, é pelo menos tão grande quanto no que diz respeito à astrologia. A verdadeira alquimia era essencialmente uma ciência de uma ordem cosmológica, e, ao mesmo tempo, também era aplicável à ordem humana, em virtude da analogia do "macrocósmo" e do "microcosmo"; além disso, foi constituída expressamente com o objetivo de permitir uma transposição para o reino puramente espiritual, o que deu aos seus ensinamentos um valor simbólico e um significado maior, e que a tornou um dos tipos mais completos das "ciências tradicionais". O que deu origem à química moderna não é essa alquimia com a qual ela tem, em suma, nenhuma relação; é uma distorção, um desvio no sentido mais rigoroso da palavra, um desvio ao qual deu origem, talvez tão cedo quanto a Idade Média, à incompreensão de alguns, que, incapazes de penetrar o verdadeiro significado dos símbolos, levaram tudo literalmente e, acreditando que estas estavam em todas essas operações materiais, embarcaram em um experimento mais ou menos desordenado. Foram estes, a quem os alquimistas ironicamente se referiam como "sopradores" e "queimadores de carvão", que foram os verdadeiros precursores dos químicos atuais; e é assim que a ciência moderna é construída com a ajuda dos detritos das ciências antigas, com os materiais rejeitados por eles e abandonados aos ignorantes e ao "profano". Vamos acrescentar novamente que os chamados renovadores da alquimia, como existem alguns entre nossos contemporâneos, estão apenas prolongando esse mesmo desvio, e que sua pesquisa está tão longe da alquimia tradicional quanto a dos astrólogos a quem aludimos anteriormente são da astrologia antiga; e é por isso que temos o direito de afirmar que as "ciências tradicionais" do Ocidente estão realmente perdidas para os modernos.

Vamos nos limitar a esses poucos exemplos; seria fácil, no entanto, dar ainda mais, tomada em ordens um pouco diferentes, e mostrando a mesma degeneração em todos os lugares. Pode-se ver, assim, que a psicologia como a entendemos hoje, ou seja, o estudo de fenômenos mentais como tal, é um produto natural do empirismo anglo-saxão e do espírito do século

XVIII, e que o ponto de vista ao qual corresponde era tão insignificante para os antigos que, se às vezes o considerassem incidentalmente, eles nunca teriam pensado em torná-lo uma ciência especial; tudo o que poderia ser válido nisso foi, para eles, transformado e assimilado em pontos de vista superiores. Em um campo completamente diferente, poderia também ser demonstrado que a matemática moderna representa, por assim dizer, apenas a casca da matemática pitagórica, seu lado puramente "exotérico"; a antiga ideia de números tornou-se até absolutamente ininteligível para os modernos, porque, aqui também, a parte superior da ciência, aquela que lhe deu, com o caráter tradicional, um valor propriamente intelectual, desapareceu totalmente; e este caso é bastante comparável ao da astrologia. Mas não podemos passar por todas as ciências um após o outro, o que seria bastante tedioso; achamos que já dissemos o suficiente para nos fazer entender a natureza da mudança à qual a ciência moderna deve sua origem, e que é o oposto do "progresso", que é uma verdadeira regressão da inteligência; e agora voltaremos às considerações gerais sobre os respectivos papéis das "ciências tradicionais" e das ciências modernas, sobre a profunda diferença entre o verdadeiro destino de um e outro.

Qualquer ciência, de acordo com a concepção tradicional, tem menos interesse em si mesma do que na medida em que é como uma extensão ou um ramo secundário da doutrina, a parte essencial da qual é constituída, como dissemos, por pura metafísica[21]. De fato, se toda ciência é certamente legítima, desde que ocupe apenas o lugar que realmente lhe convém por sua própria natureza, é fácil entender que, para quem possui uma ordem superior de conhecimento, o conhecimento inferior necessariamente perde muito do seu interesse. Mesmo este conhecimento inferior mantendo apenas em funcionamento, se pudermos dizer, o conhecimento principal, isto é, na medida em que, de um lado, reflete o campo contingente, e, por outro lado, provavelmente leva a esse mesmo conhecimento principal, que, no caso de prevermos, nunca pode ser perdido de vista ou sacrificado para considerações mais ou menos acidentais. Estes são os dois papéis complementares que pertencem ao seu próprio direito às "ciências tradicionais": por um lado, como aplicações da doutrina, possibilitam unir todas as ordens da realidade, integrá-las à

unidade da síntese total; por outro lado, são, pelo menos para alguns, e de acordo com suas aptidões, uma preparação para um conhecimento mais elevado, uma espécie de encaminhamento para o último, e, em sua distribuição hierárquica de acordo com os graus de existência a que se relacionam, constituem então tantos níveis com a ajuda do qual é possível elevar-se à intelectualidade pura[22]. É óbvio demais que a ciência moderna não pode, em qualquer grau, cumprir qualquer um desses dois papéis; é por isso que são e só podem ser "ciência secular", enquanto as "ciências tradicionais", por seu apego aos princípios metafísicos, são efetivamente incorporadas à "ciência sagrada".

A coexistência dos dois papéis que acabamos de indicar não implica contradição ou círculo vicioso, ao contrário do que pode ser pensado por aqueles que consideram as coisas apenas superficialmente; e este é novamente um ponto sobre o qual devemos insistir um pouco. Pode-se dizer que há dois pontos de vista, um descendente e o outro ascendente, o primeiro corresponde a um desenvolvimento de conhecimento a partir dos princípios para ir às aplicações cada vez mais distantes deles, e o segundo a uma aquisição gradual desse mesmo conhecimento, procedendo do inferior ao superior, ou, se preferir, do lado de fora para dentro. A questão não é, portanto, se as ciências devem ser constituídas de baixo para cima ou de cima para baixo, se é necessário, para que sejam possíveis, tome como ponto de partida o conhecimento dos princípios ou, pelo contrário, o do mundo sensato; esta questão, que pode ser colocada do ponto de vista da filosofia "profana", e que parece ter sido colocada de fato neste campo, mais ou menos explicitamente, pela antiguidade grega, esta questão, dizemos, não existe para a "ciência sagrada", que só pode partir de princípios universais; e o que tira dele aqui toda a lógica, é o papel primário da intuição intelectual, que é o mais imediato de todos os conhecimentos, bem como o mais alto, e que é absolutamente independente do exercício de qualquer corpo docente de uma ordem sensível ou mesmo racional. As ciências só podem ser validamente constituídas como "ciências sagradas" por aqueles que, acima de tudo, possuem plenamente o conhecimento principal, e que, portanto, são os únicos qualificados para realizar, de acordo com a mais rigorosa ortodoxia tradicional, todas as adaptações exigidas pelas circunstâncias do tempo e

do lugar. Apenas, quando as ciências são assim constituídas, seu ensino pode seguir uma ordem inversa: eles são de uma forma como "ilustrações" da doutrina pura, que podem torná-la mais facilmente acessível a certas mentes; e, pelo mesmo sinal de que dizem respeito ao mundo da multiplicidade, a diversidade quase indefinida de seus pontos de vista pode ser adequada para a não menos grande diversidade das habilidades individuais desses espíritos, cujo horizonte ainda está limitado a este mesmo mundo de multiplicidade; os caminhos possíveis para alcançar o conhecimento podem ser extremamente diferentes até o menor grau, e então passam a unificar cada vez mais à medida que se atinge estágios mais altos. Não é que qualquer um desses graus preparatórios seja de absoluta necessidade, uma vez que estes são apenas meios contingentes e fora de todas as medidas com o objetivo a ser alcançado; pode até ser que alguns, entre aqueles em quem a tendência contemplativa domina, subam à verdadeira intuição intelectual de uma só vez e sem a ajuda de tais meios[23], mas este é apenas um caso bastante excepcional, e, mais geralmente, há o que pode ser chamado de necessidade de conveniência para prosseguir na direção ascendente. Também podemos, para que isso seja compreendido, usar a imagem tradicional da "roda cósmica": a circunferência realmente existe apenas através do centro; mas os seres que estão na circunferência devem necessariamente começar a partir dela, ou mais precisamente do ponto onde são colocados, e seguir o raio para chegar ao centro. Além disso, em virtude da correspondência que existe entre todas as ordens da realidade, as verdades de uma ordem inferior podem ser consideradas como símbolos daquelas das ordens superiores e, consequentemente, servem como "apoio" para chegar análogamente ao conhecimento deste último[24]; isso é o que dá a cada ciência um significado maior ou "anmagógico", mais profundo do que o que possui por si só, e o que pode lhe dar o caráter de uma verdadeira "ciência sagrada".

Qualquer ciência, pode assumir esse caráter, seja qual for o seu objeto, na única condição de ser constituído e previsto de acordo com o espírito tradicional; só é necessário levar em conta, neste, os graus de importância dessas ciências, de acordo com o grau hierárquico das diversas realidades com as quais se relacionam; mas, em um grau ou outro, seu caráter e

função são essencialmente os mesmos na concepção tradicional. O que é verdade aqui de toda ciência é mesmo verdade para toda a arte, na medida em que pode ter um valor propriamente simbólico que a torna capaz de fornecer "apoios" para a meditação, e também como suas regras são, como as leis cujo conhecimento é objeto das ciências, reflexões e aplicações de princípios fundamentais; e assim há, em qualquer civilização normal, "artes tradicionais", que não são menos desconhecidas pelos ocidentais modernos do que as "ciências tradicionais"[25]. A verdade é que não há de fato nenhum "domínio profano", que de alguma forma se oporia ao "domínio sagrado"; há apenas um "ponto de vista profano", que não é apenas o ponto de vista da ignorância[26]. É por isso que a "ciência secular", a dos modernos, pode justamente, como já dissemos em outros lugares, ser considerada como "conhecimento ignorante": conhecimento de ordem inferior, que está inteiramente no nível da realidade mais baixa, e conhecimento ignorante de tudo o que a supera, ignorante de qualquer extremidade superior para si mesma, a partir de qualquer princípio que possa garantir seu lugar legítimo, por mais humilde que seja, entre as várias ordens de conhecimento integral; irremediavelmente trancado no reino relativo e de mente estreita no qual queria proclamar-se independente, tendo assim cortado toda a comunicação com a verdade transcendente e com conhecimento supremo, não é mais do que uma ciência vã e ilusória, que, para dizer a verdade, vem do nada e não leva a nada.

Esta exposição permitirá compreender tudo o que o mundo moderno não tem em relação à ciência, e como essa mesma ciência da qual ele se orgulha representa apenas um simples desvio e como um desperdício de ciência verdadeira, que, para nós, se identifica inteiramente com o que chamamos de "ciência sagrada" ou "ciência tradicional". A ciência moderna, que vai de uma limitação arbitrária do conhecimento a uma determinada ordem particular, e que é a mais inferior de todas, a da realidade material ou sensata, perdeu, por causa dessa limitação e das consequências que implica imediatamente, todo o valor intelectual, pelo menos se a intelectualidade é dada a plenitude de seu verdadeiro significado, se alguém se recusa a compartilhar o erro "racionalista", ou seja, equiparar a pura inteligência com a razão, ou, o que equivale ao

mesmo, negar a intuição intelectual. O que está no fundo desse erro, como em grande parte de outros erros modernos, o que está na raiz de todo o desvio da ciência como acabamos de explicar, é o que pode ser chamado de "individualismo", que é aquele com o espírito anti-tradicional em si, e cujas múltiplas manifestações, em todas as áreas, constituem um dos fatores mais importantes da desordem do nosso tempo; é esse "individualismo" que devemos agora dar uma olhada mais de perto.

Capítulo V

INDIVIDUALISMO

O que queremos dizer com "individualismo" é a negação de qualquer princípio superior à individualidade e, consequentemente, a redução da civilização, em todas as áreas, apenas aos elementos puramente humanos; é, portanto, basicamente o mesmo que foi referido no período renascentista como "humanismo", como dissemos acima, e é também o que caracteriza adequadamente o que chamamos anteriormente de "ponto de vista profano". Tudo isso, em suma, é a mesma coisa sob várias designações; e dissemos novamente que esse espírito "profano" se funde com o espírito anti-tradicional, no qual todas as tendências especificamente modernas são resumidas. Não é, sem dúvida, que este espírito seja inteiramente novo; já teve, em outras ocasiões, manifestações mais ou menos acentuadas, mas sempre limitadas e aberrantes, e que nunca se estenderam a toda uma civilização como fizeram no Ocidente nos últimos séculos. O que nunca tinha sido visto antes era uma civilização inteira construída sobre algo puramente negativo, sobre o que poderia ser chamado de ausência de princípio; isso é precisamente o que dá ao mundo moderno seu caráter anormal, o que o torna uma espécie de monstruosidade, explicada apenas se o considerarmos como correspondente ao fim de um período cíclico, de acordo com o que explicamos antes de tudo. Trata-se, portanto, do individualismo, como acabamos de defini-lo, que é a causa determinante da atual decadência do Ocidente, pelo próprio fato de que é, de certa forma, o motor do desenvolvimento exclusivo das possibilidades mais inferiores da humanidade, daqueles cuja expansão não requer a intervenção de qualquer

elemento supra-humano, e que só pode ser totalmente implantado na ausência de tal elemento, porque eles estão no extremo oposto de toda a verdadeira espiritualidade e intelectualidade.

O individualismo implica, em primeiro lugar, a negação da intuição intelectual, na medida em que é essencialmente uma faculdade supra-individual, e da ordem do conhecimento que é o domínio adequado dessa intuição, ou seja, da metafísica entendida em seu verdadeiro sentido. É por isso que tudo o que os filósofos modernos chamam sob o mesmo nome da metafísica, quando admitem algo que chamam assim, não tem absolutamente nada em comum com a verdadeira metafísica: são apenas construções racionais ou hipóteses imaginativas, portanto todas as concepções individuais, e a maioria das quais, além disso, simplesmente se relaciona com o domínio "físico", ou seja, para a natureza. Mesmo que haja nesta questão algo que possa ser efetivamente anexado à ordem metafísica, a forma como é previsto e tratado ainda o reduz a ser apenas "pseudo-metafísica", e torna impossível qualquer solução real e válida; até parece que, para os filósofos, é uma questão de colocar "problemas", mesmo que sejam artificiais e ilusórios, muito mais do que resolvê-los, que é um dos aspectos da necessidade desordenada da pesquisa para si, ou seja, da agitação mais vã na ordem mental, bem como na ordem corpórea. É também, para esses mesmos filósofos, anexar seu nome a um "sistema", ou seja, a um conjunto de teorias estritamente delimitadas, e que é, para eles, nada além de seu próprio trabalho; daí o desejo de ser original a todo custo, mesmo que a verdade deva ser sacrificada à essa originalidade: é melhor, para a fama de um filósofo, inventar um novo erro do que repetir uma verdade que já foi expressa por outros. Essa forma de individualismo, a que devemos tantos "sistemas" contraditórios uns aos outros, se não em si mesmos, também é encontrada tão bem entre estudiosos e artistas modernos; mas talvez seja entre os filósofos que podemos ver mais claramente a anarquia intelectual que é a consequência inevitável.

Em uma civilização tradicional, é quase inconcebível para um homem reivindicar a propriedade de uma ideia, e, em qualquer caso, se ele faz, ele remove assim todo o crédito e autoridade, pois ele assim a reduz a ser apenas um tipo de fantasia sem qualquer significado real: se uma ideia é verdadeira, ela também pertence a todos aqueles que são capazes de

entendê-la; se é falsa, não há necessidade de ser glória por tê-la inventado. Uma verdadeira ideia não pode ser "nova", pois a verdade não é um produto da mente humana, ela existe independentemente de nós, e só temos que conhecê-la; além desse conhecimento, só pode haver erro; mas, no fundo, os modernos se importam com a verdade, e eles ainda sabem o que é? Aqui também, as palavras perderam seu significado, uma vez que alguns, como os "pragmáticos" contemporâneos, vão tão longe quanto dar abusivamente esse nome de "verdade" ao que é simplesmente utilidade prática, ou seja, para algo que é totalmente estranho à ordem intelectual; é, como resultado lógico do desvio moderno, a própria negação da verdade, bem como da inteligência da qual é seu próprio objeto. Mas não nos antecipamos mais, e, neste ponto, vamos apenas apontar novamente que o tipo de individualismo antes mencionado é a fonte de ilusões sobre o papel dos "grandes homens", ou os chamados "gênios", entendido no sentido "profano", é muito pouco na realidade, e não pode de forma alguma compensar a falta de conhecimento verdadeiro.

Uma vez que falamos de filosofia, vamos apontar novamente, sem entrar em todos os detalhes, algumas das consequências do individualismo neste campo: o primeiro de tudo foi, pela negação da intuição intelectual, colocar a razão acima de tudo, fazer deste corpo docente puramente humano e relativo a parte superior da inteligência, ou mesmo para reduzi-lo inteiramente; isso é o que constitui o "racionalismo", do qual o verdadeiro fundador foi Descartes. Essa limitação da inteligência foi apenas um primeiro passo; a razão em si estava prestes a ser reduzida cada vez mais a um papel principalmente prático, uma vez que as aplicações prevaleceram sobre as ciências que ainda poderiam ter um certo caráter especulativo; e, já, o próprio Descartes estava, no final, muito mais preocupado com essas aplicações práticas do que com a ciência pura. Mas isso não é tudo: o individualismo inevitavelmente leva ao "naturalismo", uma vez que tudo além da natureza está, pelo mesmo símbolo, além do alcance do indivíduo como tal; "naturalismo" ou negação da metafísica é apenas uma e a mesma coisa, e, assim que a intuição intelectual é desconhecida, não há mais metafísica possível; mas, enquanto alguns persistem na construção de algum tipo de "pseudo-metafísica", outros reconhecem mais francamente essa impossibilidade; daí o "relativismo"

em todas as suas formas, seja a "crítica" de Kant ou o "positivismo" de Auguste Comte; e, uma vez que a razão é em si toda relativa e só pode se aplicar validamente a um campo igualmente relativo, é verdade que o "relativismo" é o único resultado lógico do "racionalismo". Este último, aliás, teve que se destruir. "Natureza" e "tornar-se", como observamos acima, são na realidade sinônimos; um "naturalismo" consistente consigo mesmo pode, portanto, ser apenas uma daquelas "filosofias de se tornar", das quais já falamos, e cujo tipo especificamente moderno é o "evolucionismo"; mas foi precisamente este último que finalmente se voltou contra o "racionalismo", repreendendo a razão de não poder se aplicar adequadamente ao que é apenas mudança e pura multiplicidade, nem de incluir em seus conceitos a complexidade indefinida de coisas sensíveis. Esta é, de fato, a posição tomada por essa forma de "evolucionismo" que é o "intuicionismo" bergsoniano, que, naturalmente, não é menos individualista e antimetáfisico do que o "racionalismo", e que, se critica precisamente o último, cai ainda mais baixo ao apelar para uma faculdade devidamente infra-racional, para uma intuição sensível bastante mal definida, e mais ou menos misturada com imaginação, de instinto e sentimento. O que é muito significativo é que aqui não é mais nem mesmo uma questão de "verdade", mas apenas de "realidade", reduzida exclusivamente à única ordem sensata, e concebida como algo essencialmente comovente e instável; a inteligência, com tais teorias, é verdadeiramente reduzida à sua parte mais baixa, e a razão em si não é mais aceita a menos que se aplique à modelagem da matéria para usos industriais. Depois disso, só faltava um passo: foi a negação total da inteligência e do conhecimento, a substituição de "utilitário" pela "verdade"; era "pragmatismo", ao qual já aludimos anteriormente; e, aqui, não estamos mais nem no humano puro e simples como no "racionalismo", estamos verdadeiramente no infra-humano, com o chamado ao "subconsciente" que marca a derrubada completa de qualquer hierarquia normal. Esta, em amplo esboço, é a marcha que inevitavelmente se seguiu e que a filosofia "profana" deixada para si mesma, alegando limitar todo o conhecimento ao seu próprio horizonte, de fato se seguiu; enquanto houvesse conhecimento superior, nada disso poderia acontecer, pois a filosofia era pelo menos obrigada a respeitar o que ignorava e não podia negar; mas quando esse conhecimento superior tinha desaparecido, sua

negação, que correspondia ao estado das coisas, foi logo erguida em teoria, e é aí que toda a filosofia moderna prossegue.

Mas isso é suficiente sobre filosofia, à qual não é apropriado atribuir importância indevida, qualquer lugar que pareça manter no mundo moderno; do ponto de vista a partir do qual nos colocamos, é acima de tudo interessante que expresse, de forma tão claramente definida quanto possível, as tendências deste ou daquele momento, embora realmente não as crie; e, caso se possa dizer que os direciona até certo ponto, é apenas secundário e depois do fato. Assim, é certo que toda filosofia moderna tem sua origem em Descartes; mas a influência que ele exerceu em seu tempo primeiro, depois sobre aqueles que se seguiram, e que não se limitava apenas aos filósofos, não teria sido possível se suas concepções não tivessem correspondido a tendências pré-existentes, que eram em suma as da generalidade de seus contemporâneos; a mente moderna encontrou-se no cartesianismo e, através dela, tomou de si uma consciência mais clara do que tinha até então. Além disso, em qualquer campo, um movimento tão aparente quanto o cartesianismo foi, em termos filosóficos, um resultado e não um ponto de partida real; não é algo espontâneo, é o produto de todo um trabalho latente e difuso; se um homem como Descartes é particularmente representativo do desvio moderno, se podemos dizer que ele o encarna de alguma forma de um certo ponto de vista, ele não é o único ou o primeiro responsável, e seria necessário voltar muito mais longe para encontrar as raízes desse desvio. Da mesma forma, o Renascimento e a Reforma, que são mais frequentemente considerados como as primeiras grandes manifestações do espírito moderno, completaram a ruptura com a tradição muito mais do que a provocaram; para nós, o início dessa ruptura data do século XIV, e está lá, e não um ou dois séculos depois. É ali que devemos, na realidade, fazer os tempos modernos começarem.

É nessa ruptura com a tradição que ainda devemos insistir, uma vez que é a partir dele que o mundo moderno nasceu, do qual todos os personagens adequados poderiam ser resumidos em um, a oposição ao espírito tradicional; e a negação da tradição ainda é o individualismo. Isso, aliás, está em perfeita concordância com o acima, uma vez que, como explicamos, é a intuição intelectual e a doutrina metafísica pura que são o

princípio de qualquer civilização tradicional; assim que o princípio é negado, todas as suas consequências também são negadas, pelo menos implicitamente, e, portanto, tudo o que realmente merece o nome da tradição é destruído pelo mesmo. Já vimos o que aconteceu nesse sentido em relação à ciência; por isso não voltaremos a ela, e consideraremos outro lado da questão, onde as manifestações do espírito anti-tradicional são talvez ainda mais imediatamente visíveis, porque estas são mudanças que afetaram diretamente a própria massa ocidental. De fato, as "ciências tradicionais" da Idade Média foram reservadas para uma elite mais ou menos restrita, e algumas delas eram mesmo a prerrogativa exclusiva de escolas muito fechadas, constituindo um "esoterismo" no sentido mais estrito da palavra; mas, por outro lado, havia também, na tradição, algo que era comum a todos indiscriminadamente, e é sobre essa parte externa que queremos falar agora. A tradição ocidental era então, externamente, uma tradição de forma especificamente religiosa, representada pelo Catolicismo; é, portanto, no campo religioso que teremos que considerar a revolta contra o espírito tradicional, uma revolta que, quando tomou uma forma definitiva, foi chamada de protestantismo; e é fácil perceber que isso é de fato uma manifestação do individualismo, tanto que se poderia dizer que não é nada além do individualismo em si considerado em sua aplicação à religião. O que faz o protestantismo, como o que faz o mundo moderno, é apenas uma negação, essa negação de princípios que é a própria essência do individualismo; e aqui novamente podemos ver um dos exemplos mais marcantes do estado de anarquia e dissolução que é a consequência.

Quem diz que o individualismo significa necessariamente a recusa em admitir uma autoridade superior ao indivíduo, bem como uma faculdade de conhecimento superior à razão individual; as duas coisas são inseparáveis uma da outra. Portanto, a mente moderna teve que rejeitar toda a autoridade espiritual no verdadeiro sentido da palavra, tendo sua fonte na ordem supra-humana, e qualquer organização tradicional, que é essencialmente baseada em tal autoridade, seja qual for a forma que ela toma, uma forma que naturalmente difere de acordo com as civilizações. Foi o que aconteceu de fato: à autoridade da organização qualificada para interpretar legitimamente a tradição religiosa do Ocidente, o

protestantismo alegou substituir o que chamou de "livre exame", ou seja, a interpretação deixada à arbitrariedade de todos, até mesmo aos ignorantes e incompetentes, e baseado apenas no exercício da razão humana. Foi, portanto, no campo religioso, o análogo do que o "racionalismo" deveria estar na filosofia; era a porta aberta para todas as discussões, para todas as diferenças, para todos os desvios; e o resultado era o que era para ser: a dispersão em uma multidão cada vez maior de seitas, cada uma das quais representa apenas a opinião particular de alguns indivíduos. Como era, sob essas condições, impossível concordar com a doutrina, ela rapidamente passou para o fundo, e é o lado secundário da religião, queremos dizer moralidade, que tomou o primeiro lugar: a partir daí essa degeneração em "moralismo" que é tão sensível no protestantismo de hoje. Este tem sido um fenômeno paralelo ao que temos apontado no que diz respeito à filosofia; a dissolução doutrinária, o desaparecimento dos elementos intelectuais da religião, levou a essa consequência inevitável: a partir do "racionalismo", foi preciso cair para o "sentimentalismo", e é nos países anglo-saxões que se pode encontrar os exemplos mais marcantes. O que está em jogo, então, não é mais religião, mesmo diminuída e distorcida, é simplesmente "religiosidade", ou seja, vagas aspirações sentimentais que não se justificam por nenhum conhecimento real; e nesta última fase correspondem a teorias como a da "experiência religiosa" de William James, que chega ao ponto de ver no "subconsciente" os meios para o homem entrar em comunicação com o divino. Aqui, os últimos produtos da decadência religiosa se fundem com os de decadência filosófica: "experiência religiosa" é incorporada ao "pragmatismo", em nome do qual a ideia de um Deus limitado é defendida como mais "vantajosa" do que a do Deus infinito, porque pode-se sentir por ele sentimentos comparáveis àqueles que se sente em relação a um homem superior; e, ao mesmo tempo, pelo apelo ao "subconsciente", passamos a unir o espiritismo e todas as "pseudo-religiões" características do nosso tempo, que estudamos em outras obras. Por outro lado, a moralidade protestante, eliminando cada vez mais qualquer base doutrinária, eventualmente degenerou no que é chamado de "moralidade secular", que conta entre seus partidários os representantes de todas as variedades do "protestantismo" liberal[101], bem como os opositores declarados de qualquer ideia religiosa; basicamente, em ambos, as mesmas tendências predominam, e a única

diferença é que nem todas elas vão tão longe no desenvolvimento lógico de tudo o que envolve. Por outro lado, a moralidade protestante, eliminando cada vez mais qualquer base doutrinária, eventualmente degenerou no que é chamado de "moralidade secular", que conta entre seus partidários os representantes de todas as variedades do "protestantismo" liberal, bem como os opositores declarados de qualquer ideia religiosa; basicamente, em ambos, as mesmas tendências predominam, e a única diferença é que nem todas elas vão tão longe no desenvolvimento lógico de tudo o que envolve.

De fato, uma vez que a religião é uma forma de tradição, o espírito anti-tradicional só pode ser antirreligioso; começa distorcendo a religião, e, quando pode, acaba suprimindo-a completamente. O protestantismo é ilógico nisso, enquanto se esforça para "humanizar" a religião, ainda permite que um elemento supra-humano permaneça, pelo menos em teoria, que é a revelação; ele não se atreve a empurrar a negação até o fim, mas, ao entregar essa revelação a todas as discussões que são consequência de interpretações puramente humanas, ele reduz de fato para em breve não ser nada; e, quando vemos pessoas que, apesar de persistirem em se chamarem de "cristãos", já não admitem mais a divindade de Cristo, é permitido pensar que estes, talvez sem suspeitar, estão muito mais próximos da negação completa do que do verdadeiro cristianismo. Tais contradições, aliás, não devem ser desusadas, pois são, em todos os campos, um dos sintomas do nosso tempo de desordem e confusão, assim como a divisão incessante do protestantismo é apenas uma das muitas manifestações dessa dispersão na multiplicidade que, como dissemos, é encontrada em todos os lugares na vida e na ciência modernas. Por outro lado, é natural que o protestantismo, com o espírito de negação que o anima, tenha dado origem a essa dissolução de "crítica" que, nas mãos dos chamados "historiadores das religiões", tornou-se uma arma de combate contra toda a religião, e que, assim, ao afirmar não reconhecer nenhuma autoridade que não seja a dos Livros Sagrados, contribuiu em grande medida para a destruição desta mesma autoridade, ou seja, o mínimo de tradição que ele ainda preservava; a revolta contra o espírito tradicional, uma vez iniciado, não podia parar no meio do caminho.

Pode-se fazer uma objeção aqui: não teria sido possível que, ao se separar da organização católica, o protestantismo, pelo mesmo sinal de que admitiu os Livros Sagrados, mantivesse a doutrina tradicional nela contida? É a introdução de um "exame livre" que se opõe absolutamente a tal hipótese, uma vez que permite todas as fantasias individuais; a preservação da doutrina pressupõe, além disso, um ensino tradicional organizado, pelo qual a interpretação ortodoxa é mantida, e de fato, esse ensino, no mundo ocidental, foi identificado com o catolicismo. Sem dúvida, pode haver, em outras civilizações, organizações de formas muito diferentes desta para cumprir a função correspondente; mas é da civilização ocidental, com suas condições particulares, que estamos falando aqui. Não se pode, portanto, argumentar que, por exemplo, não há instituição na Índia comparável ao Papado; o caso é bem diferente, em primeiro lugar porque não estamos lidando com uma tradição de forma religiosa no sentido ocidental desta palavra, de modo que os meios pelos quais ela é preservada e transmitida não podem ser os mesmos, e em segundo lugar porque, o espírito hindu sendo bastante diferente do espírito europeu, a tradição pode ter por si só, no primeiro caso, um poder que não pode ter no segundo sem o apoio de uma organização muito mais estritamente definida em sua constituição externa. Já dissemos que a tradição ocidental, desde o cristianismo, deve necessariamente ser vestida com uma forma religiosa; seria muito tempo para explicar aqui todas as razões, que não podem ser totalmente compreendidas sem apelar para considerações bastante complexas; mas este é um estado de coisas que não pode ser levado em conta[27] e, portanto, também é necessário admitir todas as consequências que resultam dela no que diz respeito à organização adequada a uma forma tão tradicional.

Por outro lado, é bastante certo, como também indicamos acima, que é apenas no Catolicismo que o que ainda permanece, apesar de tudo, do espírito tradicional no Ocidente foi mantido; Isso significa que, pelo menos aqui, podemos falar de uma preservação integral da tradição, livre de qualquer ataque ao espírito moderno? Infelizmente, este não parece ser o caso; ou, para falar com mais precisão, se o depósito da tradição permaneceu intacto, o que já é muito, é bastante duvidoso que o significado profundo ainda seja entendido efetivamente, mesmo por uma

pequena elite, cuja existência se manifestaria provavelmente por uma ação, ou melhor, por uma influência que, de fato, não vemos lugar nenhum. É, portanto, mais provável o que chamamos de conservação latente, sempre permitindo que aqueles que serão capazes de fazê-lo recuperem o significado da tradição, mesmo que esse significado não esteja atualmente consciente para ninguém; e há também, espalhados aqui e ali no mundo ocidental, fora do campo religioso, muitos sinais ou símbolos que vêm de doutrinas tradicionais antigas, e que preservamos sem entendê-los. Nesses casos, o contato com a mente tradicional plenamente viva é necessário para despertar o que é, portanto, mergulhado em uma espécie de sono, para restaurar a compreensão perdida; e, vamos dizer novamente, é nisso acima de tudo que o Ocidente precisará da ajuda do Oriente se quiser voltar à consciência de sua própria tradição.

O que acabamos de dizer diz respeito adequadamente às possibilidades que o Catoliscismo, por seu princípio, carrega dentro de si mesmo de forma constante e inalterável; aqui, portanto, a influência da mente moderna está necessariamente limitada a impedir, por um período mais ou menos longo, que certas coisas sejam realmente compreendidas. Por outro lado, se alguém quisesse, ao falar do estado atual do Catolicismo, significar por isso a forma como é previsto pela grande maioria de seus adeptos, seria obrigado a notar uma ação mais positiva da mente moderna, se essa expressão pode ser usada para algo que, na realidade, é essencialmente negativa. O que temos em mente nesse sentido não são apenas movimentos claramente definidos, como o que recebeu precisamente o nome de "modernismo", e que nada mais foi do que uma tentativa, felizmente frustrada, de se infiltrar no espírito protestante dentro da própria Igreja Católica; é acima de tudo um estado mental muito mais geral, mais difuso e mais difícil de compreender, portanto ainda mais perigoso, ainda mais perigoso, ainda que muitas vezes é bastante inconsciente entre aqueles que são afetados: pode-se acreditar sinceramente religioso e não ser de todo no fundo, pode-se até chamar-se de "tradicionalista" sem ter a menor noção do verdadeiro espírito tradicional, e este é novamente um dos sintomas do transtorno mental do nosso tempo. O estado de espírito a que nos referimos é, em primeiro lugar, o que consiste, por assim dizer, em "minimizar" a religião, em

torná-la algo que se diferencia, ao qual se contenta em atribuir um lugar bem definido e o mais estreito possível, algo que não tem influência real sobre o resto da existência, que é isolado por uma espécie de partição impermeável. Há muitos católicos hoje que têm, na vida cotidiana, formas de pensar e agir significativamente diferentes daqueles de seus contemporâneos mais "areligiosos"? É também uma ignorância quase completa do ponto de vista doutrinário, indiferença até mesmo a tudo o que está relacionado a ela; a religião, para muitos, é simplesmente uma questão de "prática", geralmente, para não dizer rotina, e se abstém cuidadosamente de procurar entender qualquer coisa, chega-se a pensar que é inútil entender, ou talvez não haja nada para entender; além disso, se alguém realmente entendia a religião, poderia torná-la um lugar tão medíocre entre suas preocupações? A doutrina é, portanto, esquecida ou reduzida a quase nada, o que é singularmente próximo da concepção protestante, porque é um efeito das mesmas tendências modernas, opostas a toda intelectualidade; e o que é mais deplorável é que o ensino que é geralmente dado, em vez de reagir contra esse estado de espírito, favorece-o pelo contrário, adaptando-se a ele muito bem: sempre falamos de moralidade, quase nunca falamos de doutrina, sob o pretexto de que não seríamos compreendidos; religião, agora, não é nada mais do que "moralismo", ou pelo menos parece que ninguém quer ver o que realmente é, e que é algo totalmente diferente. Se, no entanto, às vezes, falamos sobre doutrina, muitas vezes é apenas para depreciá-la discutindo com os adversários em seu próprio terreno "profano", o que inevitavelmente leva a fazer as concessões mais injustificadas a eles; assim, em particular, sente-se obrigado a levar em conta, em maior ou menor grau, os chamados resultados da "crítica" moderna, quando nada seria mais fácil, colocando-se em outro ponto de vista, do que mostrar toda a sua inanidade. Nessas condições, o que pode realmente permanecer do verdadeiro espírito tradicional?

Essa digressão, onde temos sido provocadas pelo exame das manifestações do individualismo no campo religioso, não nos parece inútil, pois mostra que o mal, a esse respeito, é ainda mais sério e mais extenso do que se poderia pensar à primeira vista; e, por outro lado, não nos tira muito da questão que estávamos considerando, e à qual nossa última observação

está diretamente relacionada, porque ainda é o individualismo que introduz o espírito de discussão em todos os lugares. É muito difícil fazer nossos contemporâneos entenderem que há coisas que, por sua própria natureza, não podem ser discutidas. Homem moderno, em vez de procurar subir para alcançar a verdade, finge poder trazê-la para baixo para o estar no seu nível; e é provavelmente por isso que há tantos que, quando falados com eles sobre "ciências tradicionais" ou mesmo metafísica pura, imaginam que é apenas "ciência secular" e "filosofia". No campo das opiniões individuais, pode-se sempre discutir, porque não se vai além da ordem racional, e porque, não apelando a nenhum princípio superior, pode-se facilmente encontrar argumentos mais ou menos válidos para apoiar o "a favor" e o "contra"; pode-se, em muitos casos, empurrar a discussão indefinidamente sem chegar a nenhuma solução, e é assim que quase toda a filosofia moderna é composta apenas de ambiguidades e questões equivocadas. Longe de esclarecer as questões, como normalmente se supõe, a discussão, na maioria das vezes, pouco mais faz do que as desloca de lugar, se não as obscurece ainda mais; e o resultado mais usual é que todos, ao tentar convencer seu oponente, se apegam mais do que nunca à sua própria opinião e se trancam nele de uma forma ainda mais exclusiva do que antes. Em tudo isso, basicamente, não se trata de chegar ao conhecimento da verdade, mas de estar certo apesar de tudo, ou pelo menos de persuadir a si mesmo, se não se pode persuadir os outros, o que se arrependerá ainda mais, pois sempre há essa necessidade de "proselitismo" que ainda é um dos elementos mais característicos da mente ocidental. Às vezes, o individualismo, no sentido mais ordinário e mais baixo da palavra, se manifesta de forma ainda mais aparente: assim, não vemos em todos os momentos pessoas que querem julgar o trabalho de um homem de acordo com o que sabem de sua vida privada, como se pudesse haver alguma relação entre essas duas coisas? Da mesma tendência, combinada com a mania de detalhes, também derivam, vamos notar de passagem, o interesse que está ligado às menores peculiaridades da existência de "grandes homens", e a ilusão de que se dá a si mesmo para explicar tudo o que fizeram por uma espécie de análise "psico-fisiológica"; tudo isso é muito significativo para aqueles que querem perceber o que a mentalidade contemporânea realmente é.

Mas voltemos por um momento à introdução de hábitos de discussão em áreas onde não se importam, e vamos dizer claramente isso: a atitude "apologética" é, por si só, uma atitude extremamente fraca, porque é puramente "defensiva", no sentido jurídico desta palavra; não é à toa que ela é designada por um termo derivado de "desculpas", que tem seu próprio significado o apelo de um advogado, e que, em uma língua, como o inglês, chegou ao ponto de tomar o significado comum de "desculpa". A importância preponderante dada aos "apologéticos" é, portanto, a marca indiscutível de um recuo do espírito religioso. Essa fraqueza é ainda mais acentuada quando '"apologéticos" degeneram, como dissemos anteriormente, em discussões todas "profanas" pelo método e pelo ponto de vista, onde a religião é colocada no mesmo nível das teorias filosóficas e científicas, ou pseudocientíficas, as mais contingentes e as mais hipotéticas, e onde, para parecer "conciliatória", a si mesma chega ao ponto de admitir até certo ponto concepções que foram inventadas apenas para arruinar toda a religião; aqueles que o fazem fornecem provas de que não têm conhecimento do verdadeiro caráter da doutrina da qual acreditam ser os representantes mais ou menos autorizados. Aqueles que são qualificados para falar em nome de uma doutrina tradicional não têm que discutir com "leigos" ou se envolver em "polêmicas"; eles só precisam expor a doutrina como ela é para aqueles que podem entendê-la, e, ao mesmo tempo, denunciar o erro onde quer que ele esteja. Fazer a doutrina parecer como tal, projetando-a à luz do verdadeiro conhecimento; seu papel não é se envolver em uma luta e comprometer a doutrina, mas fazer o julgamento correto se eles realmente possuem os princípios que os inspiram infalivelmente. O domínio da luta é o da ação, ou seja, o domínio individual e temporal; o "motor estacionário" produz e direciona o movimento sem ser levado a ele; o conhecimento ilumina a ação sem participar de suas vicissitudes; o espiritual guia o temporal sem interferir nele; e assim tudo permanece em sua ordem, na classificação que pertence a ele na hierarquia universal; mas, no mundo moderno, onde ainda podemos encontrar a noção de uma verdadeira hierarquia? Nada e ninguém está no lugar onde deveria estar normalmente; os homens não reconhecem mais qualquer autoridade efetiva em combate espiritual, nenhum poder legítimo; os "leigos" permitem-se discutir coisas sagradas, para desafiar seu caráter e até mesmo para a própria existência; é o

inferior que julga o superior, a ignorância que impõe limites à sabedoria, o erro que prevalece sobre a verdade, o humano que substitui o divino, a terra que prevalece sobre o céu, o indivíduo que faz a si mesmo a medida de todas as coisas e afirma ditar ao universo leis extraídas inteiramente de sua própria razão relativa e falível. "Ai de vocês, guias cegos", diz o Evangelho; hoje, vemos em todos os lugares apenas pessoas cegas que levam outras pessoas cegas, e que, se não forem presas a tempo, inevitavelmente os levarão ao abismo onde perecerão com eles.

Capítulo VI

CAOS SOCIAL

Neste estudo, não pretendemos prestar especial atenção ao ponto de vista social, que nos interessa apenas de forma muito indiretamente, pois representa apenas uma aplicação bastante distante dos princípios fundamentais, e, portanto, não é nessa área que uma recuperação do mundo moderno poderia, em qualquer caso, começar. Essa recuperação, de fato, se fosse assim realizada para trás, ou seja, a partir das consequências em vez de partir dos princípios, necessariamente careceria de uma base séria e seria bastante ilusória; nada estável poderia resultar, e tudo teria que começar novamente em breve, porque teríamos negligenciado concordar acima de tudo sobre as verdades essenciais. É por isso que não é possível dar contingências políticas, mesmo dando a esta palavra seu significado mais amplo, um valor diferente do dos meros sinais externos da mentalidade de uma era; mas, a este respeito, não podemos ignorar inteiramente as manifestações da desordem moderna no próprio reino social.

Como indicamos anteriormente, ninguém no estado atual do mundo ocidental está mais no lugar que normalmente lhe convém por causa de sua própria natureza; isto é o que se expressa dizendo que as castas não existem mais, porque a casta, entendida em seu verdadeiro sentido tradicional, nada mais é do que a própria natureza individual, com todas as habilidades especiais que ela implica e que predispõem cada homem à realização desta ou daquela função determinada. Assim que a adesão a qualquer função não está mais sujeita a quaisquer regras legítimas, inevitavelmente segue-se que todos serão levados a fazer qualquer coisa, e

muitas vezes para o que ele é menos qualificado; o papel que desempenhará na sociedade será determinado, não por acaso, que realmente não existe[28], mas pelo que pode dar a ilusão de acaso, isto é, pelo emaranhado de todos os tipos de circunstâncias acidentais; o que irá intervir menos será precisamente o único fator que deve contar nesse caso. Ou seja, as diferenças de natureza que existem entre os homens. A causa de toda essa desordem é a negação dessas próprias diferenças, resultando em qualquer hierarquia social; e essa negação é a princípio talvez pouco consciente e mais prática do que teórica, porque a confusão das castas precedeu sua completa supressão, ou, em outras palavras, uma natureza incompreendida dos indivíduos. Essa negação, dizemos, foi então erguida pelos modernos como um pseudo-princípio sob o nome de "igualdade". Seria muito fácil mostrar que a igualdade não pode existir em qualquer lugar, pela simples razão de que não pode haver dois seres que são verdadeiramente distintos e totalmente iguais em todos os aspectos; e não seria menos fácil trazer à tona todas as consequências absurdas que fluem dessa ideia quimérica, em nome da qual se diz impor a todos os lugares uma uniformidade completa, por exemplo, distribuindo a todos um ensino idêntico, como se todos fossem igualmente aptos a entender as mesmas coisas, e como se, a fim de fazê-los entender, os mesmos métodos seriam adequados para todos sem distinção. Também podemos nos perguntar se não é sim uma questão de "aprender" do que de "compreensão" realmente, ou seja, se a memória não é substituída pela inteligência na concepção toda verbal e "livresca" do ensino atual, onde visamos apenas o acúmulo de noções rudimentares e heterogêneas, e onde a qualidade é inteiramente sacrificada à quantidade, como acontece em todo o mundo moderno por razões que explicaremos mais tarde: é sempre dispersão na multiplicidade. Haveria, a este respeito, muito a ser dito sobre os delitos de uma "educação obrigatória"; mas este não é o lugar para insistir nisso, e, para não ir além do quadro que desenhamos para nós mesmos, devemos nos contentar em apontar essa consequência especial de teorias "igualitárias", como um daqueles elementos de desordem que hoje são numerosos demais para termos até mesmo a pretensão de listá-los sem omitir nenhum deles.

Naturalmente, quando nos encontramos na presença de uma ideia como a da "igualdade", ou como a do "progresso", ou como os outros "dogmas

seculares" que quase todos os nossos contemporâneos aceitam cegamente, e a maioria dos quais começou a se formular claramente durante o século XVIII, não é possível admitir que tais ideias se originaram espontaneamente. Em suma, são verdadeiras "sugestões", no sentido mais estrito dessa palavra, que só poderia produzir seu efeito em um ambiente já preparado para recebê-los; eles não criaram do zero o estado de espírito que caracteriza a era moderna, mas eles têm contribuído em grande parte para mantê-lo e desenvolvê-lo a um ponto que provavelmente não teria alcançado sem eles. Se essas sugestões desaparecessem, a mentalidade geral estaria muito perto de mudar de direção; é por isso que eles são tão cuidadosamente mantidos por todos aqueles que têm interesse em manter o transtorno, se não o tornar ainda pior, e também por que, em um momento em que fingimos submeter tudo à discussão, eles são as únicas coisas que nunca nos permitimos discutir. Além disso, é difícil determinar exatamente o grau de sinceridade daqueles que propagam tais ideias, saber até que ponto alguns homens vêm atacar suas próprias mentiras e sugerir outras; e até mesmo, na propaganda, aqueles que desempenham o papel duplo, que são muitas vezes os melhores instrumentos, pois trazem a convicção de que outros teriam alguma dificuldade para simular, e que é facilmente contagioso; mas, por trás de tudo isso, e pelo menos no início, precisa haver uma ação muito mais consciente, uma direção que só pode vir de homens que sabem perfeitamente bem quais ideias se ater e, assim, jogá-las em circulação. Falamos de "ideias", mas é apenas muito inadequadamente que essa palavra possa ser aplicada aqui, pois é bastante óbvio que elas não são de forma alguma ideias puras, ou mesmo algo que pertence de alguma forma à ordem intelectual; elas são equívocos, mas ainda seria melhor chamá-las de "pseudo-ideias", destinadas principalmente a provocar reações sentimentais, que é de fato a maneira mais eficaz e fácil de agir sobre as massas. A este respeito, a palavra também é de maior importância, pela noção que representa, e os "ídolos" mais modernos são realmente apenas palavras, porque aqui ocorre esse fenômeno singular conhecido como "verbalismo", onde o som das palavras é suficiente para dar a ilusão do pensamento; a influência que os palestrantes exercem sobre as multidões é particularmente característica a este respeito, e não há necessidade de estudá-la muito de perto para

perceber que este é de fato um processo de sugestão bastante comparável aos dos hipnotizadores.

Mas, sem elaborar mais sobre essas considerações, voltemos às consequências implicadas pela negação de qualquer hierarquia verdadeira, e note que, no atual estado das coisas, não só um homem exerce sua própria função apenas excepcionalmente e como se por acidente, enquanto que é o caso oposto que normalmente deveria ser a exceção, mas também acontece que o mesmo homem é chamado a exercer sucessivamente todas as funções diferentes, como se ele pudesse mudar suas habilidades à vontade. Isso pode parecer paradoxal em uma era de excessiva "especialização", e ainda assim é, especialmente na ordem política; se a competência dos "especialistas" é muitas vezes muito ilusória, e em qualquer caso limitada a um campo muito estreito, a crença nessa competência é, no entanto, um fato, e pode-se perguntar como é que essa crença não desempenha mais nenhum papel quando se trata da carreira dos políticos, onde a incompetência mais completa raramente é um obstáculo. No entanto, se pensarmos sobre isso, percebemos facilmente que não há nada lá que deva ser surpreendente, e que é, em suma, apenas um resultado muito natural da concepção "democrática", segundo a qual o poder vem de baixo e depende essencialmente da maioria, que necessariamente tem como corolário a exclusão de qualquer competência real, porque a competência é sempre pelo menos uma superioridade relativa e só pode ser prerrogativa de uma minoria.

Aqui, algumas explicações não serão inúteis para destacar, por um lado, as falácias que se escondem sob a ideia "democrática", e, por outro lado, os elos que ligam essa mesma ideia a toda a mentalidade moderna; além disso, é quase supérfluo, dado o nosso ponto de vista, salientar que essas observações serão feitas fora de todas as questões partidárias e disputas políticas, nas quais não pretendemos interferir direta ou indiretamente. Consideramos essas coisas de uma forma absolutamente desinteressada, como poderíamos fazer por qualquer outro objeto de estudo, e buscando apenas perceber o mais claramente possível o que está no fundo de tudo isso, que é, além disso, a condição necessária e suficiente para o dissipamento de todas as ilusões que nossos contemporâneos têm. Aqui também, é realmente uma questão de "sugestão", como dissemos

anteriormente para ideias um pouco diferentes, mas ainda assim relacionadas; e, assim que sabemos que é apenas uma sugestão, assim que entendemos como funciona, ela não pode mais ser exercida; contra coisas desse tipo, um exame um tanto minucioso e puramente "objetivo", como se diz hoje no jargão especial emprestado dos filósofos alemães, passa a ser bastante eficaz do que todas as declamações sentimentais e todas as polêmicas partidárias, que não provam nada e são apenas a expressão de simples preferências individuais.

O argumento mais decisivo contra a "democracia" pode ser resumido em poucas palavras: o superior não pode emanar do inferior, porque o "plus" não pode sair do "menos"; isso é de rigor matemático absoluto, contra o qual nada pode prevalecer. É importante notar que é precisamente o mesmo argumento que, aplicado em outra ordem, também se aplica ao "materialismo"; não há nada fortuito sobre essa concordância, e as duas coisas estão muito mais próximas do que pode parecer à primeira vista. É muito óbvio que o povo não pode conferir poder que eles próprios não possuem; o verdadeiro poder só pode vir de cima, e é por isso que, digamos de passagem, ele só pode ser legitimado pela sanção de algo superior à ordem social, ou seja, de uma autoridade espiritual; se for de outra forma não é mais do que uma violação de poder, um estado de coisas que é injustificável por falta de princípio, e onde só pode haver desordem e confusão. Essa derrubada de qualquer hierarquia começa assim que o poder temporal quer tornar-se independente da autoridade espiritual, e depois se subordinar fingindo tê-la usada para fins políticos; há uma primeira usurpação que abre o caminho para todos os outros, e poderia assim ser demonstrado que, por exemplo, a realeza francesa, desde o século XIV, tem trabalhado inconscientemente para preparar a Revolução que era para derrubá-la; talvez algum dia teremos a oportunidade de desenvolver como ele merece este ponto de vista que, no momento, só podemos indicar de uma forma muito breve.

Se alguém define "democracia" como o governo do povo por si só, isso é uma impossibilidade real, uma coisa que não pode sequer ter existência de fato, não mais em nossa época do que em qualquer outra; não se deve ser enganado por palavras, e é contraditório admitir que os mesmos homens podem ser governantes e governados, porque, para usar a linguagem

aristotélica, o mesmo ser não pode estar "em ação" e "potencialmente" ao mesmo tempo e na mesma relação. Há uma relação aqui que necessariamente pressupõe dois termos em presença: não poderia haver governado se não houvesse também governantes, mesmo que fossem ilegítimos e sem outro direito ao poder do que o que eles atribuíram a si mesmos; mas a grande habilidade dos líderes no mundo moderno é fazer com que as pessoas acreditem que governam a si mesmas; e as pessoas se permitem ser persuadidas ainda mais voluntariamente porque estão lisonjeadas e, além disso, são incapazes de pensar o suficiente para ver o que é impossível. É criar essa ilusão de que o "sufrágio universal" foi inventado: é a opinião da maioria que deveria fazer a lei; mas o que não percebemos é que a opinião é algo que pode ser facilmente direcionada e modificada; pode-se sempre, com a ajuda de sugestões adequadas, provocar correntes indo nessa ou naquela direção; não sabemos mais quem falou em "fabricar opinião", e essa expressão é bastante correta, embora seja preciso dizer, além disso, que nem sempre são os líderes aparentes que realmente têm à sua disposição os meios necessários para alcançar esse resultado. Esta última observação provavelmente dá a razão pela qual a incompetência dos políticos mais "proeminentes" parece ter apenas uma importância muito relativa; mas, uma vez que não se trata de desmantelar o funcionamento do que poderia ser chamado de "máquina governante", limitaremos-nos a apontar que essa própria incompetência oferece a vantagem de manter a ilusão da qual acabamos de falar: é apenas sob essas condições, de fato, que os políticos em questão podem aparecer como a emanação da maioria, sendo assim à sua imagem, porque a maioria, em qualquer assunto que seja chamado a dar sua opinião, é sempre constituída pelos incompetentes, cujo número é incomparavelmente maior do que o dos homens que são capazes de se pronunciar em perfeito conhecimento dos fatos.

Isso imediatamente nos leva a dizer como a ideia de que a maioria deve fazer a lei é essencialmente errônea, pois, mesmo que essa ideia, por necessidade, seja acima de tudo teórica e não possa corresponder a uma realidade efetiva, resta explicar como ela tem sido capaz de se enraizar na mente moderna, quais são as tendências dela a que corresponde e que satisfaz pelo menos na aparência. O defeito mais visível é o que indicamos

agora: a opinião da maioria só pode ser a expressão da incompetência, seja por falta de inteligência ou ignorância total; pode-se envolver nesse sentido certas observações da "psicologia coletiva", e recordar em particular esse fato bastante conhecido de que, em uma multidão, o conjunto de reações mentais que ocorrem entre os indivíduos componentes leva à formação de uma espécie de resultado que não é sequer no nível da média, mas no dos elementos mais inferiores. Também seria necessário apontar, por outro lado, como alguns filósofos modernos queriam transportar para a ordem intelectual a teoria "democrática" que faz prevalecer a opinião da maioria, fazendo o que chamam de "consentimento universal" um chamado "critério da verdade": mesmo assumindo que há de fato uma questão sobre a qual todos os homens concordam, este acordo não provaria nada por si só; mas, além disso, se essa unanimidade realmente existisse, o que é ainda mais duvidoso, já que sempre há muitos homens que não têm opinião sobre qualquer pergunta e que nunca se perguntaram, seria impossível vê-la de fato, de modo que o que é invocado a favor de uma opinião e como sinal de sua verdade é reduzido a ser apenas o consentimento do maior número, e novamente limitando-se a um meio necessariamente muito limitado no espaço e no tempo. Nessa área, é ainda mais claro que a teoria carece de uma base, pois é mais fácil evitar a influência do sentimento, que, pelo contrário, quase inevitavelmente entra em jogo quando se trata do campo político; e é essa influência que é um dos principais obstáculos para a compreensão de certas coisas, mesmo entre aqueles que de outra forma teriam uma capacidade intelectual muito suficiente para alcançar esse entendimento sem dificuldade; impulsos emocionais impedem a reflexão, e é uma das habilidades mais vulgares da política tirar proveito dessa incompatibilidade.

Mas vamos ao fundo da questão: o que é exatamente essa lei do maior número que os governos modernos invocam e de onde eles afirmam derivar sua única justificativa? É simplesmente a lei da matéria e da força bruta, a própria lei em virtude da qual uma massa impulsionada por seu peso esmaga tudo o que encontra em seu caminho; é precisamente aí que está a junção entre a concepção "democrática" e o "materialismo", e é também o que torna essa mesma concepção tão intimamente ligada à mentalidade atual. É a derrubada completa da ordem normal, uma vez que

é a proclamação da supremacia da multiplicidade como tal, supremacia que, de fato, só existe no mundo material[29]; pelo contrário no mundo espiritual, e ainda mais simplesmente na ordem universal, é a unidade que está no topo da hierarquia, pois é esse o princípio do qual toda multiplicidade emerge[30]; mas, quando o princípio é negado ou perdido de vista, tudo o que resta é pura multiplicidade, que se identifica com a própria matéria. Por outro lado, a alusão que acabamos de fazer à gravidade implica mais do que uma simples comparação, porque a gravidade realmente representa, no campo das forças físicas no sentido mais comum desta palavra, a tendência descendente e compressiva, o que leva a uma limitação cada vez mais estreita, e que ao mesmo tempo vai na direção da multiplicidade, retratado aqui por uma densidade crescente[31]; e essa tendência é a mesma que marca a direção em que a atividade humana se desenvolveu desde o início da era moderna. Além disso, deve-se notar que a matéria pelo seu poder de divisão e limitação ao mesmo tempo, é o que a doutrina escolástica chama de "princípio da individuação", e isso vincula as considerações que agora expõem ao que dissemos anteriormente sobre o individualismo: essa mesma tendência que acaba de ser mencionada é também, pode-se dizer, a tendência "individualizadora", a tendência segundo a qual o que a tradição judaico-cristã se refere como a "queda" dos seres que se separaram da unidade original[32]. A multiplicidade prevista fora de seu princípio, e que, portanto, não pode mais ser reduzida à unidade, é, na ordem social, a coletividade concebida como sendo simplesmente a soma aritmética dos indivíduos que a compõem, uma vez que não está ligada a nenhum princípio superior aos indivíduos; e a lei da coletividade, a este respeito, é, de fato, essa lei do maior número no qual se baseia a ideia "democrática".

Aqui, devemos parar por um momento para dissipar uma possível confusão: ao falar do individualismo moderno, consideramos quase exclusivamente suas manifestações na ordem intelectual; pode-se pensar que, no que diz respeito à ordem social, o caso é bem diferente. De fato, se alguém pegasse a palavra "individualismo" em seu sentido mais estreito, poder-se ia ser tentado a colocar a coletividade contra o indivíduo, e pensar que fatos como o papel cada vez mais difundido do Estado e a crescente complexidade das instituições sociais são a marca de uma

tendência contrária ao individualismo. Na realidade, não é o caso, pois a coletividade, não sendo nada além da soma dos indivíduos, não pode ser contra eles, nem o próprio Estado pode conceber da maneira moderna, ou seja, como uma simples representação da massa, onde nenhum princípio superior é refletido; mas é precisamente na negação de qualquer princípio supra-individual que o individualismo como definimos realmente consiste. Assim, se há conflitos no campo social entre várias tendências, todos os quais também pertencem à mente moderna, esses conflitos não são entre o individualismo e outra coisa, mas simplesmente entre as múltiplas variedades das quais o individualismo em si é suscetível; e é fácil perceber que, na ausência de qualquer princípio capaz de unificar verdadeiramente a multiplicidade, tais conflitos devem ser mais numerosos e mais sérios em nosso tempo do que nunca, para quem diz que o individualismo significa necessariamente divisão; e essa divisão, com o estado caótico que gera, é a consequência fatal de uma civilização material, uma vez que é a própria matéria que é propriamente a raiz da divisão e multiplicidade.

Dito isto, ainda precisamos insistir em uma consequência imediata da ideia "democrática", que é a negação da elite entendida em seu único sentido legítimo; não é à toa que "democracia" se opõe à "aristocracia", a última palavra que designa precisamente, pelo menos quando tomada em seu sentido etimológico, o poder da elite. Este último, por definição, de certa forma, só pode ser de poucos, e seu poder, sua autoridade, que vem apenas de sua superioridade intelectual, não tem nada em comum com a força numérica na qual se baseia a "democracia", cujo caráter essencial é sacrificar a minoria para a maioria, e também, pelo mesmo, como dissemos acima, qualidade para quantidade, portanto, a elite para a massa. Assim, o papel de liderança de uma elite real e sua própria existência, porque ela necessariamente desempenha esse papel assim que existe, são radicalmente incompatíveis com a "democracia", que está intimamente ligada à concepção "igualitária", ou seja, a negação de qualquer hierarquia: a própria essência da ideia "democrática" é que qualquer indivíduo vale outro, porque eles são iguais digitalmente, e embora eles só possam ser iguais digitalmente. Uma verdadeira elite, como já dissemos, só pode ser intelectual; é por isso que a "democracia" só pode ser estabelecida onde a intelectualidade pura não existe mais, o que é de fato o caso no mundo

moderno. Só que, como a igualdade é impossível de fato, e como não podemos praticamente eliminar qualquer diferença entre os homens, apesar de todos os esforços de nivelamento, chegamos, por um ilogismo curioso, a inventar falsas elites, além disso múltiplas, que afirmam substituir a única elite real; e essas falsas elites baseiam-se na consideração de qualquer superioridade, eminentemente relativa e contingente, e sempre de natureza puramente material. É fácil ver isso observando que a distinção social que mais importa, no atual estado das coisas, é aquela que se baseia na riqueza, ou seja, em uma superioridade totalmente externa e de uma ordem exclusivamente quantitativa, a única em suma que é reconciliada com a "democracia", porque prossegue do mesmo ponto de vista. Acrescentamos, além disso, que as próprias pessoas que atualmente se colocam como opositores deste estado de coisas, nem envolvem qualquer princípio de uma ordem superior, são incapazes de efetivamente remediar tal desordem, se mesmo não correrem o risco de agravá-la ainda mais na mesma direção; a luta é apenas entre variedades de "democracia", mais ou menos acentuando a tendência "igualitária", como é, como dissemos, entre variedades de individualismo, o que, aliás, equivale exatamente ao mesmo.

Essas poucas reflexões nos parecem suficientes para caracterizar o estado social do mundo contemporâneo, e ao mesmo tempo mostrar que, neste campo, assim como em todas as outras, só pode haver uma saída para o caos: a restauração da intelectualidade e, consequentemente, a reconstituição de uma elite, que, atualmente, deve ser considerada inexistente no Ocidente, porque esse nome não pode ser dado a alguns elementos isolados que, de certa forma, representam apenas possibilidades não desenvolvidas. De fato, esses elementos geralmente têm apenas tendências ou aspirações, que, sem dúvida, os levam a reagir contra a mente moderna, mas sem que sua influência seja capaz de ser exercida de forma eficaz; o que falta é o verdadeiro conhecimento, são os dados tradicionais que não podem ser improvisados, e aos quais uma inteligência deixada por si mesma, especialmente em circunstâncias tão desfavoráveis em todos os aspectos, só pode compensar isso de forma muito imperfeita e muito pequena. Há, portanto, apenas esforços dispersos que muitas vezes se desviam por falta de princípios e direção doutrinária: pode-se dizer que

o mundo moderno se defende por sua própria dispersão, da qual seus próprios oponentes não podem escapar. Este será o caso, desde que estes sejam mantidos no terreno "profano", onde a mente moderna tem uma vantagem óbvia, uma vez que este é seu domínio próprio e exclusivo; e, além disso, se eles se apegam a ele, é porque esse espírito ainda tem um poder muito forte sobre eles, apesar de tudo. É por isso que tantas pessoas, por mais animadas por uma boa vontade indiscutível, são incapazes de entender que é necessário começar com princípios, e persistir em não desperdiçar suas forças neste ou naquele campo relativo, social ou não, onde nada de real ou duradouro pode ser realizado nessas condições. A verdadeira elite, pelo contrário, não teria que intervir diretamente nessas áreas ou se envolver em ações externas; ele dirigiria tudo por uma influência esquiva para o vulgar, e ainda mais profundo como seria menos aparente. Se pensarmos no poder das sugestões que estávamos falando acima, e que, no entanto, não supor qualquer intelectualidade verdadeira, podemos suspeitar do que seria, um fortiori, o poder de uma influência como esta, exercida de uma forma ainda mais oculta por causa de sua própria natureza, e tomando sua fonte em pura intelectualidade, poder que, além disso, em vez de ser diminuído pela divisão inerente à multiplicidade e pela fraqueza que tudo o que é falso ou ilusão implica, seria, pelo contrário, intensificado pela concentração na unidade principal e se identificaria com a própria força da verdade.

Capítulo VII

A CIVILIZAÇÃO MATERIAL

De todos os aspectos acima, parece-nos que já está claro que os orientais estão plenamente certos quando reprovam a civilização ocidental moderna por ser apenas uma civilização material: é nesse sentido que ela se desenvolveu exclusivamente, e, do ponto de vista que se considera, estamos sempre na presença das consequências mais ou menos diretas dessa materialização. No entanto, ainda precisamos completar o que dissemos a este respeito, e antes de tudo explicar os diferentes significados em que uma palavra como "materialismo" pode ser tomada, porque, se a usarmos para caracterizar o mundo contemporâneo, alguns, que não acreditam ser "materialistas" enquanto fingem ser muito "modernos", não vão deixar de protestar e persuadir-se de que esta é uma calúnia real; por isso, é necessário esclarecer quaisquer ambiguidades que possam ocorrer sobre o assunto.

É bastante significativo que a própria palavra "materialismo" data apenas do século XVIII; ela foi inventada pelo filósofo Berkeley, que a usou para designar qualquer teoria que admita a existência real da matéria; dificilmente é necessário dizer que não é disso que estamos falando aqui, onde essa existência não está em questão. Um pouco mais tarde, a mesma palavra tomou um significado mais restrito, aquele que manteve desde então: caracterizou uma concepção segundo a qual não há nada além de matéria e o que provém dela; e vale ressaltar a novidade de tal concepção, o fato de ser essencialmente um produto da mente moderna, portanto, corresponde pelo menos a algumas das tendências que são específicas a ela[33]. Mas é sobretudo em outro sentido, muito mais amplo e ainda muito

claro, que ouvimos aqui sobre "materialismo": o que essa palavra então representa é todo um estado de espírito, cuja concepção acabamos de definir é apenas uma manifestação entre muitas outras, e que é, por si só, independente de qualquer teoria filosófica. Este estado de espírito é o de dar mais ou menos precedência consciente às coisas da ordem material e às preocupações que lhes dizem respeito, se essas preocupações ainda mantêm uma certa aparência especulativa ou se são puramente práticas; e não pode ser seriamente contestada que esta é a mentalidade da grande maioria de nossos contemporâneos.

Toda a ciência "profana" que se desenvolveu nos últimos séculos é apenas o estudo do mundo sensato. Está confinada exclusivamente a ele, e seus métodos são aplicáveis apenas a este campo; mas esses métodos são proclamados "científicos" à exclusão de todos os outros, o que equivale a negar qualquer ciência que não se relacione com coisas materiais. Entre aqueles que pensam assim, e mesmo entre aqueles que se dedicaram especialmente às ciências em questão, há, no entanto, muitos que se recusariam a se declarar "materialistas" e a aderir à teoria filosófica que leva esse nome; há mesmo aqueles que voluntariamente fazem uma profissão de fé religiosa cuja sinceridade não é duvidosa; mas sua atitude "científica" não difere consideravelmente da dos materialistas comprovados. A questão de saber se a ciência moderna deve ser denunciada como ateu ou materialista tem sido frequentemente discutida do ponto de vista religioso, e na maioria das vezes tem sido muito mal colocada; é certo que esta ciência não faz expressamente uma profissão de ateísmo ou materialismo, que se limita a ignorar certas coisas sem se pronunciar sobre elas por uma negação formal, como faz esse ou aquele filósofo; podemos, portanto, falar apenas de um materialismo de fato, do que chamamos de materialismo prático; mas o mal é talvez ainda mais sério, porque é mais profundo e mais extenso. Uma atitude filosófica pode ser algo muito superficial, mesmo entre filósofos "profissionais"; além disso, há mentes que recuariam antes da negação, mas que se acomodam para completar a indiferença; e esta é a coisa mais formidável, porque, para negar uma coisa, ainda temos que pensar sobre ela, por pouco que seja, enquanto aqui chegamos a pensar sobre isso de nenhuma forma. Quando vemos uma ciência exclusivamente material apresentando-se

como a única ciência possível, quando os homens estão acostumados a admitir como uma verdade indiscutível que não pode haver conhecimento válido fora dela, quando toda a educação dada tende a inculcar neles a superstição desta ciência, que é propriamente "cientismo", como esses homens não poderiam ser praticamente materialistas, ou seja, não ter todas as suas preocupações voltadas para o lado da matéria?

Para os modernos, nada parece existir além do que pode ser visto e tocado, ou pelo menos, mesmo que eles teoricamente admitam que pode haver outra coisa, eles se apressam em declará-lo, não apenas incomum, mas "desconhecido", o que os isenta de lidar com isso. Se há, no entanto, aqueles que buscam ter alguma ideia de um "outro mundo", apelam para a imaginação e representam-no no modelo do mundo terrestre e carregam para lá todas as condições de existência específicas, incluindo espaço e tempo, ou mesmo uma espécie de "corporidade"; temos mostrado em outros lugares, em concepções espíritas, exemplos particularmente marcantes desse tipo de representações grosseiramente materializadas; mas, se este é um caso extremo, onde esse personagem é exagerado ao ponto da caricatura, seria um erro acreditar que o espiritismo e as seitas que estão mais ou menos relacionadas a ele têm o monopólio sobre esse tipo de coisas. Além disso, de uma forma mais geral, a intervenção da imaginação nos campos onde ela nada pode dar, e que normalmente deveria ser proibida, é um fato que mostra muito claramente a incapacidade dos ocidentais modernos de se elevarem acima do sensato; muitos não sabem como fazer qualquer diferença entre "conceber" e "imaginar", e alguns filósofos, como Kant, chegam ao ponto de declarar "inconcebível" ou "impensável" qualquer coisa que não seja suscetível de representação. Então tudo chamado de "espiritualismo" ou "idealismo" é, na maioria das vezes, uma espécie de materialismo transposto; isso é verdade não só do que chamamos de "neospiritualismo", mas também do próprio espiritismo filosófico, que, no entanto, se considera o oposto do materialismo. Para dizer a verdade, o espiritualismo e o materialismo, compreendidos no sentido filosófico, não podem ser compreendidos um sem o outro: são simplesmente as duas metades do dualismo cartesiano, cuja separação radical foi transformada em uma espécie de antagonismo; e, desde então, toda a filosofia oscila entre esses dois termos sem ser

capaz de ir além deles. O espiritismo, apesar de seu nome, não tem nada em comum com a espiritualidade; seu debate com materialismo só pode deixar aqueles que se colocam em um ponto de vista mais elevado, e que vêem que esses opostos estão, em essência, muito próximos de serem meros equivalentes, cuja suposta oposição, em muitos pontos, é reduzida a uma disputa vulgar de palavras.

Os modernos, em geral, concebem nenhuma outra ciência além das coisas que são medidas, contadas e pesadas, ou seja, ainda e em suma, coisas materiais, porque é apenas para essas coisas que o ponto de vista quantitativo pode ser aplicado; e a alegação de reduzir a qualidade à quantidade é muito característica da ciência moderna. Nesse sentido, passamos a acreditar que não há ciência adequada onde não seja possível introduzir a medida, e que existem leis científicas apenas aquelas que expressam relações quantitativas. O "mecanismo" de Descartes marcou o início dessa tendência, que só aumentou desde então, apesar do fracasso da física cartesiana, porque não está ligada a uma determinada teoria, mas a uma concepção geral de conhecimento científico. Hoje queremos aplicar a medida mesmo no campo psicológico, que, no entanto, a escapa por sua própria natureza; acaba por não entender mais que a possibilidade de medição repousa apenas em uma propriedade inerente à matéria, e que é sua divisibilidade indefinida, a menos que se pense que essa propriedade se estende a tudo o que existe, o que equivale a materializar todas as coisas. É matéria, como já dissemos, que é o princípio da divisão e pura multiplicidade; a predominância atribuída ao ponto de vista da quantidade, e que, como mostramos acima, encontra-se, mesmo no campo social. É, portanto, materialismo no sentido que indicamos acima, embora não esteja necessariamente ligado ao materialismo filosófico, que mais ainda precedeu no desenvolvimento das tendências da mente moderna. Não insistiremos no que é ilegítimo em querer reduzir a qualidade à quantidade, nem no que é insuficiente para todas as tentativas de explicação mais ou menos relacionadas ao tipo "mecanicista"; isso não é o que estamos propondo, e vamos apenas notar, a este respeito, que, mesmo na ordem sensata, uma ciência desse tipo tem muito pouco a ver com a realidade, a parte mais considerável da qual necessariamente a escapa.

Sobre o tema da "realidade", somos levados a mencionar outro fato, que pode passar despercebido por muitos, mas que é muito digno de observação como sinal do estado de espírito que estamos falando: é que esse nome, em uso comum, é exclusivamente reservado para a única realidade sensata. Como a linguagem é a expressão da mentalidade de um povo e uma era, deve-se concluir a partir disso que, para aqueles que falam dessa forma, tudo o que não se enquadra nos sentidos é "irreal", ou seja, ilusório ou mesmo inexistente; eles podem não estar claramente cientes disso, mas essa convicção negativa é, no entanto, profunda dentro deles, se dizem o contrário, pode-se ter certeza, embora não percebam, que esta declaração responde neles apenas a algo muito mais externo, mesmo que seja puramente verbal. Se alguém achar que estamos exagerando, basta tentar ver, por exemplo, que as chamadas convicções religiosas de muitas pessoas são reduzidas a: algumas noções aprendidas de cor, de uma forma muito acadêmica e mecânica, que não têm de forma alguma assimiladas, às quais nunca sequer pensaram no mínimo, mas que mantêm em suas memórias e que repetem ocasionalmente porque são parte de um certo formalismo, de uma atitude convencional que é tudo o que eles podem entender sob o nome da religião. Já falamos acima dessa "minimização" da religião, da qual o "verbalismo" em questão representa um dos últimos graus; é ela quem explica que os chamados "crentes", na verdade, do materialismo prático não rendem de forma alguma aos "incrédulos"; voltaremos a isso novamente, mas primeiro devemos pôr fim às considerações relativas à natureza materialista da ciência moderna, porque esta é uma questão que precisa ser considerada de diferentes aspectos.

Devemos lembrar também, embora já tenhamos indicado, que as ciências modernas não têm um caráter de conhecimento desinteressado, e que, mesmo para aqueles que acreditam em seu valor especulativo, é pouco mais do que uma máscara sob a qual todas as preocupações práticas estão escondidas, mas que torna possível manter a ilusão de uma falsa intelectualidade. Descartes, ele mesmo, ao constituir sua física, pensou acima de tudo em desenhar a partir dela uma mecânica, uma medicina e uma moralidade; e, com a disseminação do empirismo anglo-saxão, era outra coisa ainda; além disso, o que faz a ciência prestigiada aos olhos do público em geral é quase apenas os resultados práticos que ela permite

alcançar, porque, novamente, essas são coisas que podem ser vistas e tocadas. Dissemos que o "pragmatismo" representa o ápice de toda a filosofia moderna e seu último grau de degradação; mas há também, e por mais tempo, fora da filosofia, um "pragmatismo" difuso e não sistematizado, que é para o outro o que o materialismo prático é para o materialismo teórico, e que se funde com o que o vulgar chama de "senso comum". Esse utilitarismo quase instintivo também é inseparável da tendência materialista: o "senso comum" consiste em não ir além do horizonte terrestre, bem como não lidar com tudo o que não tem interesse prático imediato; é para ele, acima de tudo, que o mundo sensato sozinho é "real", e que não há conhecimento que não venha dos sentidos; para ele, também, esse conhecimento limitado é válido apenas na medida em que possibilita dar satisfação às necessidades materiais, e, às vezes, a um certo sentimentalismo, porque, deve-se dizer claramente, com o risco de chocar o "moralismo" contemporâneo, o sentimento é, na realidade, muito próximo do assunto. Em tudo isso, não resta lugar para a inteligência, exceto porque ela concorda em escravizar-se à realização de fins práticos, não mais do que um simples instrumento sujeito às exigências da parte inferior e corpórea do indivíduo humano, ou, segundo uma expressão singular de Bergson, "uma ferramenta a ser feita de ferramentas"; o que faz o "pragmatismo" em todas as suas formas é a total indiferença à verdade.

Nessas condições, a indústria não é mais apenas uma aplicação da ciência, uma aplicação a partir da qual a ciência deve, por si só, ser completamente independente; torna-se como a razão do ser e a justificativa, para que, aqui novamente, as relações normais sejam invertidas. Aquilo em que o mundo moderno aplicou todas as suas forças, mesmo quando alegou fazer ciência à sua maneira, nada mais é do que o desenvolvimento da indústria e da "maquinaria"; e, assim, querendo dominar a matéria e dobrá-la ao seu uso, os homens só conseguiram fazer-se escravos dela, como dissemos no início: não só limitaram suas ambições intelectuais, se ainda é permitido usar essa palavra nesses casos, para inventar e construir máquinas, mas acabaram se tornando verdadeiramente máquinas. De fato, a "especialização", tão elogiada por alguns sociólogos sob o nome de "divisão do trabalho", tem se imposto não só aos cientistas, mas também

aos técnicos e até mesmo aos trabalhadores, e, para este último, todo o trabalho inteligente é assim impossível. Bem diferente dos artesãos do passado, eles não são mais do que os servos das máquinas, por assim dizer. Devem repetir constantemente, de forma muito mecânica, certos movimentos determinados, sempre os mesmos, e sempre realizados da mesma forma, a fim de evitar a menor perda de tempo; assim como os métodos americanos, que são considerados como representando o mais alto grau de "progresso". Na verdade, é apenas uma questão de produzir tanto quanto possível; preocupando-se pouco com a qualidade. É a quantidade que importa; e voltamos mais uma vez para a mesma observação que já fizemos em outras áreas: civilização moderna é realmente o que pode ser chamado de civilização quantitativa, que é apenas outra maneira de dizer que é uma civilização material. Se queremos nos convencer ainda mais dessa verdade, só temos que ver o imenso papel que os elementos econômicos desempenham hoje na existência dos povos, bem como no dos indivíduos: indústria, comércio, finanças, parece que só isso é o que conta, o que é consistente com o fato já apontado de que a única distinção social que sobreviveu é aquela que se baseia na riqueza material. Parece que o poder financeiro domina toda a política, que a concorrência comercial exerce uma influência preponderante nas relações entre os povos; talvez esta seja apenas uma aparência, e essas coisas estão aqui por causas menos verdadeiras do que meros meios de ação; mas a escolha de tais meios indica bem o caráter do tempo em que eles são adequados. Além disso, nossos contemporâneos estão convencidos de que as circunstâncias econômicas são praticamente os únicos fatores em eventos históricos, e eles até imaginam que esse sempre foi o caso; nesse sentido, chegamos ao ponto de inventar uma teoria que quer explicar tudo exclusivamente, e que recebeu o nome significativo de "materialismo histórico". Aqui, novamente, podemos ver o efeito de uma dessas sugestões a que nos referimos acima, sugestões que agem melhor à medida que correspondem às tendências da mentalidade geral; e o efeito dessa sugestão é que os meios econômicos acabam determinando quase tudo o que acontece no campo social. Sem dúvida, a massa sempre foi conduzida de uma forma ou de outra, e pode-se dizer que seu papel histórico consiste sobretudo em deixar-se liderar, porque representa apenas um elemento passivo, uma "matéria" no sentido

aristotélico; mas hoje basta, para realizá-lo, ter meios puramente materiais, desta vez no sentido comum da palavra, o que mostra claramente o grau de degradação do nosso tempo; e, ao mesmo tempo, essa massa é feita para acreditar que não é conduzida, que age espontaneamente e que se governa, e o fato de acreditar que sim torna possível vislumbrar até onde sua inteligência pode ir.

Enquanto falamos de fatores econômicos, aproveitaremos esta oportunidade para apontar uma ilusão muito difundida sobre este assunto, que consiste em imaginar que as relações estabelecidas no terreno do comércio podem servir para a aproximação e compreensão entre os povos, quando, na realidade, eles têm exatamente o efeito oposto. A matéria, como já dissemos muitas vezes, é essencialmente multiplicidade e divisão, portanto uma fonte de lutas e conflitos; portanto, seja uma questão de povos ou indivíduos, o domínio econômico é e só pode ser o de rivalidades de interesses. Em particular, o Ocidente não precisa confiar na indústria, nem na ciência moderna, da qual é inseparável, para encontrar um ponto comum com o Oriente; se os orientais aceitarem esta indústria como uma infeliz e, além disso, uma necessidade transitória, porque, para eles, não pode ser nada mais, a Última Ceia jamais será mais do que uma arma que lhes permita resistir à invasão ocidental e salvaguardar sua própria existência. É importante saber que não pode ser o contrário: os orientais que se resignam a considerar a concorrência econômica em relação ao Ocidente, apesar da repugnância que sentem por esse tipo de atividade, só podem fazê-lo com uma intenção, a de se livrar de uma dominação estrangeira que depende apenas da força bruta, sobre o poder material que a indústria coloca à sua disposição; a violência exige violência, mas deve-se reconhecer que certamente não são os orientais que terão procurado a luta neste terreno.

Além disso, além da questão das relações entre o Oriente e o Ocidente, é fácil ver que uma das consequências mais notáveis do desenvolvimento industrial é a perfeição incessante das máquinas de guerra e o aumento de seu poder destrutivo em proporções formidáveis. Isso por si só deve ser suficiente para aniquilar os devaneios "pacifistas" de alguns admiradores do "progresso" moderno; mas sonhadores e "idealistas" são incorrigíveis, e sua ingenuidade parece não ter limites. O "humanitarismo" tão na moda

certamente não merece ser levado a sério; mas é estranho que se fale tanto sobre o fim das guerras em um momento em que eles estão causando mais estragos do que jamais fizeram, não apenas por causa da multiplicação de meios de destruição, mas também porque, em vez de ocorrer entre pequenos exércitos compostos apenas por soldados profissionais, eles jogam uns contra os outros todos os indivíduos indiscriminadamente, incluindo aqueles menos qualificados para desempenhar tal função. Este é mais um exemplo marcante da confusão moderna, e é verdadeiramente prodigioso, para quem quer pensar sobre isso, que um "levantamento em massa" ou uma "mobilização geral" passou a ser considerado como natural, e que a ideia de uma "nação armada" foi capaz de se impor a todas as mentes, com raras exceções. Também podemos ver aqui um efeito da crença apenas na força dos números: é consistente com o caráter quantitativo da civilização moderna para colocar em movimento enormes massas de lutadores; e, ao mesmo tempo, o "igualitarismo" encontra seu relato, assim como em instituições como as de "educação obrigatória" e "sufrágio universal". Acrescentamos também que essas guerras generalizadas só foram possíveis por outro fenômeno especificamente moderno, que é a constituição das "nacionalidades", consequência da destruição do regime feudal, por um lado, e, por outro lado, da ruptura simultânea da maior unidade da "Cristandade" da Idade Média; e, sem pensar em considerações que nos levariam longe demais, vamos notar também, como circunstância agravante, a ignorância de uma autoridade espiritual que, por si só, pode exercer normalmente uma arbitragem eficaz, porque é, por sua própria natureza, acima de todos os conflitos de natureza política. A negação da autoridade espiritual ainda é materialismo prático; e as próprias pessoas que afirmam reconhecer tal autoridade em princípio, de fato, negam-lhe qualquer influência real e qualquer poder de intervir no campo social, exatamente da mesma forma que estabelecem uma partição impermeável entre a religião e as preocupações comuns de sua existência; seja a vida pública ou privada, o mesmo estado de espírito é afirmado em ambos os casos.

Supondo que o desenvolvimento material tenha algumas vantagens do ponto de vista relativo, pode-se, ao considerar consequências como as que acabamos de mencionar, imaginar se essas vantagens não são muito

superadas pelas desvantagens. Não estamos nem falando de tudo o que foi sacrificado para este desenvolvimento exclusivo, e que incomparavelmente valia mais; não estamos falando de conhecimento superior esquecido, intelectualidade destruída, espiritualidade desaparecida; nós simplesmente pegamos a própria civilização moderna, e dizemos que, se compararmos as vantagens e desvantagens do que ela produziu, o resultado seria muito provável que fosse negativo. As invenções que agora se multiplicam com rapidez cada vez maior são ainda mais perigosas porque põem em ação forças cuja verdadeira natureza é inteiramente desconhecida por aqueles que as usam; e esta ignorância é a melhor prova da nulidade da ciência moderna quanto ao valor explicativo, portanto como conhecimento, mesmo limitado ao domínio físico apenas; ao mesmo tempo, o fato de que as aplicações práticas não são de modo algum impedidas por isso mostra que essa ciência é bem orientada apenas no sentido do interesse próprio, e da indústria como único objetivo real de todas as suas pesquisas. Como o perigo das invenções, mesmo aquelas que não se destinam expressamente a desempenhar um papel fatal para a humanidade, e que, no entanto, causam tantas catástrofes, sem mencionar os distúrbios insuspeitos que causam na atmosfera terrena, e este perigo, dizemos, sem dúvida, só aumentará em proporções difíceis de determinar, é permitido pensar, sem muita implausibilidade, como já indicamos anteriormente, que talvez seja aqui que o mundo moderno virá a se destruir, se não conseguir parar de agir dessa forma enquanto ainda houver tempo.

Mas não basta fazer, no que diz respeito às invenções modernas, as reservas necessárias por causa de seu lado perigoso, e devemos ir além: os chamados "benefícios" do que é chamado de "progresso", e que poderíamos de fato concordar em designar como tal se tivéssemos o cuidado de especificar que é apenas um progresso material, esses "benefícios" não são muito ilusórios? Os homens de nosso tempo pretendem assim aumentar seu "bem-estar"; nós, de nossa parte, acreditamos que a meta que assim se propuseram, mesmo que efetivamente alcançada, não vale o esforço; mas, além disso, parece-nos muito questionável que seja alcançado. Em primeiro lugar, devemos levar em conta o fato de que todos os homens não têm os mesmos gostos ou as

mesmas necessidades, que ainda há alguns que gostariam de escapar da agitação moderna, da loucura da velocidade, e não podem mais. Ousaremos afirmar que, para eles, é um "benefício" impor-lhes o que há de mais contrário à sua natureza? Diremos que esses homens são poucos em número hoje, e nos consideraremos autorizados por isso a considerá-los como uma quantidade desprezível; ali, como no domínio político, a maioria se arroga o direito de esmagar as minorias, que, a seu ver, são obviamente erradas de existir, pois essa própria existência vai contra a mania "igualitária" da uniformidade. Mas, se considerarmos toda a humanidade em vez de nos limitarmos ao mundo ocidental, a questão muda o aspecto: a maioria dos que falamos até agora não se tornará uma minoria? Portanto, não é mais o mesmo argumento que é apresentado neste caso, e, por uma estranha contradição, é em nome de sua "superioridade" que esses "igualitários" querem impor sua civilização ao resto do mundo, e que trarão problemas às pessoas que não lhes perguntaram nada; e, uma vez que essa "superioridade" existe apenas do ponto de vista material, é natural que ela seja imposta pelos meios mais brutais. Não se engane: se o público em geral admite de boa fé esses pretextos de "civilização", há alguns para os quais é apenas uma simples hipocrisia "moralista", uma máscara do espírito de conquista e interesses econômicos; mas que época singular quando tantos homens se permitem ser convencidos de que um povo é feito feliz escravizando-o, tirando-o do que é mais precioso, ou seja, sua própria civilização, forçando-o a adotar as instituições que são feitas para outra raça, e forçando-a a fazer o trabalho mais árduo para fazê-lo adquirir coisas que são da mais perfeita inutilidade para ela! Pois é assim: o Ocidente moderno não pode tolerar que os homens prefiram trabalhar menos e se contentar com pouco para viver; como a quantidade por si só conta, e como o que não faz sentido é, além disso, considerado inexistente, aceita-se que aquele que não agita e que não produz materialmente só pode ser uma "preguiça"; sem sequer mencionar a este respeito as avaliações comuns dos povos orientais, basta olhar como as ordens contemplativas são julgadas, mesmo nos chamados círculos religiosos. Em tal mundo, não há mais lugar para inteligência ou para tudo o que é puramente interno, pois são coisas que não podem ser vistas ou tocadas, contadas ou pesadas; há apenas espaço para ação externa em todas as suas formas, incluindo as mais sem sentido. Portanto, não

deve ser surpresa que a mania anglo-saxã para o "esporte" esteja ganhando terreno a cada dia: o ideal deste mundo é o '"animal humano" que desenvolveu ao máximo sua força muscular; seus heróis são os atletas, mesmo que sejam valentões; são estes que despertam o entusiasmo popular, é por suas façanhas que as multidões são apaixonadas; um mundo onde vemos tais coisas realmente caiu muito baixo e parece muito perto do seu fim.

No entanto, vamos nos colocar por um momento no ponto de vista daqueles que colocam seu ideal em "bem-estar" material, e que, como tal, se alegram com todas as melhorias feitas à existência pelo "progresso" moderno; eles têm certeza de que não são enganados? É verdade que os homens são mais felizes hoje do que costumavam ser, porque eles têm meios de comunicação mais rápidos ou outras coisas assim, porque eles têm uma vida agitada e mais complicada? Parece-nos que é exatamente o oposto: o desequilíbrio não pode ser a condição para a verdadeira felicidade; além disso, quanto mais necessidades um homem tem, mais provável é que ele não tenha algo, e consequentemente seja infeliz; a civilização moderna visa multiplicar as necessidades artificiais, e como já dissemos acima, sempre criará mais necessidades do que pode satisfazer, pois, uma vez que embarcamos nesse caminho, é muito difícil parar por aí, e não há razão para parar em um determinado ponto. Os homens não podiam sentir qualquer sofrimento de ser privado de coisas que não existiam e que eles nunca tinham pensado; agora, pelo contrário, eles necessariamente sofrem se essas coisas falharem, uma vez que se acostumaram a olhar para elas como necessárias, e, de fato, elas realmente se tornaram necessárias para elas. Então eles se esforçam, por todos os meios, para adquirir o que pode lhes dar todas as satisfações materiais, as únicas que são capazes de apreciar: é apenas uma questão de "ganhar dinheiro", porque é isso que torna possível obter coisas, e quanto mais temos, mais queremos ter, porque constantemente descobrimos novas necessidades; e essa paixão se torna o único propósito de toda a vida. Daí a competição feroz que alguns "evolucionistas" elevaram à dignidade do direito científico sob o nome de "luta pela vida", e cuja consequência lógica é que os mais fortes, no sentido mais estritamente material desta palavra, têm apenas o direito à existência. Daí também a inveja e até

mesmo o ódio de quem possui riqueza são objeto daqueles que não possuem; como poderiam os homens a quem teorias "igualitárias" foram pregadas não se revoltar vendo ao seu redor a desigualdade na forma que deve ser mais sensível a eles, porque é da ordem mais grosseira? Se a civilização moderna entrar em colapso algum dia sob a pressão dos apetites desordenados que tem despertado nas massas, teria que ser muito cego para não ver nela a justa punição de seu vício fundamental, ou, para falar sem qualquer fraseologia moral, o "choque em retorno" de sua própria ação no próprio campo em que foi exercido. Diz-se no Evangelho: "Aquele que golpeia com a espada perecerá pela espada"; aquele que desencadeia as forças brutais da matéria perecerá esmagado por essas mesmas forças, das quais ele não é mais mestre quando os colocou em movimento, e que ele não pode se vangloriar de manter indefinidamente em sua marcha fatal; forças da natureza ou forças das massas humanas, ou ambos juntos, não importa, são sempre as leis da matéria que entram em jogo e que inexoravelmente quebram aquele que pensou que poderia dominá-las sem se levantar acima da matéria. E o Evangelho ainda diz: "Cada casa dividida contra si vai desmoronar"; esta palavra também se aplica exatamente ao mundo moderno, com sua civilização material, que pode, por sua própria natureza, apenas despertar em todos os lugares luta e divisão. A conclusão é muito fácil de desenhar, e não há necessidade de outras considerações para poder, sem medo de ser equivocada, prever um fim trágico a este mundo, a menos que uma mudança radical, indo tão longe quanto uma reversão real, ocorra no curto prazo.

Estamos bem cientes de que alguns nos repreenderão por ter, ao falar do materialismo da civilização moderna, como acabamos de fazer, negligenciado certos elementos que parecem constituir pelo menos uma atenuação a esse materialismo; e, de fato, se não houvesse nenhum, é muito provável que esta civilização já teria perecido miseravelmente. Portanto, não contestamos a existência de tais elementos, mas não devemos nos iludir sobre este assunto: por um lado, não temos que incluir neles tudo o que, no campo filosófico, é apresentado sob rótulos como os do "espiritualismo" e do "idealismo", nem tudo o que, nas tendências contemporâneas, é apenas "moralismo" e "sentimentalismo"; já nos explicamos suficientemente sobre isso e vamos simplesmente lembrar que

estes são, para nós, pontos de vista tão "profanos" quanto o do materialismo teórico ou prático, e que se desviam muito menos dele na realidade do que na aparência; por outro lado, se ainda há remanescentes da verdadeira espiritualidade, é apesar do espírito moderno e contra eles que sobreviveram até agora. Esses remanescentes de espiritualidade, por tudo o que é propriamente ocidental, são possíveis de serem encontrados na ordem religiosa; mas já dissemos o quanto a religião é diminuída hoje, como seus próprios seguidores têm uma concepção estreita e medíocre dela, e como a intelectualidade, que tem verdadeira espiritualidade, foi eliminada; nessas condições, se algumas possibilidades ainda permanecem, é apenas no estado latente, e no presente seu papel efetivo é reduzido a muito pouco. No entanto, devemos admirar a vitalidade de uma tradição religiosa que, mesmo assim absorvida em uma espécie de virtualidade, persiste apesar de todos os esforços que têm sido tentados por vários séculos para sufocá-la e aniquilá-la; e, se soubessemos pensar, veríamos que há nesta resistência algo que implica um poder "não humano"; mas, mais uma vez, essa tradição não pertence ao mundo moderno, não é um de seus elementos constituintes, é o oposto de suas tendências e aspirações. Isso deve ser dito francamente, e não buscar conciliações vãs: entre o espírito religioso, no verdadeiro sentido desta palavra, e o espírito moderno, só pode haver antagonismo; qualquer compromisso só pode enfraquecer o primeiro e beneficiar o segundo, cuja hostilidade não será desarmada para isso, pois ele só pode querer a destruição completa de tudo o que na humanidade reflete uma realidade superior à humanidade. Diz-se que o Ocidente moderno é cristão, mas isso é um erro: a mente moderna é anti-cristã, porque é essencialmente antirreligiosa; e é antirreligioso porque, ainda mais em geral, é anti-tradicional; isso é o que constitui seu próprio caráter, o que faz dele o que é. Certamente, algo do Cristianismo passou para a civilização anti-cristã de nosso tempo, cujos representantes mais "avançados", como dizem em sua língua especial, não podem fazer com que não tenham sofrido e que ainda sofram, involuntariamente e talvez inconscientemente, uma certa influência cristã, pelo menos indireta; isso é porque uma ruptura com o passado, por mais radical que seja, nunca pode ser absolutamente completa e de tal forma que remove toda a continuidade. Iremos ainda mais longe, e diremos que tudo o que pode ser válido no mundo moderno

veio do Cristianismo, ou pelo menos através do Cristianismo, que trouxe consigo toda a herança das tradições anteriores, que a mantiveram viva tanto quanto o estado do Ocidente permitiu, e que sempre carrega dentro de si as possibilidades latentes; mas quem, hoje, mesmo entre aqueles que afirmam ser cristãos, ainda tem a consciência efetiva dessas possibilidades? Onde estão os homens que conhecem o profundo significado da doutrina que professam externamente, que não se contentam em "acreditar" de uma forma mais ou menos superficial, e mais pelo sentimento do que pela inteligência, mas que realmente "sabem" a verdade da tradição religiosa que consideram ser sua? Gostaríamos de ter a prova de que existem pelo menos alguns, pois essa seria a maior e talvez a única esperança de salvação do Ocidente; mas devemos admitir que, até agora, ainda não encontramos nenhum; devemos supor que, como certos sábios do Oriente, eles se escondem em algum retiro quase inacessível, ou devemos renunciar definitivamente a esta última esperança? O Ocidente era cristão na Idade Média, mas não é mais; se é dito que pode voltar a ser assim, ninguém quer que seja assim mais do que nós, e que aconteça em dia próximo, apesar de tudo o que vemos ao nosso redor; mas não se engane: neste dia o mundo moderno terá vivido.

Capítulo VIII

A INVASÃO OCIDENTAL

A desordem moderna, como dissemos, originou-se no Ocidente, e até os últimos anos sempre se manteve estritamente localizada lá; mas agora há um fato cuja gravidade não deve ser ocultada: é que essa desordem se estende por toda parte e parece se espalhar para o Oriente. É certo que a invasão ocidental não é uma coisa muito recente, mas até agora se limitava a uma dominação mais ou menos brutal exercida sobre outros povos, os efeitos dos quais se limitavam ao campo político e econômico; apesar de todos os esforços de propaganda em múltiplas formas, o espírito oriental era impenetrável a todos os desvios, e as antigas civilizações tradicionais permaneceram intactas. Hoje, pelo contrário, há orientais que mais ou menos completamente "ocidentalizados", que abandonaram sua tradição de adotar todas as aberrações da mente moderna, e esses elementos equivocados, graças ao ensino das universidades europeias e americanas, tornam-se em seu próprio país uma causa de problemas e agitação. Não é apropriado, aliás, exagerar sua importância, pelo menos no momento. No Ocidente, imagina-se prontamente que essas personalidades ruidosas, mas poucas, representam o Oriente atual, quando, na realidade, sua ação não é muito extensa nem muito profunda; essa ilusão é facilmente explicada, pois não conhecemos os verdadeiros orientais, que além disso não buscam se tornar conhecidos, e os "modernistas", se podemos chamá-los assim, são os únicos que se mostram do lado de fora, falam, escrevem e agitam de qualquer maneira. É, no entanto, verdade que esse movimento anti-tradicional pode ganhar

terreno, e devemos considerar todas as eventualidades, mesmo as mais desfavoráveis; já, o espírito tradicional está de alguma forma se retirando em si mesmo, os centros onde está totalmente preservado estão se tornando cada vez mais fechados e de difícil acesso; e essa generalização do transtorno corresponde bem ao que deve ocorrer na fase final do *Kali-Yuga.*

Vamos afirmar muito claramente: uma vez que a mente moderna é uma coisa puramente ocidental, aqueles que são afetados por ela, mesmo que sejam orientais por nascimento, devem ser considerados, em relação à mentalidade, como ocidentais, porque qualquer ideia oriental é totalmente estranha para eles, e sua ignorância das doutrinas tradicionais é a única desculpa para sua hostilidade. O que pode parecer bastante singular e até mesmo contraditório é que esses mesmos homens, que são os auxiliares do "ocidentalismo" do ponto de vista intelectual, ou mais precisamente contra toda a verdadeira intelectualidade, às vezes aparecem como seus adversários no campo político; e ainda, basicamente, não há nada lá que deve ser surpreendente. São eles que se esforçam para instituir no Oriente vários "nacionalismos", e qualquer "nacionalismo" é necessariamente contrário ao espírito tradicional; se eles querem lutar contra a dominação estrangeira, é pelos próprios métodos do Ocidente, da mesma forma que os vários povos ocidentais lutam entre si; e talvez seja isso que faz sua razão de ser. De fato, se as coisas chegaram a tal ponto que o uso de tais métodos se tornou inevitável, sua implementação só pode ser o resultado de elementos que romperam todos os laços com a tradição; é possível, portanto, que esses elementos sejam usados dessa forma transitoriamente, e depois eliminados como os próprios ocidentais. Também seria bastante lógico para as ideias que eles espalharam para se voltar contra eles, porque eles só podem ser fatores de divisão e ruína; é por isso que a civilização moderna perecerá de uma forma ou de outra; não importa se é pelo efeito de dissidências entre ocidentais, dissidências entre nações ou entre classes sociais, ou, como alguns afirmam, pelos ataques dos orientais "ocidentalizados", ou como resultado de um cataclismo causado pelo "progresso da ciência"; de qualquer forma, o mundo ocidental está em perigo apenas por sua própria culpa e pelo que sai de si mesmo.

A única pergunta que surge é a seguinte: o Oriente terá que sofrer, por causa da mente moderna, apenas uma crise temporária e superficial, ou o Ocidente arrastará toda a humanidade para sua queda? Seria difícil fornecer uma resposta no momento baseada em achados inconfundíveis; os dois espíritos opostos agora existem no Oriente, e a força espiritual, inerente à tradição e desconhecida por seus adversários, pode triunfar sobre a força material quando este último tiver desempenhado seu papel, e fazê-lo desaparecer à medida que a luz dissipa a escuridão; vamos até dizer que ele necessariamente triunfará mais cedo ou mais tarde, mas pode ser que, antes de chegar lá, haverá um período de completa obscuridade. O espírito tradicional não pode morrer, porque é, em sua essência, superior à morte e à mudança; mas pode se retirar inteiramente do mundo exterior, e então será realmente o "fim de um mundo". De tudo o que dissemos, a realização dessa eventualidade em um futuro relativamente curto não seria implausível; e, na confusão que, parte do Ocidente, está agora se espalhando para o Oriente, pudemos ver o "início do fim", o precursor do momento em que, de acordo com a tradição hindu, a doutrina sagrada deve ser fechada inteiramente em uma concha, para emergir intacta no início do novo mundo.

Mas vamos deixar as antecipações aqui novamente, e olhar apenas para os acontecimentos atuais: o que é indiscutível é que o Ocidente está invadindo tudo; sua ação foi exercida pela primeira vez no campo material, aquele que estava imediatamente ao seu alcance, seja pela conquista violenta ou pelo comércio e pela monopolização dos recursos de todos os povos; mas agora as coisas vão ainda mais longe. Os ocidentais, sempre animados por essa necessidade de proselitismo tão particular para eles, conseguiram penetrar nos outros, até certo ponto, seu espírito antitradicional e materialista; e, enquanto a primeira forma de invasão atingiu apenas os corpos, envenenou as inteligências e matou a espiritualidade; também preparou o outro e o tornou possível, de modo que foi, em última análise, apenas pela força bruta que o Ocidente conseguiu impor-se em todos os lugares, e não poderia ser de outra forma, pois é nisso que reside a única superioridade real de sua civilização, tão inferior a qualquer outro ponto de vista. A invasão ocidental é a invasão do materialismo em todas as suas formas, e só pode ser isso; todos os

disfarces mais ou menos hipócritas, todos os pretextos "moralistas", todas as declamações "humanitárias", todas as habilidades de uma propaganda que sabe estar se insinuando de vez em quando para alcançar melhor seu objetivo de destruição, não podem fazer nada contra essa verdade, que só pode ser desafiada por pessoas ingênuas ou por aqueles que têm interesse neste trabalho verdadeiramente "satânico", no sentido mais rigoroso da palavra[34].

Extraordinariamente, este momento em que o Ocidente invade tudo é aquele que alguns escolhem denunciar, como um perigo que os enche de terror, uma suposta penetração de ideias orientais neste mesmo Ocidente. O que seria essa nova aberração? Apesar do nosso desejo de manter considerações gerais, não podemos dispensar dizer pelo menos algumas palavras de *Defesa do Ocidente,* recentemente publicado pelo Sr. Henri Massis, e que é uma das manifestações mais características deste estado de espírito. Este livro é cheio de confusões e até contradições, e mostra mais uma vez como a maioria daqueles que gostariam de reagir contra a desordem moderna não são capazes de fazê-lo de uma maneira realmente eficaz, porque eles nem sabem muito bem contra o que têm que lutar. O autor às vezes nega ter desejado atacar o verdadeiro Oriente; e, se ele tivesse de fato aderido a uma crítica de fantasias "pseudo-orientais", ou seja, dessas teorias puramente ocidentais que se espalham sob rótulos enganosos, e que são apenas um dos muitos produtos do desequilíbrio atual, só poderíamos aprová-lo totalmente, especialmente porque nós mesmos apontamos, muito antes dele, o perigo real desse tipo de coisas, bem como sua inanidade intelectual. Mas, infelizmente, ele sentiu então a necessidade de atribuir às concepções orientais que não eram muito melhores do que aquelas; para isso, ele se baseia em citações emprestadas de alguns orientalistas mais ou menos "oficiais", e onde as doutrinas orientais estão, como normalmente acontece, distorcidas ao ponto da caricatura. O que ele diria se alguém usasse o mesmo procedimento em relação ao Cristianismo e alegasse julgá-lo de acordo com o trabalho de "hipercríticos" acadêmicos? Isto é exatamente o que ele faz para as doutrinas da Índia e da China, com a circunstância agravante que os ocidentais cujo testemunho ele invoca não têm o menor conhecimento direto dessas doutrinas, enquanto os de seus colegas que lidam com o

Cristianismo devem pelo menos conhecê-lo até certo ponto, mesmo que sua hostilidade a tudo o que religioso os impeçam de realmente entendê-lo. Além disso, devemos dizer nesta ocasião que, por vezes, tivemos alguma dificuldade em fazer com que os orientais admitissem que as apresentações deste ou daquele orientalista foram resultado de um puro e simples mal-entendido, e não de um viés consciente e voluntário, tanto que sentimos a mesma hostilidade inerente ao espírito anti-tradicional; e perguntamos com prazer ao senhor deputado Massis se ele acha inteligente atacar a tradição em outros quando se quer restaurá-la em seu próprio país. Falamos de habilidade, porque, basicamente, toda a discussão é levada por ele em um terreno político; para nós que nos colocamos em um ponto de vista completamente diferente, o da intelectualidade pura, a única questão que surge é uma questão de verdade; mas esse ponto de vista é provavelmente muito alto e muito sereno para os polemistas encontrarem sua satisfação, e até duvidamos que, como polemistas, a preocupação com a verdade possa ter um grande lugar em suas preocupações[35].

O senhor deputado Massis está atacando o que ele chama de "propagandistas orientais", uma expressão que contém em si uma contradição, porque o espírito da propaganda, como já dissemos muitas vezes, é todo ocidental; e isso por si só já indica claramente que há algum mal-entendido aqui. De fato, entre os propagandistas alvos, podemos distinguir dois grupos, o primeiro deles é composto por ocidentais puros; seria verdadeiramente cômico, se não fosse o sinal da ignorância mais deplorável das coisas do Oriente, para ver que alemães e russos estão incluídos entre os representantes do espírito oriental; o autor faz observações sobre eles, algumas das quais são muito corretas, mas o que ele claramente mostra é o que eles realmente são? Para este primeiro grupo nos juntaremos novamente aos "teosofistas" anglo-saxões e a todos os inventores de outras seitas do mesmo tipo, cuja terminologia oriental é apenas uma máscara destinada a impor aos ingênuos e mal informados, e que abrange apenas ideias tão estranhas ao Oriente quanto queridas ao Ocidente moderno; estes são mais perigosos do que meros filósofos, por causa de suas reivindicações a um "esotericismo" que eles não possuem mais, mas que eles simulam fraudulentamente para atrair para eles mentes que buscam algo além de especulações "profanas" e que, no meio do caos

atual, não sabem para onde recorrer; estamos um pouco surpresos que o senhor deputado Massis não diz quase nada sobre isso. Quanto ao segundo grupo, encontramos lá alguns desses orientais ocidentalizados dos quais falamos anteriormente, e que, tão ignorantes quanto os precedentes das verdadeiras ideias orientais, seriam muito incapazes de espalhá-los no Ocidente, se tivessem a intenção; além disso, o objetivo que eles realmente propõem a si mesmos é exatamente o oposto desse, uma vez que é destruir essas mesmas ideias no Oriente, e ao mesmo tempo apresentar aos ocidentais seu Oriente modernizado, acomodado às teorias que lhes foram ensinadas na Europa ou na América; agentes reais da mais nociva de toda a propaganda ocidental, que ataca diretamente a inteligência, é para o Oriente que eles são um perigo, e não para o Ocidente do qual eles são apenas o reflexo. Quanto aos verdadeiros orientais, o senhor deputado Massis não menciona um único, e teria sido muito difícil fazê-lo, porque ele certamente não conhece nenhum; a impossibilidade de mencionar o nome de um oriental que não seja ocidentalizado deveria ter lhe dado uma pausa e o feito entender que os "propagandistas orientais" são completamente inexistentes.

Além disso, embora isso nos obrigue a falar sobre nós mesmos, o que é pouco em nossos hábitos, devemos declarar formalmente isso: não há, ao nosso conhecimento, ninguém que tenha exposto ideias orientais autênticas no Ocidente, exceto nós mesmos; e sempre fizemos isso exatamente como qualquer oriental que teria sido trazido para lá por circunstâncias, ou seja, sem a menor intenção de "propaganda" ou "popularização", e apenas para aqueles que são capazes de entender as doutrinas como são, sem haver necessidade de distorcê-las sob o pretexto de colocá-las ao seu alcance; e acrescentaremos que, apesar da decadência da intelectualidade ocidental, aqueles que entendem são ainda menos raros do que teríamos assumido, embora obviamente sendo apenas uma pequena minoria. Tal empreendimento certamente não é do tipo que o Sr. Massis imagina, não ousamos dizer pelas necessidades de sua causa, embora o caráter político de seu livro permita tal expressão; digamos, para ser o mais benevolente possível, que ele os imagina porque sua mente está perturbada pelo medo despertado nele pelo pressentimento de uma ruína mais ou menos iminente da civilização ocidental, e lamentamos que ele

não tenha sido capaz de ver claramente onde estão as causas reais que podem trazer essa ruína, embora às vezes lhe aconteça mostrar uma severidade justa no que diz respeito a certos aspectos do mundo moderno. É isso mesmo que o faz vacilar continuamente em sua tese: por um lado, ele não sabe exatamente contra quais adversários deve lutar, e, por outro lado, seu "tradicionalismo" o deixa muito ignorante de tudo o que é a próprio essência da tradição, que ele visivelmente confunde com uma espécie de "conservadorismo" político-religioso da mais externa ordem.

Dizemos que a mente do Sr. Massis é perturbada pelo medo; talvez a melhor prova disso seja a atitude extraordinária, e até mesmo bastante inconcebível, que ele empresta aos seus chamados "propagandistas orientais": eles seriam animados por um ódio feroz em relação ao Ocidente, e é a fim de prejudicá-lo que eles se esforçariam para comunicar suas próprias doutrinas a ele, ou seja, dar-lhe o que eles próprios têm mais precioso, do que é de uma forma a própria substância de seu espírito! Diante de tudo o que é contraditório em tal hipótese, não se pode deixar de sentir um verdadeiro espanto: toda a tese meticulosamente construída colapsa instantaneamente, e parece que o autor nem percebeu, porque não queremos assumir que ele estava ciente de tal implausibilidade e que ele simplesmente se baseou na falta de previsão de seus leitores para fazê-los aceitá-la. Não há necessidade de pensar muito ou profundamente para perceber que, se há pessoas que odeiam tanto o Ocidente, a primeira coisa que devem fazer é zerar suas doutrinas para si mesmos e que todos os seus esforços devem ser destinados a negar o acesso a eles aos ocidentais; esta também é uma censura que às vezes tem sido dirigida aos orientais, com mais a aparência da razão. A verdade, no entanto, é bem diferente: os autênticos representantes das doutrinas tradicionais não têm ódio por ninguém, e sua reserva tem apenas uma causa: é que eles consideram perfeitamente inútil expor certas verdades àqueles que são incapazes de entendê-las; mas nunca se recusaram a compartilhá-la com aqueles, seja qual for a sua origem, que possuem as "qualificações" necessárias. É culpa deles que, entre estes últimos, há muito poucos ocidentais? E, por outro lado, se a massa oriental acabar sendo realmente hostil aos ocidentais, depois de ter olhado por muito tempo com indiferença, quem é o responsável? É essa elite que, tudo em contemplação intelectual,

resolutamente se afasta da agitação externa, ou não é melhor os próprios ocidentais, que fizeram todo o necessário para tornar sua presença odiosa e intolerável? Basta que a questão seja, portanto, colocada como deveria ser, para que qualquer pessoa seja capaz de respondê-la imediatamente; e, assumindo que os orientais, que até agora mostraram incrível paciência, finalmente querem ser os mestres em casa, quem poderia sinceramente pensar em culpá-los? É verdade que, quando certas paixões estão envolvidas, as mesmas coisas podem, dependendo das circunstâncias, ser apreciadas de formas muito diferentes, ou mesmo todos os opostos: assim, quando a resistência a uma invasão estrangeira é obra de um povo ocidental, é chamado de "patriotismo" e é digno de todos os elogios; quando é obra de um povo oriental, é chamado de "fanatismo" ou "xenofobia" e não merece nada além de ódio ou desprezo. Além disso, não é em nome de "Lei", "Liberdade", "Justiça" e "Civilização" que os europeus afirmam impor sua dominação em todos os lugares, e proibir todo homem de viver e pensar o contrário do que eles mesmos vivem e pensam? Concordaremos que o "moralismo" é realmente uma coisa admirável, a menos que prefira simplesmente concluir, como nós mesmos, que, com exceções que são ainda mais honrosas porque são mais raras, dificilmente há dois tipos de pessoas no Ocidente, ambas bastante pouco inspiradoras: os ingênuos que se pegam nessas grandes palavras e que acreditam em sua "missão civilizadora", desconhecendo que eles são da barbárie materialista em que estão imersos, e os hábeis que exploram este estado de espírito para a satisfação de seus instintos de violência e ganância. De qualquer forma, o que é certo é que os orientais não ameaçam ninguém e dificilmente pensam em invadir o Ocidente de forma alguma; eles têm, no momento, o suficiente para se defenderem contra a opressão europeia, que corre o risco de atingi-los mesmo em suas mentes; e é pelo menos curioso ver os agressores se passarem por vítimas.

Esse esclarecimento foi necessário, pois há certas coisas que precisam ser ditas; mas nós nos censuraríamos por insistir mais nisso, a tese dos "defensores do Ocidente" sendo realmente muito frágil e inconsistente. Além disso, se saímos por um momento da reserva que costumamos observar no que diz respeito às individualidades para citar o Sr. Henri Massis, é principalmente porque ele representa, nas circunstâncias, uma

determinada parte da mentalidade contemporânea, que também devemos levar em conta neste estudo sobre o estado do mundo moderno. Como esse "tradicionalismo" inferior, de mente estreita e incompreensível, talvez até mesmo bastante artificial, se oporia a um espírito do qual compartilha tantos preconceitos? Em ambos os lados, é, mais ou menos, a mesma ignorância dos verdadeiros princípios; é o mesmo viés negar tudo que vai além de um certo horizonte; é a mesma incapacidade de compreender a existência de diferentes civilizações, a mesma superstição do "classicismo" greco-latino. Essa reação insuficiente é de nosso interesse apenas na que marca uma certa insatisfação com o estado atual entre alguns de nossos contemporâneos; dessa mesma insatisfação, há também outras manifestações que provavelmente irão mais longe se fossem bem direcionadas; mas, no momento, tudo isso é muito caótico, e ainda é muito difícil dizer o que vai emergir dele. No entanto, algumas previsões a esse respeito podem não ser totalmente inúteis; e, uma vez que estão intimamente ligados ao destino do mundo de hoje, podem, ao mesmo tempo, servir como conclusões para o presente estudo, na medida em que é permitido tirar conclusões deles sem dar à ignorância "profana" a oportunidade de ataques muito fáceis, desenvolvendo considerações imprudentes que seriam impossíveis de justificar por meios comuns. Não estamos entre aqueles que pensam que tudo pode ser dito indiferentemente, pelo menos quando deixamos a doutrina pura para chegar às aplicações; há, então, certas reservas que são necessárias, e questões de conveniência que devem inevitavelmente surgir; mas essas reservas legítimas, e até indispensáveis, não têm nada em comum com certos medos infantis que são apenas o efeito de uma ignorância comparável à de um homem que, de acordo com a proverbial expressão hindu, "toma uma corda por uma cobra". Goste ou não, o que precisa ser dito será dito como as circunstâncias exigem; nem os esforços de autosserviço de alguns, nem a hostilidade inconsciente de outros, podem impedir que isso aconteça, mais do que, por outro lado, a impaciência daqueles que, impulsionados pela pressa febril do mundo moderno, gostariam de saber tudo de uma vez, poderão fazer certas coisas conhecidas lá fora antes do que o apropriado; mas este último será pelo menos capaz de consolar-se pensando que a marcha acelerada de eventos, sem dúvida, lhes dará uma satisfação bastante rápida; que eles não tenham

que se arrepender, então, de terem se preparado insuficientemente para receber conhecimento que muitas vezes buscam com mais entusiasmo do que verdadeiro discernimento!

Capítulo IX

ALGUMAS CONCLUSÕES

Acima de tudo, queríamos mostrar aqui como a aplicação dos dados tradicionais torna possível resolver as questões que atualmente surgem da forma mais imediata, explicar o estado atual da humanidade, e ao mesmo tempo julgar de acordo com a verdade, e não de acordo com regras convencionais ou preferências sentimentais, tudo o que constitui adequadamente a civilização moderna. Além disso, não fingimos esgotar o assunto, tratá-lo em todos os seus detalhes, nem desenvolver plenamente todos os seus aspectos sem negligenciar nada disso; os princípios dos quais estamos constantemente inspirados nos obrigam a apresentar visões essencialmente sintéticas, e não analíticas, como as do conhecimento "secular"; mas essas visões, precisamente por serem sintéticas, vão muito mais longe na direção de uma explicação verdadeira do que qualquer análise, que na realidade tem pouco mais do que um mero valor descritivo. De qualquer forma, achamos que dissemos o suficiente para permitir que aqueles que são capazes de entender, se desenhe, do que temos exposto, pelo menos algumas das consequências implícitamente contidas nela; e eles devem estar bem convencidos de que este trabalho será benéfico para eles além de uma leitura que não deixa espaço para reflexão e meditação, para as quais, pelo contrário, só queríamos fornecer um ponto de partida adequado, apoio suficiente para superar a vã multidão de opiniões individuais.

Ainda temos algumas palavras a dizer sobre o que podemos chamar de escopo prático de tal estudo; poderíamos negligenciar ou perder o interesse neste escopo se tivéssemos aderido à doutrina metafísica pura, em relação à qual toda aplicação é apenas contingente e acidental; mas, aqui, são precisamente as aplicações que estamos falando. Além disso, além de qualquer ponto de vista prático, estes têm uma dupla razão: são as consequências legítimas dos princípios, o desenvolvimento normal de uma doutrina que, sendo uma e universal, deve abraçar todas as ordens da realidade sem exceção; e, ao mesmo tempo, são também, para alguns, pelo menos, um meio preparatório para subir a um conhecimento superior, como explicamos sobre a "ciência sagrada". Mas, além disso, não é proibido, quando se está no campo das aplicações, considerá-las também em si mesmas e em seu próprio valor, desde que nunca se seja levado por isso a perder de vista seu apego aos princípios; esse perigo é muito real, pois é a partir disso que a degeneração que deu origem a resultados da "ciência secular", mas não existe para aqueles que sabem que tudo deriva e depende inteiramente da intelectualidade pura, e que o que não procede a ela conscientemente só pode ser ilusório. Como dissemos muitas vezes antes, tudo deve começar com o conhecimento; e o que parece estar mais distante da ordem prática é, no entanto, o mais eficaz nesta mesma ordem, pois é sem o qual, tanto assim como em qualquer outro lugar, é impossível realizar qualquer coisa que seja realmente válida, que seja qualquer coisa que não seja agitação vaidosa e superficial. É por isso que, para voltar mais especificamente à questão diante de nós no momento presente, podemos dizer que, se todos os homens entendessem o que o mundo moderno realmente é, ele deixaria imediatamente de existir, porque sua existência, como a da ignorância e tudo o que é limitação, é puramente negativa: é apenas através da negação da verdade tradicional e supra-humana. Essa mudança ocorreria, portanto, sem qualquer catástrofe, o que parece quase impossível por qualquer outra forma; estamos errados, então, se afirmarmos que tal conhecimento é suscetível a consequências práticas verdadeiramente incalculáveis? Mas, por outro lado, infelizmente parece muito difícil admitir que todos chegam a esse conhecimento, a maioria dos quais os homens estão certamente mais distantes do que nunca; é verdade que isso não é de forma alguma necessário, pois basta que uma pequena, mas fortemente constituída elite dê direção à massa, que

obedeceria às suas sugestões sem sequer ter a menor ideia de sua existência ou seus meios de ação. A constituição efetiva de essa elite ainda é possível no Ocidente?

Não pretendemos voltar atrás em tudo o que já tivemos a oportunidade de expor em outros lugares no que diz respeito ao papel da elite intelectual nas diversas circunstâncias que podem ser previstas como possíveis para um futuro mais ou menos iminente. Limitaremos-nos, portanto, a dizer o seguinte: seja qual for a forma como a mudança que constitui o que pode ser chamado de passagem de um mundo para outro é realizada, seja um ciclo mais ou menos extenso, essa mudança, mesmo que tenha o aparecimento de uma ruptura repentina, nunca implica uma absoluta descontinuidade, pois há uma sequência causal que conecta todos os ciclos juntos. A elite de que estamos falando, se conseguir se formar enquanto ainda há tempo, poderia preparar a mudança de tal forma que ocorre sob as condições mais favoráveis, e que a desordem que inevitavelmente a acompanhará é de alguma forma reduzida a um mínimo; mas, mesmo que não seja esse o caso, sempre terá outra tarefa, ainda mais importante, a de contribuir para a preservação do que deve sobreviver ao mundo atual e servir para construir o mundo futuro. É óbvio que não devemos esperar até que a descida seja concluída para preparar a subida, pois sabemos que essa subida acontecerá necessariamente, mesmo que não possamos evitar que a descida leve a algum cataclisma de antemão; e, portanto, em qualquer caso, o trabalho feito não será perdido: não pode ser perdido quanto aos benefícios que a elite derivará dele para si, mas também não será perdido quanto aos seus resultados subsequentes para toda a humanidade.

Agora, veja como olhar para ela: a elite ainda existe nas civilizações orientais, e, assumindo que está encolhendo lá cada vez mais diante da invasão moderna, ela ainda subsiste até o fim, porque é necessário que seja assim para manter o depósito da tradição que não pode perecer, e garantir a transmissão de tudo o que deve ser preservado. No Ocidente, por outro lado, a elite não existe mais; podemos, portanto, nos perguntar se ele vai reformar lá antes do fim do nosso tempo, ou seja, se o mundo ocidental, apesar de seu desvio, terá uma parte nessa conservação e transmissão; se este não for o caso, a consequência será que sua civilização terá que perecer inteiramente, porque não haverá nenhum elemento nele que possa

ser usado para o futuro, porque todos os traços do espírito tradicional terão desaparecido. A questão, assim colocada, pode ter apenas uma importância muito secundária quanto ao resultado final; no entanto, é de algum interesse, do ponto de vista relativo, que devemos levar em conta, quando concordamos em levar em conta, as condições particulares do período em que vivemos. Em princípio, pode ser suficiente para apontar que este mundo ocidental é, apesar de tudo, uma parte do todo do qual parece ter se destacado desde o início dos tempos modernos, e que, na integração final do ciclo, todas as partes devem encontrar-se de alguma forma; mas isso não implica necessariamente uma restauração prévia da tradição ocidental, pois ela pode ser preservada apenas no estado de possibilidade permanente em sua própria fonte, além da forma especial que tomou em um dado momento. Além disso, damos isso apenas como uma indicação, pois, para entendê-la plenamente, seria necessário envolver a consideração das relações da tradição primordial e das tradições subordinadas, o que não podemos pensar em fazer aqui. Este seria o caso mais desfavorável para o mundo ocidental tomado em si mesmo, e seu estado atual pode levantar temores de que este caso seja realmente realizado; no entanto, dissemos que há alguns sinais de que toda a esperança de uma solução melhor ainda não está permanentemente perdida.

Há agora, no Ocidente, um número maior do que pensamos de homens que estão começando a se conscientizar do que está faltando em sua civilização; se elas são reduzidas a aspirações imprecisas e muitas vezes pesquisas estéreis, se mesmo elas se desviarem completamente, é porque não possuem dados reais aos quais nada pode substituir, e porque não há organização que possa fornecer-lhes a direção doutrinária necessária. Não estamos falando, é claro, sobre aqueles que foram capazes de encontrar essa direção nas tradições orientais, e que estão assim, intelectualmente, fora do mundo ocidental; aqueles, que só podem representar um caso excepcional, não podem de forma alguma ser parte integrante de uma elite ocidental; eles são, na realidade, uma extensão das elites orientais, que poderiam se tornar um elo entre eles e a elite ocidental no dia em que esta última viria a se constituir; mas pode, por definição, ser constituída apenas por uma iniciativa adequadamente ocidental, e é aí que reside toda a dificuldade. Essa iniciativa só é possível de duas formas: ou o Ocidente

encontrará os meios em si, através de um retorno direto à sua própria tradição, um retorno que seria como um despertar espontâneo de possibilidades latentes; ou alguns elementos ocidentais realizarão este trabalho de restauração com a ajuda de um certo conhecimento das doutrinas orientais, conhecimento que, no entanto, não pode ser absolutamente imediato para eles, uma vez que devem permanecer ocidentais, mas que podem ser obtidos por uma espécie de influência em segundo grau, exercida através de intermediários como aqueles a que nos referimos anteriormente. A primeira dessas duas hipóteses é altamente improvável, pois implica a existência, no Ocidente, de pelo menos um ponto onde o espírito tradicional teria sido preservado em sua totalidade, e temos dito que, apesar de certas afirmações, essa existência nos parece extremamente duvidosa; é, portanto, a segunda hipótese que precisa ser examinada mais de perto.

Neste caso, seria vantajoso, embora não absolutamente necessário, que a elite em treinamento pudesse tomar um ponto de apoio em uma organização ocidental que já tem uma existência efetiva; mas parece que agora há apenas uma organização no Ocidente que tem um caráter tradicional, e que mantém uma doutrina capaz de fornecer o trabalho em questão com uma base apropriada: é a Igreja Católica. Bastaria restaurar a doutrina deste último, sem mudar nada para a forma religiosa em que se apresenta fora, o profundo significado que realmente tem em si, mas do qual seus representantes atuais parecem não estar mais conscientes, nem de sua unidade essencial com as outras formas tradicionais; as duas coisas, por sinal, são inseparáveis uma da outra. Esta seria a realização do Catolicismo no verdadeiro sentido da palavra, que, etimologicamente, expressa a ideia de "universalidade", que é esquecida um pouco demais por aqueles que gostariam de torná-la a denominação exclusiva de uma forma especial e puramente ocidental, sem qualquer vínculo efetivo com outras tradições; e pode-se dizer que, no atual estado de coisas, o Catolicismo tem apenas uma existência virtual, uma vez que realmente não encontramos nela a consciência da universalidade; mas não é menos verdade que a existência de uma organização com tal nome é uma indicação de uma possível base para uma restauração do espírito tradicional em seu sentido pleno, especialmente porque, na Idade Média,

já serviu de apoio a esse espírito no mundo ocidental. Seria, portanto, em suma, apenas uma reconstrução do que existia antes do desvio moderno, com as adaptações necessárias às condições de outra era; e, se alguns são surpreendidos ou protestam contra tal ideia, é porque eles mesmos, sem seu conhecimento e talvez contra sua vontade, estão imbuídos da mente moderna a ponto de terem perdido completamente o sentido de uma tradição da qual eles mantêm apenas a casca. Seria importante saber se o formalismo da "carta", que ainda é uma das variedades do "materialismo", como ouvimos acima, tem definitivamente sufocado a espiritualidade, ou se ela é apenas temporariamente obscurecida e ainda pode despertar dentro do próprio interior da organização existente; mas é apenas a sequência de eventos que vai tornar possível perceber isso.

Pode ser, além disso, que esses eventos em si, mais cedo ou mais tarde, imponham aos líderes da Igreja Católica, como uma necessidade inevitável, o que eles não entenderiam diretamente do ponto de vista da intelectualidade pura; seria certamente lamentável se, a fim de dar-lhes alimento para o pensamento, circunstâncias tão contingentes como as do campo político, consideradas fora de qualquer princípio superior; mas deve-se admitir que a oportunidade para o desenvolvimento de possibilidades latentes deve ser proporcionada a todos pelos meios que estão mais imediatamente ao alcance de seu entendimento atual. É por isso que vamos dizer o seguinte: diante do agravamento de uma desordem que está se tornando cada vez mais generalizada, é necessário apelar para a união de todas as forças espirituais que ainda exercem a ação no mundo externo, no Ocidente e no Oriente; e, no lado ocidental, não vemos nada além da Igreja Católica. Se estes pudessem assim entrar em contacto com os representantes das tradições orientais, só teríamos de nos felicitar por este primeiro resultado, que poderia ser precisamente o ponto de partida do que temos em vista, porque não teríamos dúvidas em breve. que um entendimento meramente externo e "diplomático" seria ilusório e não poderia ter as consequências desejadas, de modo que seria necessário chegar ao que se deveria normalmente ter começado, ou seja, considerar o acordo sobre princípios, um acordo cuja condição necessária e suficiente seria que os representantes do Ocidente se tornassem realmente cientes desses princípios novamente, como são sempre os do Oriente. A

verdadeira compreensão, vamos dizer novamente, só pode ser realizada de cima e de dentro, portanto, no campo que pode ser chamado indiferentemente de intelectual ou espiritual, porque, para nós, essas duas palavras têm, basicamente, exatamente o mesmo significado; então, e a partir daí, o acordo também seria necessariamente estabelecido em todas as outras áreas, assim como, quando um princípio é estabelecido, só é necessário deduzir dele, ou melhor, "explicar" todas as consequências envolvidas nele. Só pode haver um obstáculo para isso: é o proselitismo ocidental, que não pode admitir que às vezes devemos ter "aliados" que não são "sujeitos"; ou, para falar com mais precisão, é a falta de compreensão de que esse proselitismo é apenas um dos efeitos; esse obstáculo será superado? Se não fosse, a elite, para se constituir, teria que contar apenas com o esforço daqueles que seriam qualificados por sua capacidade intelectual, fora de qualquer meio definido, e também, é claro, no apoio do Oriente; seu trabalho seria dificultado e sua ação só poderia ser exercida a longo prazo, uma vez que teria que criar todos os instrumentos em si, em vez de encontrá-los totalmente preparados como no outro caso; mas não acreditamos que essas dificuldades, por mais grandes que sejam, são como evitar o que deve ser realizado de uma forma ou de outra.

Por isso, consideramos apropriado afirmar novamente: já existem certas indicações no mundo ocidental de um movimento que ainda não está claro, mas que pode e deve levar à reconstituição de uma elite intelectual, a menos que um cataclisma ocorra muito rapidamente para permitir que ele se desenvolva até o fim. Não é necessário dizer que a Igreja teria todo o interesse, quanto ao seu futuro papel, em de alguma forma antecipar tal movimento, em vez de deixá-lo acontecer sem ela e ser forçada a segui-lo tarde, a fim de manter uma influência que ameaçaria escapar dela; não é necessário colocar-se em um ponto de vista muito alto para entender que, em suma, teria as maiores vantagens e que, além disso, longe de exigir de sua parte o menor compromisso na ordem doutrinária, resultaria em livrar-se de qualquer infiltração da mente moderna, e pelo qual nada seria alterado externamente. Seria um tanto paradoxal ver o Catolicismo integral concretizar-se sem a ajuda da Igreja Católica, que talvez se encontrasse na obrigação singular de aceitar ser defendida contra

agressões mais terríveis do que aquelas que já sofreu por homens a quem seus líderes, ou pelo menos aqueles a quem eles deixaram falar em seu nome, teriam primeiro procurado desacreditar, lançando sobre eles a mais infundada suspeita; e, de nossa parte, lamentaríamos se assim fosse; mas, se não queremos que as coisas cheguem a este ponto, é chegada a hora, para aqueles a quem a sua situação confere as responsabilidades mais sérias, de agirem com pleno conhecimento dos fatos e permitirem apenas tentativas que possam ter consequências da maior importância e que correm o risco de serem detidas pela incompreensão ou malícia de uns poucos indivíduos mais ou menos subordinados, o que já foi visto e que mostra mais uma vez que nenhuma desordem reina hoje em dia. Prevemos plenamente que não seremos gratos por essas advertências, que damos com total independência e de maneira totalmente altruísta; não importa para nós, e continuaremos a dizer o que precisa ser dito, quando necessário e na forma que julgarmos mais adequada às circunstâncias. O que estamos dizendo agora é apenas o resumo das conclusões às quais fomos conduzidos por alguns "experimentos" muito recentes, realizados, não é preciso dizer, em um terreno puramente intelectual; não temos, pelo menos por enquanto, para entrar em detalhes sobre este assunto que, além disso, seria de pouco interesse em si mesmos; mas podemos afirmar que não há, no acima, uma única palavra que escrevemos sem ter pensado nisso cuidadosamente. Que seja bem sabido que seria perfeitamente inútil tentar opor-se a isso com sofismas filosóficos que queremos ignorar; falamos seriamente sobre assuntos sérios, não temos tempo a perder em discussões verbais que não nos interessam, e pretendemos permanecer totalmente alheios a qualquer controvérsia, a qualquer discussão escolar ou partidária, assim como nos recusamos a nos deixar aplicar qualquer rótulo ocidental, porque não há nenhum que nos sirva; se agrada ou desagrada alguns, é assim que é, e nada pode fazer mudar nossa atitude a esse respeito. Devemos agora fazer soar uma advertência àqueles que, por sua aptidão para uma compreensão superior, senão pelo grau de conhecimento que realmente alcançaram, parecem destinados a pertencer à possível elite. Não há dúvida de que a mente moderna, verdadeiramente "diabólica" em todos os sentidos da palavra, se esforça por todos os meios para evitar que esses elementos, agora isolados e dispersos, consigam adquirir a coesão necessária para exercer uma ação real sobre a

mentalidade geral. Cabe, pois, àqueles que já, mais ou menos completamente, se conscientizarem da meta para a qual devem dirigir seus esforços, não se deixarem desviar pelas dificuldades, quaisquer que sejam, que surgirão diante deles. Para aqueles que ainda não chegaram ao ponto em que não é mais possível desviar-se do verdadeiro caminho, os desvios mais graves devem ser sempre temidos; faz-se necessária a maior prudência, e diríamos mesmo de boa vontade que deve ser levado ao ponto da desconfiança, porque o "adversário", que até agora não foi definitivamente derrotado, sabe aproveitar ao máximo diversas e às vezes as formas mais inesperadas. Acontece que aqueles que acreditam ter escapado do "materialismo" moderno são tomados por coisas que, apesar de parecerem se opor a ela, são de fato da mesma ordem; e, dada a virada de espírito dos ocidentais, é apropriado, a este respeito, alertá-los mais particularmente contra a atração que pode exercer sobre eles os "fenômenos" mais ou menos extraordinários; é daí que vêm todos os erros "neo-espíritas", e espera-se que esse perigo se agrave ainda mais, porque as forças obscuras que mantêm a desordem atual encontram aqui um de seus meios de ação mais poderosos. É até provável que não estejamos mais muito longe da época a que essa previsão evangélica que já recordamos em outros lugares se relaciona: "Falsos Cristos e falsos profetas se erguerão, que farão grandes maravilhas e coisas surpreendentes, a ponto de seduzir, se fosse possível, os próprios eleitos". Os "eleitos" são, como a palavra sugere, aqueles que fazem parte da "elite" compreendida na plenitude de seu verdadeiro significado, e, além disso, vamos dizer nesta ocasião que é por isso que mantemos este termo de "elite" apesar do abuso que é feito dele no mundo "profano"; aqueles, em virtude da "realização" interior a que têm alcançado, não podem mais ser enganados, mas o mesmo não acontece com aqueles que, ainda tendo neles apenas possibilidades de conhecimento, são devidamente "chamados"; e é por isso que o evangelho diz que lá são "muitos chamados, mas poucos escolhidos". Estamos entrando em um momento em que será particularmente difícil "distinguir as piches do trigo, para realmente realizar o que os teólogos chamam de "discernimento dos espíritos", por causa das manifestações desordenadas que só se intensificarão e se multiplicarão, e também pela falta de conhecimento verdadeiro naqueles cuja função normal deve ser orientar os outros, e que hoje são muitas

vezes apenas "guias cegos". Veremos então se, em tais circunstâncias, as sutilezas dialéticas são de alguma utilidade, e se é uma "filosofia", mesmo a melhor possível, o que será suficiente para impedir o desencadeamento dos "poderes infernais"; esta é novamente uma ilusão contra a qual alguns têm que se defender, pois há muitas pessoas que, ignorando o que é pura intelectualidade, imaginam que o conhecimento meramente filosófico, que, mesmo no caso mais favorável, é apenas uma sombra do verdadeiro conhecimento, é capaz de remediar tudo e afetar a recuperação da mentalidade contemporânea, como há também aqueles que acreditam que eles encontram na própria ciência moderna uma maneira de subir a verdades mais altas, que essa ciência se baseia precisamente na negação dessas verdades. Todas essas ilusões são todas causas de perplexidade; muitos esforços são, portanto, gastos em pura perda, e este é o número de pessoas que sinceramente reagiriam contra a mente moderna são reduzidas à impotência, porque, tendo falhado em encontrar os princípios essenciais sem os quais toda a ação é absolutamente em vão, eles se permitiram ser arrastados para becos sem saída dos quais não é mais possível que eles escapem.

Aqueles que conseguirem superar todos esses obstáculos, e triunfar sobre a hostilidade de um ambiente oposto a toda a espiritualidade, serão, sem dúvida, poucos; mas, novamente, não é o número que importa, porque estamos aqui em uma área cujas leis são bem diferentes das da matéria. Não há, portanto, necessidade de desespero; e, se não houvesse esperança de alcançar um resultado sensato antes que o mundo moderno caísse em alguma catástrofe, isso ainda não seria uma razão válida para não empreender um trabalho cujo escopo real se estende muito além da época atual. Aqueles que seriam tentados a ceder ao desânimo devem pensar que nada que seja realizado nesta ordem pode ser perdido, que a desordem, o erro e a escuridão só podem prevalecer na aparência e de forma muito momentânea, que todos os desequilíbrios parciais e transitórios devem necessariamente contribuir para o grande equilíbrio total, e que nada pode, em última instância, prevalecer contra o poder da verdade; seu lema deve ser aquele que já foi adotado por algumas organizações iniciáticas do Ocidente: *Vincit omnia Veritas (A verdade vence tudo)*.

O Autor



René Jean Marie Joseph Guénon (na foto aos 38 anos, em 1925, nasceu em 15 de novembro de 1886 na cidade de Blois, na região de Loir-et-Cher, na França, e morreu em 7 de janeiro de 1951, aos 64 anos, no Cairo, Egito.

Autor e intelectual esotérico, influente no domínio da metafísica e considerado um escritor importante na escola perenialista de filosofia, escreveu sobre temas que vão desde a crítica social e estudos perenes ao

simbolismo e iniciação. Seus principais trabalhos são: A Crise do Mundo Moderno; O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos; Os Símbolos da Ciência Sagrada; O Esoterismo de Dante; O Erro Espírita; e Autoridade Espiritual e Poder Temporal.

Nestes e em outros livros trata do Não-dualismo, Advaita Vedânta, Platonismo, Sufismo, Metafísica, Iniciação, Mitos, Gnosticismo, Maçonaria, Matemática, Crítica Social e Religiões Comparadas. Suas ideias notáveis acabaram por, a partir da perspectiva de antigas tradições de sabedoria e ideias orientais, revigorar o esoterismo ocidental.

Guénon nasceu em uma família católica e estudou em escolas religiosas da cidade de Blois antes de se estabelecer em Paris em 1904 para preparar exames de admissão para as grandes universidades. Em 1905, decidiu mergulhar nos círculos ocultistas da capital e fazer da busca metafísica o objetivo de sua vida. Frequentou círculos esotéricos e contribuiu para muitas publicações dedicadas às religiões. No ano de seu casamento com uma amiga da família, Berthe Loury, em 1912, ele foi lançado como maçom e iniciado sob o nome de Abdel Wahed Yahia (Servo do Único). Após a morte de sua esposa em 1928, deixou Paris e partiu para o Egito. Estabeleceu vida no Cairo em 1930, casou-se com filha de um xeque em 1934 e morreu na terra árabe em 1951.

Seu primeiro livro, intitulado "Introdução ao estudo das doutrinas hindus" (1921), constitui o fundamento de todo o seu trabalho. Nele, Guénon postula que qualquer tradição autêntica é uma forma secundária da "Tradição Primitiva" de origem supra-humana. Daqui resulta que, de qualquer forma tradicional relacionada a uma fonte não humana, podemos redescobrir o mesmo fundamento, a verdade comum, o Princípio único na origem do que quer que seja.

Para Guénon, os símbolos são os verdadeiros veículos da transmissão do conhecimento tradicional. Sem os símbolos, o acesso à fonte do conhecimento ancestral seria drenado há muito tempo, pois o símbolo é capaz de sugerir uma realidade de ordem superior em uma representação de ordem inferior.

Quando escreveu para a revista Regnabit, Guénon dedicou uma série de artigos sobre o "simbolismo do centro". Explicou que o centro é sem forma, sem dimensão e, portanto, indivisível. É o símbolo da "unidade primordial", que representa o "Princípio" e que está na origem de tudo. O círculo simboliza o mundo. O círculo depende inteiramente do centro, enquanto o último é totalmente independente do primeiro.

Guénon influenciou muitos artistas, em particular o movimento surrealista. Exemplos de escritores e artistas influenciados por Guénon incluem Alain Danielou, André Malraux, Albert Gleizes, André Breton, Antonin Artaud, Marco Pallis, René Daumal, Raymond Queneau, Georges Bataille e Paul Ackerman.

Guénon se declarava apolítico e rejeitou qualquer interpretação política de seu trabalho.

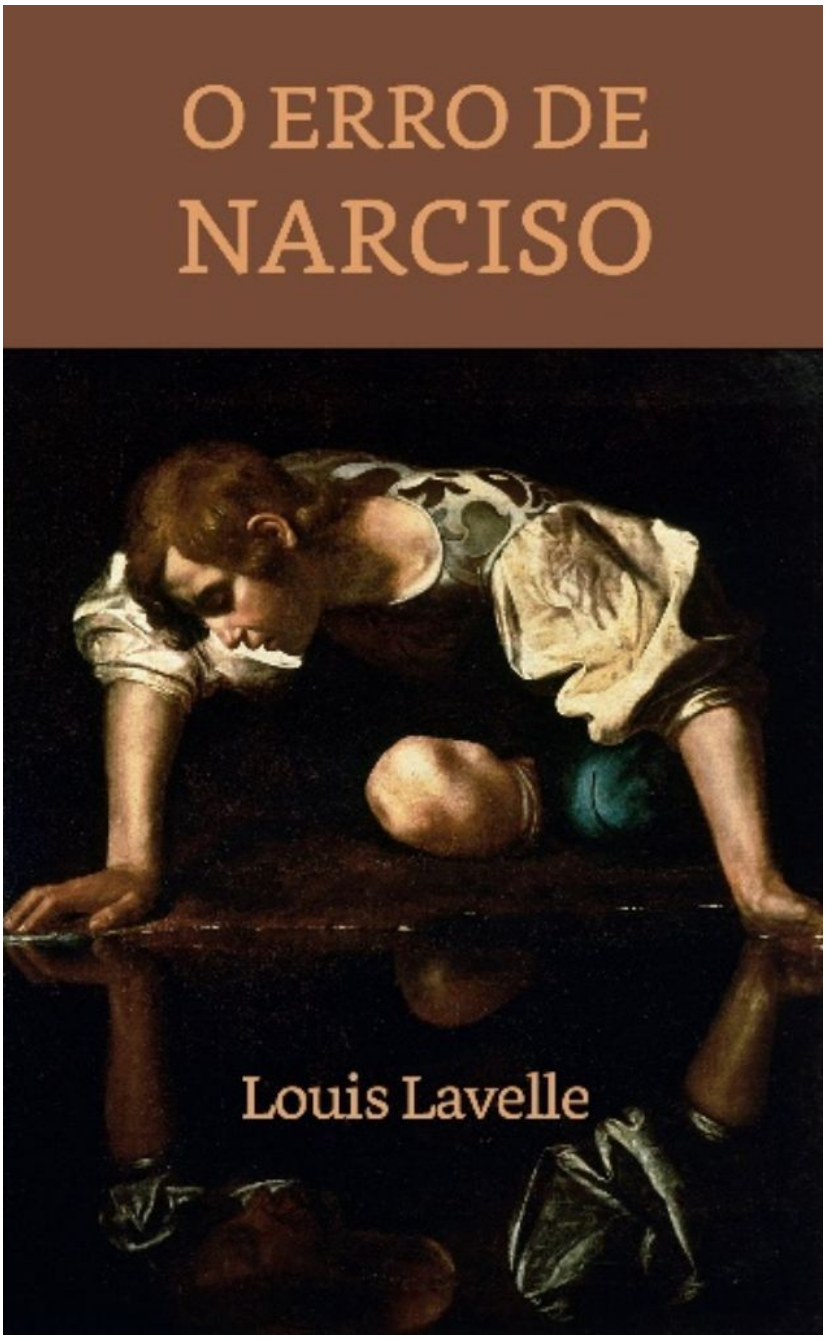
OUTRAS OBRAS DA
CONVIVIVM

René Guénon





AUTORIDADE ESPIRITUAL E PODER TEMPORAL



TODOS OS LIVROS EDITADOS
PELA CONVIVIVM

---

[1] *Kali-Yuga*, também pode ser grafado como Cáli Iuga, é um período que aparece nas escrituras hindus. É a última das quatro etapas que o mundo atravessa, sendo, as demais: *Satia Yuga*, *Treta Yuga* e *Duapara Yuga*. Seu ponto de início e sua duração têm dado origem a diferentes avaliações e interpretações. De acordo com a mais conhecida, o Sidanta Suria, *Kali-Yuga* começou à meia-noite em 18 de fevereiro de 3102 a.C. no calendário juliano, ou 23 de janeiro de 3102 a.C. no calendário gregoriano, considerada a data em que Krishna deixou a

Terra para retornar a Goloka Vrindavana, sua morada espiritual. *Kali-Yuga* está associado ao demônio Cali (não deve ser confundido com a deusa Cali). O "Cáli" significa "conflito", "discórdia" ou "disputa". A maioria dos intérpretes das escrituras hindus, tais como Prabhupada, acreditam que a Terra está atualmente em Cáli Iuga. Muitos outros, como Sri Yukteswar Giri e Paramahansa Yogananda, acreditam que agora é Duapara Yuga. E alguns, como Aurobindo, afirmam que *Kali-Yuga* já acabou. A era de *Kali-Yuga* é também denominada a Era de Ferro, e sua duração proposta é de 432 000 anos (já tendo se passado 5 000 segundo o Sidanta Surya), embora outras durações tenham sido propostas.

[2] Isso se relaciona com a função de "preservação divina", que na tradição hindu é representada por Vishnu, e mais particularmente com a doutrina dos Avatâras ou "descidas" do princípio divino ao mundo manifesto, que não podemos naturalmente considerar desenvolver aqui.

[3] Deve-se notar que o nome de Zoroaster na verdade designa, não um personagem particular, mas uma função, tanto profética quanto legislativa; houve várias estrelas de Zoro, que viveram em épocas muito diferentes; e é mesmo verdade que esta função deve ter tido um caráter coletivo, como a de Vyâsa na Índia, e da mesma forma que no Egito, que foi atribuída a Thoth ou Hermes representa o trabalho de toda a casta sacerdotal.

[4] A questão do budismo está, de fato, longe de ser tão simples quanto esta breve visão geral pode sugerir; e é interessante notar que, se os hindus, do ponto de vista de sua própria tradição, sempre condenaram os budistas, muitos deles, no entanto, têm grande respeito pelo próprio Buda, alguns até mesmo indo tão longe a ponto de vê-lo como o nono Avatara, enquanto outros o identificam com Cristo. Por outro lado, no que diz respeito ao Budismo como é conhecido hoje, devemos ter o cuidado de distinguir entre suas duas formas de Mahâyâna e Hîna-yâna, ou de "Grande Veículo" e de "Pequeno Veículo"; de modo geral, pode-se dizer que o budismo fora da Índia difere muito de sua forma indiana original, que começou a perder terreno rapidamente após a morte de Ashoka e desapareceu completamente alguns séculos depois.

[5] Este caso não é peculiar à Índia e também é encontrado no Ocidente. É exatamente pela mesma razão que não encontramos vestígio das cidades gaulesas, cuja existência é, porém, incontestável, sendo atestadas por testemunhos contemporâneos; e, também aqui, os historiadores modernos aproveitaram essa ausência de monumentos para retratar os gauleses como selvagens que viviam nas florestas.

[6] Na mitologia grega, os hiperbóreos eram um povo mítico que vivia no extremo norte do mundo conhecido. Seu nome parece derivar do grego ὑπencha Βορέᾶ, "além de Boreas" (o Vento do Norte personificado), embora alguns estudiosos prefiram uma derivação de ὑπερφ thirtyω ("transportar"). Apesar de sua localização em uma parte fria do mundo, acreditava-se que os hiperbóreos viviam em uma terra ensolarada, temperada e divinamente abençoada. Em muitas versões da história, eles viviam ao norte das Montanhas Riphean, que os protegiam dos efeitos do frio Vento Norte. Os mitos mais antigos os retratam como os favoritos de Apolo, e alguns escritores gregos antigos consideravam os hiperbóreos os fundadores míticos dos santuários de Apolo em Delos e Delfos.

[7] A relação aqui é muito semelhante à que existe na doutrina taoísta entre o estado do "homem talentoso" e o do "homem transcendente".

[8] Citaremos apenas dois exemplos, entre fatos desse tipo que teriam as consequências mais graves: a alegada invenção da imprensa, que os chineses conheciam antes da era cristã, e a

descoberta "oficial" da América, com as quais comunicações muito mais extensas do que se pensa existiram durante a Idade Média.

[9] Essa lei foi representada, nos mistérios de Elêusis, pelo simbolismo do grão de trigo; os alquimistas a representaram pela “putrefação” e pela cor negra que marca o início da “Grande Obra”; o que os místicos cristãos chamam de "noite escura da alma" é apenas a aplicação ao desenvolvimento espiritual do ser que se eleva a estados mais elevados; e seria fácil apontar ainda mais correspondências.

[10] Mateus 18: 7.

[11] Esta denominação hoje já não se usa: o que Guènon se refere a Oriente Próximo é atualmente Oriente Médio; e o que é Oriente Médio hoje denomina-se Sul Asiático (N.T.).

[12] Contemplação e ação, de fato, são respectivamente as funções próprias das duas primeiras castas, a dos Brâmanes e a dos Xátrias; também seus relacionamentos são ao mesmo tempo aqueles de autoridade espiritual e poder temporal; mas não temos a intenção de considerar especificamente este lado da questão aqui, que merece ser tratado separadamente.

[13] Aqueles que duvidam dessa importância muito real, embora relativa, que as doutrinas tradicionais do Oriente e em particular a da Índia concedem à ação, teriam, para se convencer disso, apenas referir-se ao Bhagavad-Gita, que é — além disso, não deve ser esquecido se alguém quiser entender bem o seu significado —, um livro especialmente destinado ao uso dos Xátrias.

[14] É em virtude do relatório assim estabelecido que é dito que o Brâmane é o tipo de seres estáveis, e que o Xátria é o tipo de seres móveis ou mutantes; assim, todos os seres deste mundo, de acordo com suas naturezas, estão principalmente em relação com um ou outro, pois há uma correspondência perfeita entre a ordem cósmica e a ordem humana.

[15] Note-se, de facto, como consequência do carácter essencialmente momentâneo da ação, que, no domínio desta, os resultados estão sempre separados daquilo que os produz, enquanto o conhecimento, pelo contrário, traz os seus frutos em si.

[16] Da escola eleática. Escola filosófica pré-socrática que recebeu esse nome em função da cidade Eleia (da antiga Magna Grécia), situada no sul da Itália. Nessa escola havia quatro grandes filósofos: Xenófanes, Parmênides, Zenão e Melisso. Nesse grupo famoso de pensadores, as questões filosóficas concentram-se na comparação entre o valor do conhecimento sensível e o do conhecimento racional. De suas reflexões, resultou que o único conhecimento válido é aquele fornecido pela razão (N.T).

[17] Pouco depois de sua origem, o budismo na Índia tornou-se associado a uma das principais manifestações da revolta Xátria contra o governo dos brâmanes; e, como é fácil de entender pelas indicações anteriores, existe, em geral, uma ligação muito direta entre a negação de qualquer princípio imutável e o da autoridade espiritual, entre a redução de toda a realidade ao "devir" e a afirmação de a supremacia do poder temporal, cujo domínio próprio é o mundo da ação; e pode-se observar que o surgimento de doutrinas "naturalísticas" ou antimetafísicas sempre ocorre quando o elemento que representa o poder temporal assume, em uma civilização, o predomínio daquele que representa a autoridade espiritual.

[18] Pode-se notar que algo semelhante aconteceu na ordem social, onde os modernos reivindicaram separar o temporal do espiritual; não se trata de contestar que há duas coisas distintas aqui, uma vez que se referem a campos diferentes, assim como no caso da

metafísica e das ciências; mas, por um erro inerente à mente analítica, esquecemos que distinção não significa separação; logo, o poder temporal perde sua legitimidade, e o mesmo, na ordem intelectual, poderia ser dito em relação às ciências.

[19] A mesma observação é válida, do ponto de vista religioso, a respeito de uma certa "apologética" que afirma estar de acordo com os resultados da ciência moderna, uma obra perfeitamente ilusória e sempre a ser refeita, que apresenta aliás o grave perigo de parecer unir a religião a concepções mutáveis e efêmeras, das quais deve permanecer totalmente independente.

[20] Seria fácil dar exemplos aqui; citaremos apenas como uma das mais marcantes, a diferença de caráter das concepções sobre o éter na cosmologia hindu e na física moderna.

[21] É o que expressa uma denominação como a de upavêda, por exemplo, aplicada na Índia a certas "ciências tradicionais" e indicando a sua subordinação em relação ao Veda, ou seja, ao saber sagrado por excelência.

[22] Em nosso estudo do Esoterismo de Dante, indicamos o simbolismo da escala. Seguindo várias tradições, as escalas correspondem a certas ciências ao mesmo tempo que a estados de ser, o que necessariamente implica que essas ciências, em vez de serem consideradas de uma forma completamente "laica" como nos modernos, deu origem a uma transposição que lhes deu um alcance verdadeiramente "iniciático".

[23] É por isso que, de acordo com a doutrina hindu, os Bramanes devem manter suas mentes constantemente direcionadas ao conhecimento supremo, enquanto os Xátrias devem se aplicar ao estudo sucessivo dos vários estágios pelos quais eles estão lá.

[24] Este é o papel desempenhado, por exemplo, pelo simbolismo astronômico tão freqüentemente empregado nas várias doutrinas tradicionais; e o que estamos dizendo aqui pode revelar a verdadeira natureza de uma ciência como a astrologia antiga.

[25] A arte dos construtores da Idade Média pode ser mencionada como um exemplo particularmente notável dessas "artes tradicionais", cuja prática envolveu o conhecimento real das ciências correspondentes.

[26] Para se ter certeza disso, basta observar fatos como este: uma das ciências mais "sagradas", a cosmogonia, que tem seu lugar como tal em todos os livros inspirados, incluindo a Bíblia hebraica tornou-se, nos últimos tempos, o objeto das hipóteses mais puramente "seculares"; o domínio da ciência é o mesmo em ambos os casos, mas o ponto de vista é totalmente diferente.

[27] Este estado também deve ser mantido, segundo a palavra do Evangelho, até o "final do século", ou seja, até o final do ciclo atual.

[28] O que os homens chamam de acaso é simplesmente sua ignorância das causas; se alguém alegasse, ao dizer que algo acontece por acaso, significaria que não há causa, isso seria uma suposição contraditória em si mesma.

[29] De uma ordem de realidade a outra, a analogia, aqui como em todos os casos semelhantes, aplica-se estritamente na direção oposta.

[30] Basta ler Santo Tomás de Aquino para ver que "numerus stat ex parte materiae" (o número está do lado da matéria).

[31] Essa tendência é o que a doutrina hindu chama de tamas, e que assimila à ignorância e à obscuridade: será notado que, seguindo o que dissemos anteriormente na aplicação da analogia, a compressão ou condensação em questão é o oposto da concentração imaginada na ordem espiritual ou intelectual, de modo que, por mais singular que pareça à primeira vista, é na realidade correlativa da divisão e da dispersão na multiplicidade. O mesmo é verdade também para a uniformidade alcançada de baixo, no nível mais baixo, de acordo com a concepção "igualitária", e que está no extremo oposto da unidade superior e de princípio.

[32] É por isso que Dante coloca a estadia simbólica de Lúcifer no centro da terra, ou seja, no ponto onde as forças da gravidade convergem para todos os lados; é, desse ponto de vista, o reverso do centro de atração espiritual ou "celestial", que é simbolizado pelo sol na maioria das doutrinas tradicionais.

[33] Antes do século 18, havia teorias "mecanicistas" do atomismo grego à física cartesiana; mas não devemos confundir "mecanicismo" e "materialismo", apesar de certas afinidades que podem ter criado uma espécie de solidariedade de fato entre um e outro desde o surgimento do "materialismo" propriamente dito.

[34] *Satanás* em hebraico é "adversário", isto é, aquele que derruba todas as coisas e de certa forma as leva para trás; é o espírito de negação e subversão, que se identifica com a tendência descendente ou "inferiorizante", "infernal" no sentido etimológico, a mesma que os seres seguem neste processo de materialização segundo a qual se efetua todos os desenvolvimentos da civilização moderna.

[35] Sabemos que M. Massis não ignora as nossas obras, mas abstém-se cuidadosamente de lhes fazer qualquer alusão, porque iriam contrariar a sua tese; pelo menos o processo carece de cruzamento. Além disso, basta nos congratularmos com esse silêncio, que nos impede de ver as coisas misturadas com polêmicas desagradáveis que, por sua natureza, devem permanecer acima de qualquer discussão; há sempre algo doloroso no espetáculo da incompreensão "secular", embora a verdade da "doutrina sagrada" seja certamente, em si mesma, elevada demais para ser afetada.